

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
NÍVEL MESTRADO**

ALINE CALLEGARO DE PAULA BUENO

**UMA COALIZÃO DE DESIGN PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL:
propondo diálogos estratégicos entre ecossistemas criativos**

**Porto Alegre
2018**

ALINE CALLEGARO DE PAULA BUENO

**UMA COALIZÃO DE DESIGN PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL:
propondo diálogos estratégicos entre ecossistemas criativos**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design Estratégico, pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Prof.^a Dra. Ione Maria Ghislene Bentz

Porto Alegre

2018

B928c Bueno, Aline Callegaro de Paula.
Uma coalizão de design para a transformação social :
propondo diálogos estratégicos entre ecossistemas
criativos / Aline Callegaro de Paula Bueno. – 2018.
161 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Design, 2018.
“Orientadora: Prof.^a Dra. Ione Maria Ghislene Bentz.”

1. Design estratégico. 2. Inovação social. 3. Desenvolvimento
sustentável. 4. Coalizão de design. 5. Diálogo estratégico. I.
Título.

CDU 7.05

ALINE CALLEGARO DE PAULA BUENO

**UMA COALIZÃO DE DESIGN PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL:
propondo diálogos estratégicos entre ecossistemas criativos**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design Estratégico, pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovado em _____

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora e musa inspiradora Ione Bentz por ter acreditado que eu podia ir mais longe, pelo incansável e sempre prestativo compartilhamento de conhecimento e por ter sido a melhor companhia para navegar esses mares imprevistos e transformadores da construção do saber.

À CAPES e à UNISINOS por viabilizarem este estudo.

Ao meu amor Ney Caminha por ter me acompanhado nessa jornada e por mostrar diariamente que carinho e gentileza constituem a nossa melhor bússola.

Às minhas amigas-irmãs Antonia Wallig e Márcia Braga por serem pessoas inspiradoras quanto a fazer deste um mundo melhor e por colaborarem com suas sensibilidades e seus talentos para esta pesquisa.

Aos professores do PPG em Design da UNISINOS por abrirem meus olhos para as mais diferentes perspectivas, sejam pragmáticas ou reflexivas.

Aos queridos colegas da turma 2016/1 por compartilharem comigo essa intensa aventura que é o mestrado. Especialmente à Junção Sistêmica: Ana, Beta, Bruno, Camila e Marcelo!

Aos amigos Coral Michelin, Aron Litvin e Iuri Freiburger por todo o apoio durante o percurso.

Aos meus pais que muito me ensinaram os valores para um mundo mais justo, igualitário e resiliente.

À todos os integrantes dos ecossistemas criativos pesquisados que colaboraram doando seu tempo para nossos diálogos.

E às minhas amigas e amigos que me acompanharam e compreenderam os sumiços, as crises e as alegrias deste processo.

Se no início não dispomos de um método, pelo menos poder dispor do antimétodo, no qual ignorância, incerteza, confusão convertem-se em virtudes. (MORIN, 2016, p. 29).

RESUMO

Em um panorama em que acentuam-se a desigualdade econômica, os prejuízos ao meio ambiente e a exclusão social, grupos de pessoas têm atuado para mudar a realidade que os cerca em busca de modos mais sustentáveis de vida. Tais grupos realizam atividades que promovem inovações sociais e representam possíveis alternativas à lógica dominante de produção, consumo e convívio. No âmbito do design estratégico, entende-se esses grupos de pessoas como ecossistemas criativos, em que diversos atores interagem e produzem ações inovadoras com potencial transformador. Em Porto Alegre, identificamos ecossistemas criativos que realizam processos e práticas de inovação social em termos de gestão de suas iniciativas, de produção, de resistência e de convívio social. São eles: as casas colaborativas, os espaços coletivos de produção, as ocupações urbanas e as moradias compartilhadas. Embora existam características específicas de cada um, eles possuem valores e propósitos convergentes que apontam para uma sociedade mais justa, igualitária, democrática e resiliente. Neste sentido, são iniciativas que colaboram para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável elencados pela Organização das Nações Unidas em 2015. O objetivo desta pesquisa é explorar, pela perspectiva do design estratégico, a integração de tais ecossistemas criativos para que, com essa conexão, fortaleçam-se e sejam capazes de se configurar como uma alternativa viável à lógica dominante dos modos de ser e fazer, em especial na cidade de Porto Alegre. Para isso, mapeamos e analisamos suas atividades para que fosse possível propor, a partir de conceitos advindos de Manzini e Morin, uma coalizão de design através de diálogos estratégicos e de encontros colaborativos. Esta pesquisa busca, portanto, contribuir com as discussões sobre design para inovação social e sustentabilidade em um contexto brasileiro.

Palavras-chave: Design Estratégico. Inovação Social. Desenvolvimento Sustentável. Coalizão de Design. Diálogo Estratégico.

ABSTRACT

In a scenario where economic inequality, damage to the environment and social exclusion are accentuated, groups of people have been working to change the reality around them in search of more sustainable ways of living. Such groups carry out activities that promote social innovations and represent possible alternatives to the dominant logic of production, consumption and conviviality. In the scope of strategic design, these groups of people are understood as creative ecosystems, in which several actors interact and produce innovative actions with transforming potential. In Porto Alegre, we identified creative ecosystems that carry out processes and practices of social innovation in terms of managing their initiatives, production, resistance and social interaction. These are: collaborative houses, collective production spaces, urban occupations and shared housing. Although there are specific characteristics of each, they have convergent values and purposes that point to a more just, egalitarian, democratic and resilient society. In this sense, they are initiatives that collaborate to achieve the Sustainable Development Goals listed by the United Nations in 2015. The intention of this research is to explore, from a strategic design perspective, the integration of such creative ecosystems so that, with this connection, strengthen themselves and be able to configure themselves as a viable alternative to the dominant logic of the ways of being and doing, especially in the city of Porto Alegre. To do this, we mapped and analyzed its activities so that it was possible to propose, from concepts derived from Manzini and Morin, a design coalition through strategic dialogues and collaborative encounters. This research therefore seeks to contribute to the discussions about design for social innovation and sustainability in a Brazilian context.

Key-words: Strategic Design. Social Innovation. Sustainable Development. Design Coalition. Strategic Dialog.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Coalizões de Design	39
Figura 2 - Espectro dos Encontros Colaborativos	42
Figura 3 - Circuito Tetralógico	43
Figura 4 - Espectro Alternativo	45
Figura 5 - Inovação Social Conforme a Pesquisa TRANSIT	51
Figura 6 - Princípios Éticos e de Design da Permacultura	57
Figura 7 - Flor da Permacultura.....	58
Figura 8 - Arquipélago de Ecossistemas Criativos	65
Figura 9 - Arquipélago das Casas Colaborativas	74
Figura 10 Arquipélago dos Espaços Coletivos de Produção.....	81
Figura 11 - Remoções em Porto Alegre	84
Figura 12 - Projeto do Escritório AH! Arquitetura Humana.....	88
Figura 13 - Arquipélago das Ocupações Urbanas.....	92
Figura 14 - Diferença entre Co-Lar (Coliving ou Casa Compartilhada) e Co-Lares (Cohousing).....	95
Figura 15 - Arquipélago das Moradias Compartilhadas	100
Figura 16 - Arquipélagos Formados pelos Ecossistemas Criativos.....	105
Figura 17 - Agitação nos Ecossistemas Criativos	105
Figura 18 - Reconfiguração dos Ecossistemas Criativos	107
Figura 19 - Imagens das Atividades sobre o que nos Nutre.....	110
Figura 20 - Imagens das Atividades que nos trazem Bem-estar Físico e Mental....	111
Figura 21 - Imagens das Atividades sobre o Espaço que Construimos	113
Figura 22 - Imagens das Atividades de Circulação de Produtos	114
Figura 23 - Imagens das Atividades que Alimentam Nossa Alma	116
Figura 24 - Imagens de Atividades sobre a Temática da Mulher	117

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Banner do Espaço Orgânico no TransLAB	71
Fotografia 2 - Produtos no Espaço Orgânico	72
Fotografia 3 - Sala no Distrito Empreendedor	77
Fotografia 4 - Ambiente no Galpão Makers com Equipamentos Compartilhados	78
Fotografia 5 - Produção de Tábuas de Madeira pelo Estúdio Terra Mater no Galpão Makers	82
Fotografia 6 - Jaqueta Produzida pela Céu Handmade na A Casa	83
Fotografia 7 - Fachada do Assentamento 20 de Novembro	88
Fotografia 8 - Quarto em Apartamento da Ocupação Saraí	89
Fotografia 9 - Roda de Conversa com Moradores da Ocupação Saraí	90
Fotografia 10 - Stencil no Assentamento 20 de Novembro	93
Fotografia 11 - Cartazes na Ocupação Saraí	93
Fotografia 12 - Quadro de Tarefas dos Moradores da Casa Bosque	96
Fotografia 13 - Piscina Transformada em Horta na Casa Bosque	97
Fotografia 14 - Quinta do Burger Vegânico na Comuna do Arvoredo	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Redes Pesquisadas pelo Projeto TRANSIT	49
Quadro 2 - Casas Colaborativas Mapeadas em Porto Alegre.....	69
Quadro 3 - Espaços Coletivos de Produção Mapeados em Porto Alegre	76
Quadro 4 - Ocupações Urbanas Mapeadas no Centro de Porto Alegre	86
Quadro 5 - Moradias Compartilhadas Mapeadas em Porto Alegre	94

LISTA DE SIGLAS

CONAM	Confederação Nacional de Associações de Moradia
CTA	Coordenação de Transportes Administrativos
DESIS	<i>Design for Social Innovation and Sustainability Network</i>
EMUDE	<i>Emerging User Demands for Sustainable Solutions</i>
FASC	Fundação de Assistência Social e Cidadania
FORPROEX	Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior
GPDEICS	Grupo de Pesquisa em Design Estratégico para Inovação Cultural e Social
INDACO	<i>Departamento de Industrial Design, delle Arti, della Comunicazione e della Moda</i>
INOVAPOA	Gabinete de Tecnologia e Inovação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
ITBI	Imposto de Transmissão de Bens Imóveis
LETS	<i>Local Exchange Trading System</i>
MLB	Movimento de Luta nos Bairros Vilas e Favelas
MNLM	Movimento Nacional de Luta pela Moradia
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
NAU	Nova Agenda Urbana
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
ONU-HABITAT	Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos
PIB	Produto Interno Bruto
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
TRANSIT	<i>Transformative Social Innovation Theory</i>
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
WUC	<i>World Urban Campaign</i>
ZAC	Zona de Aprendizado Criativo

INSPIRAÇÕES E MOTIVAÇÕES

Olhando para trás, meu interesse por pesquisa começou quando ainda estava na faculdade de Comunicação Social, pois foi quando criei um *website* sobre música. Meu objetivo com esse projeto era disseminar o que era produzido mundo afora a respeito de um estilo específico de música eletrônica. As horas em frente ao computador pesquisando e entrando em contato com pessoas de outros países, permitiu que eu colocasse em prática um desejo de conhecer mais, aprender mais e, principalmente, de compartilhar tudo isso com quem também tinha interesse nesse tipo de música. Também permitiu que eu adquirisse conhecimento técnico ao programar um *website*. Na época não existiam os *blogs*, então, tudo era na base da programação.

Nesse mesmo período, na faculdade, entrei em contato com o pensamento de Morin (2000a) através do livro *Cultura de Massas no Século XX: Neurose*, no qual ele aponta que mesmo áreas criativas das indústrias culturais passaram a dividir o trabalho como nas fábricas, promovendo uma padronização dos bens culturais e exacerbando o individualismo. O autor ainda critica a fragmentação do conhecimento e defende sua interligação. Essa reflexão me impactou muito e realmente me fez ver o mundo de outra forma a partir de então. Mesmo sem ter muita noção disso na época, foi meu primeiro contato também com a Teoria da Complexidade.

Logo que saí da faculdade, passei a trabalhar em uma empresa de pesquisa de mercado. Foram cinco anos na coordenação de projetos para grandes corporações. Meu último cargo na empresa foi o de coordenadora do núcleo de tendências, o que me possibilitou investigar casos inovadores pelo mundo nas mais diferentes áreas da economia criativa: artes visuais, design, arquitetura, moda, música, etc. Nesse momento, tive contato com pessoas que experimentavam novas maneiras de pensar e novos modos de fazer as coisas.

Mas apesar do aprendizado constante na empresa, tanto na relação de colaboração com os colegas quanto ao pesquisar esses casos inovadores ao redor do mundo, algo passou a me incomodar. E muito. Passei a me questionar se valia a pena dedicar tempo e energia com pesquisas para empresas que ganhavam muito dinheiro vendendo refrigerante e salgadinhos, produtos que não faziam exatamente bem para as pessoas. Eu conseguia ver os benefícios econômicos que as empresas geravam por dar emprego para tantos trabalhadores em suas fábricas e escritórios e

até alguns benefícios sociais, pois muitas delas têm institutos ou fundações com projetos socioeducativos. Porém esses não eram argumentos suficientes para que eu permanecesse na empresa. Eu precisava sentir que estava trabalhando para o bem comum, para cidades mais sustentáveis ambientalmente e para uma maior qualidade de vida das pessoas.

Foi com esse questionamento em mente que pedi demissão para voltar à academia, dessa vez na faculdade de Arquitetura e Urbanismo, um antigo sonho de infância. Durante esse período, ganhei uma bolsa de pesquisa em iniciação científica para verificar em que medida o estudo dos fractais ajuda a compreender a natureza complexa da cidade. Estudei especificamente um livro chamado *Fractal Cities: A Geometry of Form and Function*. A partir da leitura do livro passei a enxergar a cidade como um *kaleidoscope of complexity*. (BATTY; LONGLEY, 1994).

No curto período de dois anos que lá fiquei, pude me reconectar com temas que me eram muito caros e estavam esquecidos: processos urbanos, arte, cultura, meio ambiente e projetos sociais cujo foco é a melhoria da qualidade de vida de comunidades. Me envolvi com diversos projetos que abordavam, de uma maneira ou de outra, esses temas. O Projeto Escola Sustentável tinha como objetivo promover a gestão ambiental em escolas de Porto Alegre através da melhoria de procedimentos técnico-administrativos, pedagógicos e de extensão comunitária. O Grupo Trampolim era um coletivo informal que realizou encontros com profissionais de diferentes áreas para discutir assuntos relacionados à arquitetura, urbanismo, arte e cultura. O PortoAlegre.cc, uma plataforma digital que permitia a discussão da história, a realidade e o futuro de territórios específicos. O Raiz Urbana, um coletivo informal que se propõe a servir como referencial e multiplicador das ideias e da prática da produção de alimentos no ambiente urbano. A Casa da Cultura Digital POA, espaço articulado às lutas que pretendem direcionar a realidade para a construção de uma sociedade efetivamente democrática, economicamente viável, socialmente justa e ambientalmente sustentável. O Projeto Vizinhança, iniciativa voluntária que busca ativar espaços ociosos da cidade transformando-os, através da participação coletiva, em lugares, palco de novas experiências, estimulando a convivência entre vizinhos, a troca e a aprendizagem em um ambiente lúdico, criativo e informal. E o Vila Flores, comunidade de práticas colaborativas formada por artistas, empreendedores criativos e sociais e produtores culturais, localizada em um complexo arquitetônico de valor histórico em Porto Alegre

Ao olhar hoje para todos esses projetos consigo perceber que o legado mais importante foi o aprendizado sobre como trabalhar de forma colaborativa. Certamente aprendi muito também sobre os temas que os projetos abordam. Mas posso afirmar que a relação com as pessoas de maneira colaborativa, a construção gradual das ideias, colocá-las em prática juntos, exercitar o desapego da autoria, aprender a respeitar o tempo de cada um para cada processo, foi definitivamente o que mais ficou impregnado em mim. E quase que virou um *vício*, pois, depois dessas experiências, trabalhar sozinha tornou-se impossível.

Em cada projeto pude, mesmo que informalmente, pesquisar os assuntos que mais me instigavam. Seja através de conversas com outras pessoas, da realização de pesquisa *desk*, da participação e organização de dezenas de eventos, workshops e reuniões, sempre busquei saber mais sobre Porto Alegre e sobre outros projetos inovadores que também atuavam colaborativamente para resgatar o senso de comunidade, de cuidado mútuo e de um propósito em comum.

O envolvimento com os dois últimos projetos mais especificamente, o Projeto Vizinhança e o Vila Flores, foi o que provocou o desejo de estudar academicamente iniciativas como essas. Passei a perceber que era necessário me aprofundar nos estudos para entender de que maneira eu poderia colaborar também teórica e criticamente. Na prática, eu já havia feito muita coisa. Mas agora era a hora de estudar a fundo, de mergulhar em questões que me incomodavam. Comecei a me questionar sobre os impactos dessas iniciativas, se elas eram de fato inovadoras, se realmente promoviam bem-estar e de que maneira elas poderiam ser fomentadas para, se possível, gerar transformação social. A intenção não apenas de pesquisar, mas também de propor algo, me levou então ao design estratégico, por ser uma abordagem que leva em consideração uma rede de atores interdependentes, que cria condições para a construção de relações entre eles e que ativa o processo criativo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	28
2 DESIGN ESTRATÉGICO PARA INOVAÇÃO SOCIAL E SUSTENTABILIDADE	36
3 SOBRE A RESSIGNIFICAÇÃO DE RELAÇÕES E PRÁTICAS SOCIAIS.....	46
4 UM VISÃO DE MUNDO SUSTENTÁVEL	54
5 UNIDADE E DIVERSIDADE EM ECOSSISTEMAS CRIATIVOS	62
5.1 Ecossistemas Criativos em Porto Alegre.....	67
5.1.1 Casas Colaborativas	68
5.1.2 Espaços Coletivos de Produção.....	75
5.1.3 Ocupações Urbanas.....	84
5.1.4 Moradias Compartilhadas.....	94
6 PROPOSTAS	102
6.1 Proposta de Coalizão de Design	102
6.2 Propostas de Diálogos Estratégicos	108
6.2.1 Diálogo sobre o que nos Nutre	109
6.2.2 Diálogo sobre o que nos traz Bem-estar para o Corpo e Mente	111
6.2.3 Diálogo sobre o Espaço que Construímos	112
6.2.4 Diálogo sobre o que Produzimos e Trocamos.....	114
6.2.5 Diálogo sobre o que Alimenta Nossa Alma	115
6.2.6 Diálogo sobre o que nos Empodera	117
6.3 Proposta de um Encontro Colaborativo	118
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS.....	133
APÊNDICE A - COLETA DE DADOS	141
APÊNDICE B - EMPREENDIMENTOS NAS CASAS COLABORATIVAS.....	143
APÊNDICE C - EMPREENDIMENTOS NOS ESPAÇOS COLETIVOS	147
APÊNDICE D - ATIVIDADES NAS CASAS COLABORATIVAS.....	151
APÊNDICE E - ATIVIDADES NOS ESPAÇOS COLETIVOS	153
APÊNDICE F - ATIVIDADES NAS OCUPAÇÕES URBANAS.....	155
APÊNDICE G - ATIVIDADES NAS MORADIAS COMPARTILHADAS	157
ANEXO A - OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	159
ANEXO B - PRINCÍPIOS DO MANIFESTO THE CITY WE NEED 2.0.....	161

1 INTRODUÇÃO

Afirmar que estamos em tempos de crise parece ser algo redundante. Se olharmos para trás na história, sempre estivemos em algum tipo de crise, seja política, social, ambiental ou econômica. Um mundo estável, sem nenhum tipo de conflito, parece nunca ter existido e talvez não venha a existir. No Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, crise é o "[...] momento em que se deve decidir se um assunto ou o seguimento de uma ação deve ser levado adiante, alterado ou interrompido; momento crítico ou decisivo". (CRISE, [2017?]). Na vida não estamos constantemente lidando com imprevistos, incertezas e decisões a serem tomadas a todo momento? Portanto, crises, ou melhor, momentos críticos, são algo que constantemente nos acompanham.

O cenário atual mostra-nos que estamos em mais um desses momentos decisivos. Fora algumas manifestações mais volumosas da sociedade civil nos últimos anos contra o aumento de preços do transporte público (as chamadas Jornadas de Junho de 2013), e contra o governo da presidenta Dilma Rousseff em 2015 e 2016, a maioria dos cidadãos segue seus dias passivamente acompanhando pela televisão os últimos fatos. As alterações nas legislações trabalhista e previdenciária, o ataque à livre expressão artística e o aumento da intolerância às diferenças são observados da poltrona da sala.

A questão que surge, portanto, é a de escolher para onde direcionar o olhar e o que fazer. Seguiremos passivos e amedrontados acompanhando o aumento da desigualdade econômica, da exclusão social e da degradação ambiental? Ou focaremos em alternativas para mudar esse panorama através de reflexões críticas e de práticas que nos levem para uma situação de mais inclusão, igualdade, justiça, respeito e cuidado mútuo? Considerando que há possibilidade e liberdade de escolha, alguns grupos de pessoas optam pelo segundo caminho e buscam diariamente fazer as coisas de um modo diferente do que vem sendo feito.

Cansadas ou indignadas de ver para onde estamos indo se deixarmos tudo como está, esses grupos colocam em prática visões que apontam para outros modos de convivência e de trabalho. São proativas e criativas, e usam suas habilidades e recursos para transformar suas próprias realidades. E é no contexto urbano onde elas atuam mais diretamente. A cidade torna-se o palco de suas experimentações, o local

de seus projetos de vida. Ao concretizarem suas ideias, produzem uma outra cidade, onde seus valores, desejos e sonhos materializam-se.

Em Porto Alegre, temos acompanhado as movimentações de diversos desses grupos que, através de suas atividades internas e outras abertas ao público, têm apresentado propostas que fogem da lógica dominante. A cidade tem passado por momentos críticos como o aumento da insegurança, escassos apoios do poder público para a arte e a cultura, alto déficit habitacional e o fechamento de diversos empreendimentos comerciais. Enquanto isso, alguns grupos buscam nas suas ações do dia-a-dia outras saídas, outras maneiras de reverter esse cenário. Através de novas relações sociais, inovam ao concretizarem seus projetos.

Ao observamos esses grupos para entender de que forma seus projetos também trazem novas perspectivas para as três dimensões da sustentabilidade (econômica, social e ambiental), pudemos perceber que suas ações contribuem para o alcance dos dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) elencados pela Organização das Nações Unidas (ONU). Além de promoverem inovações sociais, são grupos que cooperam em diferentes escalas para a diminuição das desigualdades, para a produção e consumo sustentáveis, para o trabalho e moradia decentes para todos, entre outros objetivos. (NAÇÕES UNIDAS, 2015).

Pela perspectiva do Grupo de Pesquisa em Design Estratégico para Inovação Cultural e Social (GPDEICS), esses grupos de pessoas são interpretados como ecossistemas criativos. Ecossistemas constituídos de relações entre pessoas que desenvolvem processos criativos que, por sua vez, geram artefatos, sistemas ou mesmo processos com potencial de serem originais e inovadores. (FRANZATO et al., 2015).

Em função justamente desse potencial, acreditamos que a articulação entre diferentes ecossistemas criativos possa vir a provocar significativas transformações sociais e culturais rumo a uma cidade mais sustentável. Pequenas ações pela cidade são certamente importantes para a mudança de um cenário sombrio, entretanto, acreditamos que é a união, o encontro e o diálogo entre elas que pode vir a impulsionar uma mudança social que se faz urgente e necessária.

No âmbito do design, é especialmente o design estratégico que vem discutindo formas de contribuir com esses ecossistemas criativos e, com isso, colaborar com possíveis transformações culturais e sociais. Pelas suas habilidades em articular diferentes atores de uma rede, de provocar o diálogo entre eles e juntos

desenvolverem processos criativos, o design estratégico tem se mostrado como uma abordagem capaz de estimular interações e relações. (FREIRE; DEL GAUDIO; FRANZATO, 2016).

Manzini (2015b, 2017a), pesquisador da Politécnica de Milão, nos apresenta uma metáfora inspiradora neste sentido. Segundo ele, esses grupos organizados e as inovações sociais que promovem podem ser vistos como ilhas de um continente submerso de modos de ser e de fazer mais sustentáveis. Cada grupo representaria então uma ilha de alternativas ao que existe hoje. Entretanto, o autor complementa que essas ilhas encontram-se envoltas por um mar agitado, com ondas de intolerância, retrocesso e censura que ameaçam cobri-las. A importância de fazer emergir esse continente submerso e conectar de alguma maneira as ilhas está na sua potencialidade transformadora da situação atual, na sua capacidade de ensejar mudanças em direção a um mundo não só mais sustentável, mas mais democrático, justo e inclusivo. Mas como adverte Manzini (2017a, p. 14, grifos do autor) não basta fazermos com que as ilhas emerjam e conectem-se, é

[...] necessário fazer com que sua existência contraste mais diretamente as catástrofes que estão chegando. Isso implica achar *também* outras, novas modalidades de ação. Especialmente, pelo que nos toca, é preciso descobrir (rapidamente!) como e quanto a cultura de design possa contribuir *também* nesse novo território problemático que está se delineando.

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo geral explorar, pela perspectiva do design estratégico, a integração de diferentes ecossistemas criativos que geram inovação social e colaboram com o desenvolvimento sustentável. Isso para que, com essa articulação, fortaleçam-se e sejam capazes de se configurar como uma alternativa à lógica dominante dos modos de ser e fazer, em especial na cidade de Porto Alegre. Para alcançar tal objetivo geral, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: a) investigar ecossistemas criativos em Porto Alegre que promovem inovações sociais; b) identificar ações e visões convergentes dos ecossistemas criativos investigados no que diz respeito à sustentabilidade e suas dimensões econômica, ambiental e social e; c) elaborar propostas a partir do design estratégico para inovação social e sustentabilidade para o fomento de relações entre tais ecossistemas criativos.

Os três capítulos subsequentes a este introdutório apresentam e discutem o design estratégico, a inovação social e o desenvolvimento sustentável. Foi realizada

pesquisa bibliográfica e pesquisa documental acerca de tais temas, além de terem sido debatidos os pontos fundamentais para este estudo.

No capítulo 2, são apresentadas as noções que norteiam essa pesquisa quanto ao design estratégico para inovação social e sustentabilidade. Nosso foco está nos estudos de Manzini (2014, 2015b, 2016, 2017a, 2017b), por ser um dos principais nomes no design a concentrar seu trabalho nessas questões. Segundo o autor, o papel do design, além de identificar e apoiar processos e práticas de inovação social para a sustentabilidade, é igualmente o de alimentar o diálogo entre as pessoas envolvidas com propostas e visões e conectá-las para que se reforcem mutuamente, gerando assim possibilidades de mudanças. (MANZINI, 2017a).

Ainda no segundo capítulo, abordamos conceitos nos quais nos baseamos para atingir o terceiro objetivo específico. Um deles é a coalizão de design que, de acordo com Manzini (2017a, p. 64), é a articulação coordenada de ações realizadas por designers e não designers "que compartilham uma visão sobre o que fazer e como e decidem fazê-lo em conjunto". Conforme o autor, é uma articulação desenvolvida especificamente a partir da abordagem do design estratégico. Vem de Manzini (2017a) também a percepção do importante papel do design em alimentar diálogos para impulsionar processos de aprendizagem e de transformação. Outro conceito é o de encontros colaborativos. Tais encontros são momentos de envolvimento ativo e colaborativo, também baseados na intensidade relacional e na intensidade dos vínculos sociais. Acreditamos que a coalizão de design, os encontros colaborativos e os diálogos estratégicos que deles podem surgir possam criar condições para a emergência do novo continente e para a conexão das ilhas de modo de vida mais sustentáveis.

As ideias de Manzini (2017a) são ampliadas com as contribuições do pensamento complexo. Nos estudos de Morin (2015), buscamos uma perspectiva que tratasse de integração, interdependência e relação entre elementos. Encontramos então a noção de *unitas multiplex* (unidade complexa) em que termos são simultaneamente antagônicos, concorrentes e complementares e que apenas podem ser compreendidos em um movimento dialógico. Essa noção nos ajuda a entender aspectos essenciais para propor uma coalizão de design.

Também precisávamos compreender os processos e práticas que rompem com a lógica dominante desenvolvidos pelos ecossistemas criativos; então debruçamo-nos na definição de inovação social que encontra-se no capítulo 3. Inicialmente,

procuramos estudá-la a partir de uma pesquisa de design, o projeto *Emerging User Demands for Sustainable Solutions* (EMUDE), desenvolvido por Jégou e Manzini (2008) e Meroni (2007). Para complementar a discussão sobre o tema, trouxemos as ideias dos pesquisadores envolvidos no projeto *Transformative Social Innovation Theory* (TRANSIT), como Avelino et al. (2017) e Haxeltine et al. (2016).

Para analisar e interpretar as práticas realizadas nos ecossistemas criativos como visões e ações para uma cidade mais sustentável, baseamo-nos em documentos da ONU, especialmente os dezessete ODS (NAÇÕES UNIDAS, 2015) e o manifesto *The City We Need 2.0*. (UN-HABITAT, 2016a). Como conteúdo complementar à noção de desenvolvimento sustentável advindo da ONU, trouxemos aportes dos princípios da permacultura (HOLMGREN, 2013), cuja discussão encontra-se no capítulo 4.

O capítulo 5 é dedicado aos ecossistemas criativos. Em um primeiro momento, discutimos o conceito a partir da pesquisa bibliográfica a qual foi baseada novamente em Manzini (2017a) e Morin (2016). Procuramos compreender os ecossistemas criativos segundo sua dimensão relacional e seu movimento dialógico, sobre os quais Morin (2016) nos fornece importantes contribuições. A interpretação de Manzini (2017a) sobre o modo de design é o que nos ajuda a compreender a maneira a qual operam os ecossistemas criativos.

A segunda parte do capítulo 5 trata dos ecossistemas criativos identificados em Porto Alegre nos quais pudemos observar as questões discutidas na fundamentação teórica e que também forneceram subsídios para a proposta de integração entre eles. A identificação dos ecossistemas criativos se deu a partir de conversas informais com integrantes dos mesmos, participação em eventos sobre assuntos relativos a eles e pesquisa em redes sociais digitais. As técnicas de coleta de dados utilizadas foram, além de pesquisa bibliográfica e documental: entrevistas semiestruturadas com integrantes dos ecossistemas criativos; pesquisa em rede social digital, sendo este o canal principal de divulgação de suas atividades; visitas aos locais nos quais estão localizados os ecossistemas criativos; participação e observação em atividades realizadas pelos ecossistemas criativos; relatos de integrantes e de outros atores em eventos sobre assuntos relacionados como colaboração, transformações urbanas e desenvolvimento sustentável. Os registros das coletas de dados estão em fotografias, áudios, vídeos, anotações em diário de campo e quadros com os dados categorizados.

A análise dos ecossistemas criativos nos levou a reuni-los em quatro tipos distintos, que interpretamos como arquipélagos das ilhas imaginadas por Manzini (2017a): as casas colaborativas, os espaços coletivos de produção, as ocupações urbanas e as moradias compartilhadas.

As casas colaborativas são formadas por jovens empreendedores de áreas da economia criativa como design, arquitetura, moda, publicidade, tecnologia, entre outras. Utilizam um local para realizar suas atividades e o gerenciam de forma colaborativa, em que todos têm a possibilidade de participar nas decisões, sejam elas quais forem. Os espaços coletivos de produção são semelhantes às casas colaborativas, porém divergem quanto à gestão interna, que é centralizada. Esses espaços têm se mostrado alternativas para os modos de produção tradicional. As ocupações urbanas são constituídas de coletivos que lutam pela reforma urbana e pela função social da propriedade ocupando imóveis ociosos na cidade. E as moradias compartilhadas são formadas por grupos de pessoas que escolhem morar juntas e compartilhar espaços comuns como a cozinha, sala, quintal, configurando outros modos de convivência.

Assim como em um arquipélago, em que há ilhas mais próximas e outras mais afastadas umas das outras, os ecossistemas criativos também se apresentam dessa forma. Uns maiores, outros menores, cada um com suas características específicas conferindo diversidade ao arquipélago. E, ao mesmo tempo, estão todos submersamente conectados através de suas ações em prol de maior bem-estar e qualidade de vida. Buscamos estudar os quatro tipos de ecossistemas criativos e entender a maneira como se organizam, quais inovações sociais promovem e quais as ações e projetos desenvolvem em direção ao desenvolvimento sustentável.

A partir da fundamentação teórica e da investigação sobre os quatro tipos de ecossistemas criativos, pudemos então propor uma coalizão de design através de diálogos entre eles. Diálogos que se baseiam no que os ecossistemas criativos têm como visão comum para um mundo sustentável, igualmente valorizando e aprendendo com o que eles têm de diferente entre si. O capítulo 6 apresenta a proposta de coalizão e seis temas de diálogos possíveis. E, como uma forma de colocar em prática a coalizão, é por fim apresentada uma proposta de encontro colaborativo.

O último capítulo apresenta as considerações finais a respeito do trabalho. Nele expomos os principais resultados, reflexões complementares e possíveis

desdobramentos futuros. É também no último capítulo que abordaremos a sistematização do método utilizado nesta pesquisa. Esta escolha está fundamentada nos argumentos de Morin (2016, p. 36): "[...] o método só pode se construir durante a pesquisa; ele só pode emergir e se formular depois, no momento em que o termo transforma-se em um novo ponto de partida, desta vez dotado de método". Portanto, ao fim do trabalho apresentaremos os passos dados para a elaboração do estudo.

Acrescentamos que nossa pesquisa alinha-se com os estudos da *Design for Social Innovation and Sustainability Network* (DESI Network), rede internacional criada em 2009, a qual o SeedingLab, laboratório do GPDEICS, integra. Em 2017, a rede desenhou um mapa a partir dos projetos desenvolvidos e estudados pelos laboratórios de design de universidades de países da América Latina, da África, da Europa e da América do Norte. O mapa mostrou uma concentração de projetos nas seguintes áreas temáticas: a) Troca de Cuidados: projetos com foco no apoio à serviços e relacionamentos pautados no cuidado mútuo; b) Design e a Cidade: projetos que dão suporte a comunidades que desejam transformar espaços em lugares a partir de processos de *codesign*; c) Geração de Renda: projetos que colaboram para que os participantes também tenham benefícios econômicos, mantendo ao mesmo tempo seus valores sociais. (DESI, [2017b?]). Neste sentido, acreditamos que a investigação que realizamos enquadra-se nas três áreas temáticas pois proporciona entendimentos sobre como o design pode contribuir para o fomento de iniciativas de cuidado mútuo, de transformação de espaços em lugares de convívio e de novas formas de produção e geração de renda alinhadas à valores sociais e ambientais.

Com este estudo, procuramos contribuir, em especial no âmbito do design estratégico, para a inovação social e a sustentabilidade, para tornar visível e fomentar novos modos de ser, de trabalhar e de conviver que criam discontinuidades no sistema atualmente dominante. Por fim, como pano de fundo, esta foi uma pesquisa com o intuito de valorizar as ações cidadãs a partir da disciplina do design e demonstrar a relevância sociopolítica das mesmas.

2 DESIGN ESTRATÉGICO PARA INOVAÇÃO SOCIAL E SUSTENTABILIDADE

Esta é uma pesquisa baseada fundamentalmente nos estudos do pesquisador italiano Manzini (2007, 2008, 2011, 2014, 2015a, 2015b, 2016, 2017a, 2017b) e do mesmo com pesquisadores parceiros. (CIPOLLA; MANZINI, 2009; JÉGOU; MANZINI, 2003, 2008; SELLONI; MANZINI, 2016). São dele os principais conceitos que utilizamos da citada área do design e que serão discutidos neste capítulo.

Em um primeiro momento, cabe expor a visão do autor a respeito do papel do design voltado para a inovação social e a sustentabilidade. Conforme Manzini (2015b), uma das atribuições dos especialistas em design é usar seus conhecimentos e habilidades para reconhecer invenções sociais que já existem e que estejam alinhadas com a noção de sustentabilidade. Mapear práticas e processos que já são ou que têm potencial de virem a ser inovações sociais em direção à sustentabilidade demonstra uma capacidade investigativa dos designers.

Manzini, juntamente com diversos outros pesquisadores de diferentes países, coordenou ou participou de projetos de pesquisa neste sentido. Podemos citar os projetos *Sustainable Everyday: Scenarios of Urban Life* (JÉGOU; MANZINI, 2003), *Emerging User Demands for Sustainable Solutions* (EMUDE) (JÉGOU; MANZINI, 2008) e *Creative Communities for Sustainable Lifestyles*. (MANZINI; JÉGOU; PENIN, 2008). A leitura dos casos mapeados nesses projetos foi crucial para que pudéssemos compreender de que maneira as inovações sociais se manifestam e em quais áreas da vida cotidiana. Mesmo que esses projetos tenham sido realizados em um contexto predominantemente europeu, observamos casos semelhantes no Brasil. Nosso entendimento do conceito de inovação social que parte desses projetos de pesquisa, em especial do projeto EMUDE, é explicitado no capítulo 3.

Foi a partir dessas e outras pesquisas posteriores que Manzini (2015b; 2017a) passou a utilizar uma metáfora geológica para caracterizar grupos de pessoas e suas formas de pensar e agir de uma maneira diferente da lógica dominante. Manzini (2017a, p. 16) passa a vê-los como ilhas que formam um arquipélago e como "[...] a parte já visível de um continente submerso: o novo continente de civilização sustentável que emergirá da transição".

Após o reconhecimento inicial, os designers devem então operar para melhorar as inovações sociais e as organizações que as produzem, seja tornando-as mais efetivas, atraentes, duradouras e potencialmente replicáveis. Com isso, estariam

colaborando para que o continente de uma civilização sustentável possa emergir. Manzini (2008, 2011, 2014, 2015b) reitera a capacidade do design de resolver esses problemas em inúmeros de seus textos e relaciona esse aspecto especificamente ao design estratégico ao afirmar que

In pragmatic terms, the strategic design operation applied to social innovation may improve its visibility, facilitate its accessibility, fluidify its management... and consequently improve its possibilities to disseminate and perpetuate. (JÉGOU; MANZINI, 2008, p. 189).

A operação de design estratégico a qual os autores se referem é o que chamam de *enabling solution* e *enabling platform*. A primeira, traduzida como solução habilitante, é definida como um sistema de produtos, serviços e comunicação, além do que mais for preciso, para satisfazer as seguintes demandas das organizações e inovações sociais: proporcionar mais visibilidade, acessibilidade, eficiência, replicabilidade e, conseqüentemente, longevidade. (JÉGOU; MANZINI, 2003). Já as plataformas habilitantes seriam as diferentes iniciativas de design que compõem uma solução: plataformas digitais (*websites*, redes sociais digitais, sistemas), equipamentos, espaços compartilhados, produtos, processos, abordagens, métodos, entre outros. (JÉGOU; MANZINI, 2008). As soluções e plataformas habilitantes seriam, antes de tudo, formas de resolver problemas através de estratégias orientadas pelo design.

Entretanto, Manzini (2017a) argumenta que o design é mais do que um solucionador de problemas, é também produtor de sentido. O design opera no mundo físico e biológico ao resolver os problemas das pessoas e das coisas. Ao mesmo tempo, opera no mundo social, no qual os seres humanos interagem através da linguagem e onde os significados são produzidos. (MANZINI, 2016, 2017a). Os mundos interagem entre si e influenciam-se mutuamente. Quando o design soluciona uma demanda, ele está simultaneamente criando um novo sentido tanto para a demanda quanto para a solução. Por outro lado, quando cria um novo sentido para algo, pode vir a solucionar um problema a partir do novo significado dado a ele.

Essas duas dimensões do design coexistem e são fundamentais para colocar em prática uma importante capacidade do design estratégico (e de especial interesse para essa pesquisa): a capacidade de alimentar diálogos entre diferentes atores. (MANZINI, 2017a; MERONI, 2008). Nutrir diálogos entre designers e não designers com visões e ideias provocativas é um processo de aprendizagem. Pois, ao entrarmos

em contato com outras perspectivas, outras interpretações de mundo, elas acabam por promover mudanças na nossa própria forma de pensar.

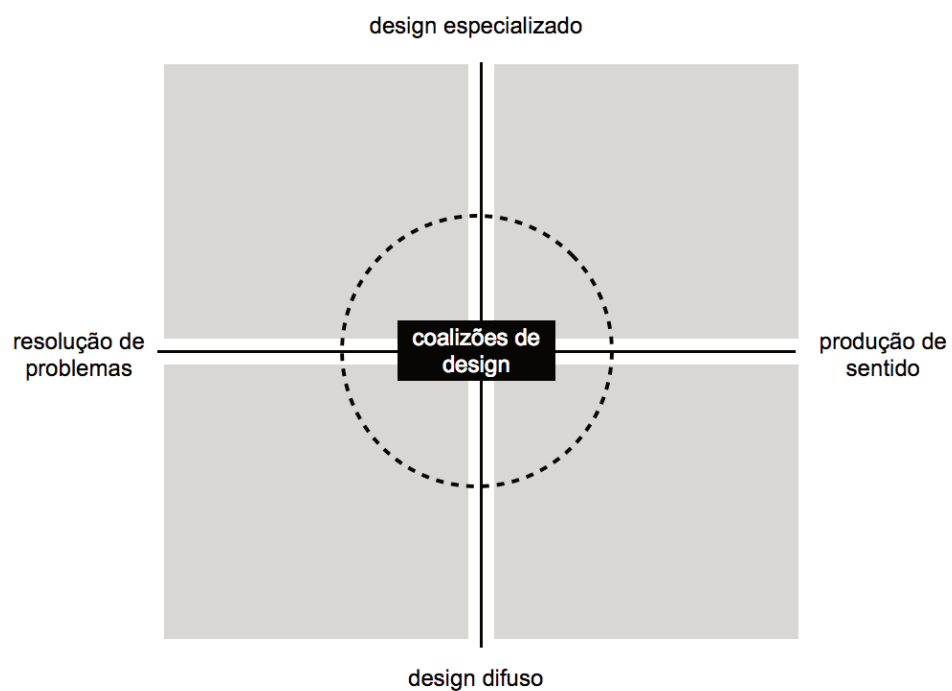
Contudo, Manzini (2016, 2017a) alerta para a importância da escuta. De acordo com ele, uma conversa só é de fato dialógica em um processo de design quando os atores envolvidos desejam e estão aptos a escutarem uns aos outros, a mudarem suas perspectivas e a compartilharem uma visão. Apenas dessa forma resultados colaborativos podem ser obtidos. A capacidade de ouvir dos designers torna-se, portanto, essencial para que possam assimilar as ideias e a partir delas propor outras alternativas. (FREIRE, 2017; MANZINI, 2016). Sendo assim, entendemos que reunir pessoas que realmente queiram dialogar, provocar a conversa entre elas e incentivar a produção criativa de novos significados é um dos grandes desafios do design estratégico.

Com a intenção de trabalhar com percepções de mundo diversas, interessamos também investigar a capacidade do design estratégico em integrar e articular pessoas diferentes entre si e também os designers e não designers. Capacidade essa de identificar e priorizar as qualidades relacionais nos processos de integração. Cipolla e Manzini (2009) analisam as qualidades relacionais em inovações sociais e indicam como as mesmas podem ser favorecidas através de iniciativas de design. Os autores apontam que qualidades relacionais como abertura, confiança, colaboração e compartilhamento não podem ser projetadas, mas podem sim ser "[...] meta-designed', in the sense that design intervention needs to be placed 'behind or beyond' these qualities". (CIPOLLA; MANZINI, 2009, p. 50). Ou seja, enquanto designers, podemos refletir sobre os processos e relações e então criar as condições para que eles surjam através de encontros entre as pessoas. Os autores ainda acrescentam que o surgimento das qualidades relacionais não é algo dado como certo, mas apenas uma possibilidade.

Com o objetivo de articular e integrar designers e não designers como possíveis parceiros em torno de valores e interesses compartilhados Manzini (2017a) apresenta as coalizões de design. Conforme o autor a concepção de uma coalizão é "[...] para todos os efeitos, uma atividade de design estratégico na qual uma capacidade visionária deve combinar-se com habilidade dialógica". (MANZINI, 2017a, p. 4). O designer estratégico deve, então, alimentar diálogos com novas visões e propostas, promovendo assim processos de aprendizagem mútua, que podem vir a gerar novas perspectivas e interpretações e desejo de mudança. As coalizões de design produzem

e são produzidas por uma série de atividades coordenadas, denominada pelo autor como programa, realizada por diferentes atores que compartilham uma mesma visão sobre o que fazer e como. De acordo com Manzini (2017a), as coalizões de design situam-se no encontro da dimensão de resolução de problemas, da dimensão de produção de sentido, do design especializado e do design difuso, como podemos ver na Figura 1.

Figura 1 - Coalizões de Design



Fonte: Adaptada de Manzini (2017a, p. 65).

O design especializado é aquele praticado pelos designers profissionais, que passaram por uma formação específica nesta disciplina. Já o design difuso é aquele praticado por quem não é designer, mas que tem a capacidade de fazer design. (MANZINI, 2017a). Portanto, a coalizão de design produz novos significados e simultaneamente soluciona problemas, assim como é realizada por designers e não designers.

Como mencionado anteriormente, Manzini (2017a) afirma que as coalizões de design constituem-se em um programa. Partindo de uma primeira impressão, essa noção nos causou estranheza em função da rigidez que um programa com etapas bem definidas e com pouca flexibilidade para lidar com imprevistos poderia ter. Mas o

próprio autor justifica que em um ambiente turbulento é muito difícil que as ações programadas aconteçam como o planejado. Ele sugere, então, que pensemos em "[...] programas dialógicos, nos quais uma visão mais ampla determina uma série de movimentos em pequena escala". (MANZINI, 2017a, p. 65). A posição do autor é a de que devemos abordar um grande e complexo problema não com uma grande e complexa solução, mas com o desenvolvimento de pequenas iniciativas locais. (MANZINI, 2016).

Sendo assim, o último mas não menos importante conceito com o qual Manzini (2017a) nos alimenta é o de encontros colaborativos. Embora o autor os tenha apresentado em relação especificamente às organizações colaborativas (JÉGOU; MANZINI, 2008), enxergamos tais encontros como movimentos de pequena escala para impulsionar as coalizões de design. Na interpretação de Manzini (2017a, p. 107),

A mais específica e a mais original das contribuições que o design para a inovação social pode oferecer é uma cultura de design que seja capaz de compreender os encontros colaborativos em andamento e que disponha das palavras, da sensibilidade e da criatividade para imaginar novas contribuições e ajudar os atores envolvidos a imaginá-las também.

Para compreender os encontros colaborativos, Manzini (2017a) os define a partir de quatro características distintas, cada uma inspirada por autores específicos. A primeira delas é o envolvimento ativo baseada na abordagem das capacidades de Nussbaum e Sen (1993). O envolvimento ativo consiste em quanto de tempo, energia, atenção e conhecimento investimos em um encontro colaborativo. Estamos acostumados a nos envolvermos minimamente, ou seja, de uma maneira bastante passiva em relação a muitos aspectos da vida cotidiana. Seja comprando produtos prontos no supermercado ou no shopping center, sentados assistindo televisão por horas e horas, ou indo de carro a algum lugar a poucas quadras de distância de onde estamos. Um encontro colaborativo pressupõe uma atitude ativa para com a vida e, conseqüentemente, com a busca de bem-estar. Pressupõe que não esperemos por nada automaticamente pronto, mas sim por algo que exigirá algum grau de aprendizagem no caminho para aumentarmos nossas próprias capacidades.

O envolvimento colaborativo, segunda característica, é baseado no estudo de Sennett (2015) sobre cooperação. Manzini (2017a) usa o termo colaboração como sinônimo de cooperação. Essa característica, segundo o autor, remete à criação de regras necessárias para que a colaboração aconteça. A colaboração é uma

construção social e vista como um ofício, a qual precisa ser praticada. E, para isso, as pessoas precisam negociar algumas regras, seja no começo do processo ou ao longo dele.

A terceira característica é a intensidade dos vínculos sociais. O conceito de laços fortes e fracos de Granovetter (1973) fundamenta esse aspecto dos encontros colaborativos. Manzini (2017a) argumenta que um encontro colaborativo deve ter um equilíbrio entre vínculos sociais fortes e fracos. Os vínculos fortes acabam por estar relacionados a grupos coesos, mais fechados, onde as trocas com outros grupos são menores, exigindo um envolvimento muito maior. Já os vínculos fracos estão presentes em grupos abertos, suscetíveis a interferências e trocas com outros. Além disso, não exigem tanto envolvimento, o que facilita a entrada de novos participantes.

Na quarta e última característica, a intensidade relacional, Manzini (2017a) traz as reflexões de Buber (1937) sobre encontros. Para este autor, os encontros relacionais, que ele chama de Eu-Tu, são aqueles nos quais estamos por inteiro, profundamente envolvidos, e abertos para o outro, para afetar e ser afetado. Nós nos transformamos pela relação com o outro, enquanto que os encontros experienciais, que ele chama de Eu-Isso, são mais superficiais e remetem a uma experiência efêmera. (BUBER, 1937). Assim como um encontro colaborativo deve ter vínculos sociais fortes e fracos, também deve ser relacional e experiencial equilibradamente.

Como análise dos conhecimentos que pudemos absorver de Manzini, levantamos alguns pontos para discussão. Por mais que o autor apresente ideias que remetam a um pensamento sistêmico, percebemos que há uma inclinação para reduzir a complexidade em pequenos pedaços para assim conseguir atuar nela. Será mesmo que a única maneira de abraçarmos a complexidade que se apresenta a nós é compartimentando-a em pequenos pedaços? Não seria essa uma maneira reducionista de pensar e agir?

Além disso, Manzini (2017a) nos traz a proposta das coalizões de design que seriam a integração de diversas iniciativas, e que denotam uma visão holística. Porém, mesmo assim, ele representa graficamente a proposta em quadrantes (Figura 1 anteriormente apresentada). Como podemos evoluir esse conceito permitindo que um pensamento menos cartesiano o inunde?

Também nos chama a atenção a forma de pensar através de um espectro de intensidade que vai do menor, do menos, para o maior, o mais. Na Figura 2 abaixo buscamos ilustrar o espectro que Manzini apresenta para encontros colaborativos.

Figura 2 - Espectro dos Encontros Colaborativos



Fonte: Elaborada pela autora.

A despeito de haver um ponto de equilíbrio no centro do espectro, ainda há a percepção de que estamos operando com noções separadas. Seria possível essas noções estarem misturadas? Seria possível operar na base do *e* e não do *ou*? Ser ao mesmo tempo passivo e ativo, experiencial e relacional, por exemplo? Quando estamos tratando de pessoas e, mais especificamente, de grupos com muitas delas, nos parece que as distinções tendem a se borrar. E é nesse contexto embaraçado que o design trabalha, não com tudo dado às claras, em quadrantes ou eixos tão delimitados e estáticos, mas em uma rede intrincada e em constante movimento.

Como sinalizado na introdução, nosso objetivo de pesquisa é identificar e investigar grupos de pessoas e explorar maneiras de conectá-los e, assim, fortalecer suas visões e práticas que fogem da lógica dominante e que apresentam uma alternativa à situação urbana em que vivemos. Se estamos lidando com grupos tão heterogêneos e ao mesmo tempo com tantas semelhanças, por vezes contraditórios e também complementares, é preciso que os processos e práticas de design estejam alinhados com um pensamento que leve esses aspectos em consideração. É também preciso interpretar os grupos e seu contexto dessa mesma maneira. Em razão disso, entendemos que as coalizões de design, os diálogos estratégicos e os encontros colaborativos, assim como os conteúdos que serão apresentados nos próximos capítulos, ganham amplitude se aproximados de noções advindas do pensamento complexo, em especial dos estudos de Morin (2000b, 2015, 2016).

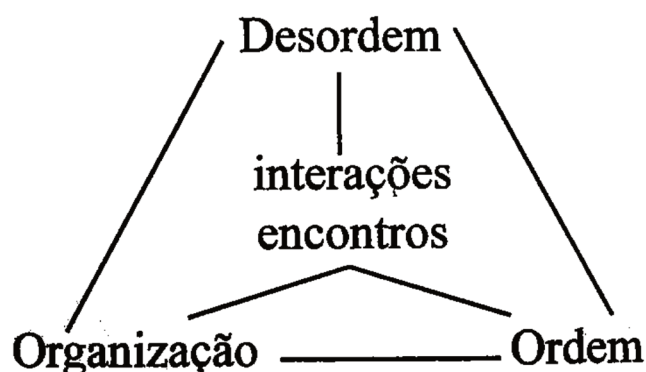
Um dos conceitos que Morin (2016) traz e que nos ajuda a refletir sobre as ideias de Manzini (2015b, 2016, 2017a) é o de unidade complexa (também chamado pelo autor de *unitas multiplex*). Para Morin (2016, p. 131), um sistema, ou seja, uma "[...] unidade global organizada de inter-relações entre elementos, ações, indivíduos", se apresenta como algo que é ao mesmo tempo uno e diverso. De acordo com ele,

A ideia de unidade complexa adquire densidade se pressentimos que não podemos reduzir nem o todo às partes, nem as partes ao todo, nem o uno ao múltiplo, nem o múltiplo ao uno, mas que precisamos tentar conceber em conjunto, de modo complementar e antagônico, as noções de todo e de partes, de um e de diversos. (MORIN, 2016, p. 135).

A unidade complexa refere-se a termos que são ao mesmo tempo antagônicos, concorrentes e complementares, e que não podem ser entendidos de forma separada, mas somente em um movimento dialógico. Morin (2016) aprofunda-se na inter-relação entre ordem, desordem e organização para refletir sobre a unidade complexa. Trata-se de termos aparentemente antagônicos, mas que são também complementares uns aos outros.

Morin (2016) apresenta o circuito tetralógico (Figura 3), formulado a partir de seus estudos sobre a cosmogênese, como uma maneira de ilustrar seu raciocínio. De acordo com o autor, a desordem (agitação, turbulência, fluxos contrários) gera encontros entre elementos. Os encontros, por sua vez, fazem com que esses elementos interajam. As interações produzem então ordem e organização que, provavelmente, em um determinado momento, produzirão desordem a partir de transformações. Voltamos então à desordem que é capaz de gerar ordem e organização.

Figura 3 - Circuito Tetralógico

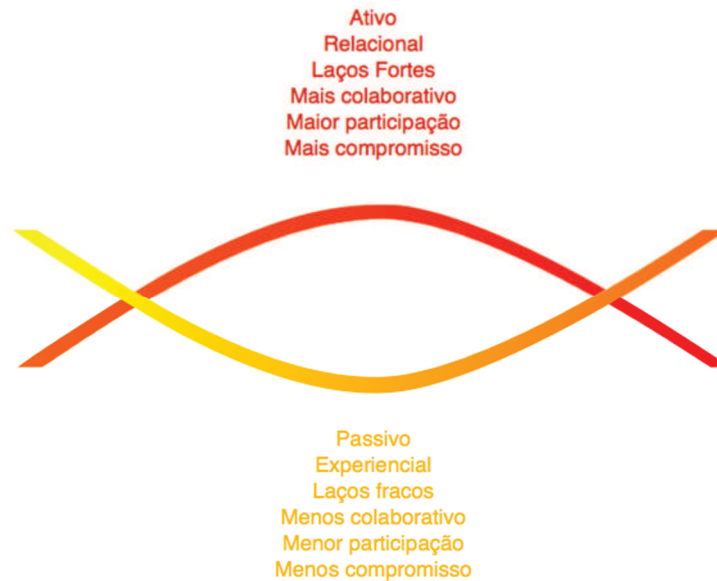


Fonte: Morin (2016, p. 78).

O pensamento complexo nos traz, então, a ideia de inter-relação, de integração e de interdependência entre os conceitos e elementos. Como diz Morin "Cada um só adquire sentido em sua relação com os outros". (2016, p. 79). O pensamento complexo é um pensamento que busca religar, conectar, tecer o que está aparentemente separado. Ao transpormos essas reflexões para as coalizões de design, para os diálogos estratégicos e para os encontros colaborativos, complementamos as ideias de Manzini com a noção de um princípio dialógico necessário para que os processos de design abracem a complexidade e não apenas a reduzam em pequenos pedaços.

Quanto aos encontros colaborativos, Manzini (2017a) apresenta noções em um espectro de intensidade como o apresentado na Figura 2. Se olharmos para esse espectro com as lentes do pensamento complexo podemos imaginar que as noções não estão tão separadas assim. Na Figura 4, tentamos representar graficamente uma alternativa.

Figura 4 - Espectro Alternativo



Fonte: Elaborada pela autora.

Um encontro colaborativo pode exigir muita participação e pouca participação, muito compromisso e pouco compromisso, em uma mesma situação. Portanto, ao projetarem encontros colaborativos, os designers devem ter a sensibilidade para entender que há a sobreposição dessas atitudes e que elas não se excluem, que elas são complementares e, por vezes, necessárias.

Sabemos que não é possível projetar relações nem controlar as atitudes das pessoas. Por isso, o objetivo não é exatamente projetar as inter-relações entre os atores, mas, sim, projetar as condições para que elas possivelmente aconteçam. Projetar encontros colaborativos e alimentar diálogos é criar as condições favoráveis para que novas interações ocorram e possivelmente venham a promover futuras transformações sociais. É, também, uma maneira de contribuir para que o continente de civilização sustentável imaginado por Manzini (2017a) possa emergir. Entendemos, portanto, que os encontros colaborativos e os diálogos estratégicos promovidos pelo design, além de impulsionar as coalizões de design, podem colaborar para o fomento de inovação social em direção à sustentabilidade. No capítulo seguinte, discutiremos a noção de inovação social e suas particularidades, dentre elas seus atributos relacionais.

3 SOBRE A RESSIGNIFICAÇÃO DE RELAÇÕES E PRÁTICAS SOCIAIS

O conceito de inovação social é abordado pelas mais diferentes disciplinas como administração, sociologia, economia, entre outras. Para a construção de nosso entendimento sobre o conceito de inovação social, buscamos embasamentos teóricos que estivessem relacionados não somente à nossa área de interesse, o design, como também ao tema da sustentabilidade. Como resultado de nossa investigação bibliográfica e documental, deparamo-nos com dois projetos de pesquisa internacionais. De cada um deles retiramos insumos para elaborarmos uma interpretação própria do conceito.

O primeiro projeto de pesquisa estudado foi o projeto EMUDE, realizado entre 2004 e 2006, em oito países europeus. Sua origem está diretamente relacionada a discussões sobre desenvolvimento sustentável conduzidas pela ONU. Um dos encontros para debater o tema foi a Conferência Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável em 2002 (também chamada de Rio+10), em Johannesburg, na África do Sul. Dentre os conteúdos apresentados, destacaram-se as soluções inventadas por pessoas e comunidades para padrões mais sustentáveis de produção e consumo e modos inovadores de vida adaptados a culturas e necessidades locais. (MARRAS, 2008).

Em função desse fato e para aprofundar os estudos sobre os casos discutidos, foi então criado o projeto de pesquisa EMUDE, desenvolvido por um consórcio formado por universidades e institutos de pesquisa em design e pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). O projeto foi financiado pela Comissão Europeia e seu objetivo principal era

[...] to explore the potential of social innovation as a driver for technological and production innovation, in view of sustainability. □ To this end it seeks to shed more light on cases where individuals and communities use existing resources in an original way to bring about system innovation. It then pinpoints the demand for products, services and solutions that such cases and communities express, and drafts lines that could lead to improved efficiency, accessibility and diffusion. (EMUDE, 2007, p. 4).

A pesquisa foi coordenada pelo Departamento de *Industrial Design, delle Arti, della Comunicazione e della Moda* (INDACO) da Politécnica de Milão, na Itália, e contou com Manzini como coordenador científico. Os estudos foram realizados com base em uma abordagem de design estratégico, para que fosse possível identificar os

casos promissores de inovação social e as comunidades que os produzem. Depois do mapeamento, foram propostas estratégias orientadas pelo design para reforçá-las e apoiá-las para que atingissem a maturidade necessária sem perder suas qualidades e seus valores originais. (EMUDE, 2006). O projeto EMUDE reconheceu a importância da auto-organização de cidadãos para resolver suas demandas de um modo inovador, e destacou a importância de um trabalho em rede para que a inovação social se desenvolva e seja disseminada. (CIPOLLA, 2017).

No primeiro livro como fruto da pesquisa, *Creative communities: people inventing sustainable ways of livings*, editado por Meroni (2007), são apresentadas soluções para desafios diários colocadas em prática por pessoas que utilizam seus conhecimentos e competências para reconfigurar, de modo criativo, seus recursos disponíveis. As denominadas comunidades criativas (MERONI, 2007), que poderiam ser também interpretadas como as ilhas mencionadas no capítulo anterior, podem ser identificadas nos mais diferentes contextos socioeconômicos e possuem algumas características em comum. São formadas por pessoas corajosas, motivadas e empreendedoras, que ressignificam seus problemas do dia-a-dia, transformando-os em oportunidades de mudar suas vidas e, conseqüentemente (mesmo que em alguns casos inconscientemente), de mudar também a sociedade. (MERONI, 2007). As soluções desenvolvidas por essas comunidades criativas são então entendidas como *radical innovations of local systems* (MANZINI, 2007, p. 14), ou seja, em um determinado contexto introduzem novos modos de fazer as coisas, assim como novos significados para práticas e relações sociais.

A dimensão criativa da inovação social é apresentada no livro através de exemplos de soluções relacionadas à moradia, alimentação, deslocamento, trabalho, aprendizagem e socialização, como a *Findhorn Ecovillage* - ecovila sustentável na Escócia; o *Biomercatino* - pequeno mercado orgânico na Itália; o *Bicycle Flea Market* - mercado para conserto e revenda de bicicletas na Finlândia; e o *Ayrshire Local Exchange Trading System* (LETS) - sistema de trocas locais no Reino Unido. (MERONI, 2007). Essas soluções demonstram o que Manzini (2008) e Meroni (2007) chamam de criatividade difusa, aquela colocada em prática coletivamente por pessoas que não têm um conhecimento especializado em disciplinas criativas. É a criatividade que todos podem e devem desenvolver para que seja possível lidar com contextos turbulentos e imprevisíveis. (EMUDE, 2006).

No segundo livro, como resultado da pesquisa, intitulado *Collaborative Services: social innovation and design for sustainability*, Jégou e Manzini (2008) destacam os processos colaborativos desenvolvidos por empreendimentos que emergem a partir das comunidades criativas e os reflexos desses processos no tecido social.

Esses empreendimentos, criadores de inovação social, são formatos mais maduros das comunidades criativas que oferecem serviços e produtos em que os papéis dos produtores e consumidores se misturam, e que também apresentam novas concepções de bem-estar e de desenvolvimento local. (JÉGOU; MANZINI, 2008). Chamados então de empreendimentos sociais difusos, eles são

[...] groups of people who, in their everyday lives, organise themselves to obtain the results they are directly interested in; the expression “producing specific results and social quality” refers to the process whereby, through actively seeking to resolve their problems, the activities of these groups of people have the side effect of reinforcing the social fabric and improving environmental quality. In short they produce sociality. (JÉGOU; MANZINI, 2008, p. 32).

Esse tipo de empreendimento difere do que comumente se conhece por empreendimento social, pois no caso dos empreendimentos sociais difusos, a elaboração e coordenação das atividades são realizadas colaborativamente entre os diversos participantes. São contrários a diversos empreendimentos sociais que são administrados por uma única pessoa, o empreendedor social. (ASHOKA, [2016?]; MANZINI, 2015).

Devido aos processos colaborativos que ocorrem nos empreendimentos sociais difusos, Jégou e Manzini (2008) referem-se às maneiras de organização desses empreendimentos como organizações colaborativas que, por sua vez, fornecem serviços e produtos baseados nas relações interpessoais e no compartilhamento de valores comuns. (JÉGOU, MANZINI, 2008; MERONI, 2007). Enquanto Meroni (2007) aponta para o prazer de se estar e fazer junto e de exercer assim a reciprocidade, Jégou e Manzini (2008) ressaltam a importância da confiança entre os participantes que, segundo os autores, é uma pré-condição para a existência desse tipo de organização.

A concepção de inovação social apresentada na pesquisa EMUDE baseia-se, portanto, em quem a produz e nos processos que acontecem entre as pessoas envolvidas, mais do que na descrição do que seja inovação social. Em resumo, a

pesquisa nos fornece uma visão de inovação social como um processo de aprendizado voltado à resolução de problemas e/ou ao aproveitamento de oportunidades. Esse processo é então desenvolvido colaborativamente por grupos de pessoas que utilizam seus recursos disponíveis de forma criativa que, por produzirem novos significados através de suas ações, provocam descontinuidades na lógica dominante.

O segundo projeto de pesquisa no qual nos baseamos é o projeto *Transformative Social Innovation Theory* (TRANSIT), realizado entre os anos de 2014 e 2017, por um consórcio de doze parceiros da Europa e da América Latina. O projeto foi coordenado pelo DRIFT, instituto de pesquisa holandês sobre transições para sociedades mais justas, sustentáveis e resilientes, sediado na Erasmus University, em Roterdã, na Holanda. Se na pesquisa EMUDE as bases para o projeto de pesquisa foram estudos de caso pontuais realizados por pequenos grupos de pessoas, na pesquisa TRANSIT as bases foram as ações de vinte redes translocais de inovação social (ver Quadro 1). Essas redes atuam localmente mas fomentam conexões entre diferentes iniciativas a nível internacional.

Quadro 1 - Redes Pesquisadas pelo Projeto TRANSIT

Rede	Descrição
Ashoka	Rede de apoio financeiro a empreendedores sociais.
Basic Income Earth Network	Conexão de pessoas comprometidas com renda básica e promoção de discussão informada.
Credit Unions	Diferentes tipos de cooperativas de crédito.
DESI Network	Rede de design para inovação social e sustentabilidade.
European Network of Living Labs	Pesquisa, desenvolvimento e inovação co-criativa, centrada no humano e orientada para o usuário.
FAB LABS	Oficinas de fabricação digital abertas para comunidades locais.
Global Ecovillage Network	Rede de aldeias ecológicas e outras comunidades intencionais.
Hackerspaces	Oficinas de fabricação digital orientadas para o usuário.
International Network for Sustainable Energy	Rede internacional de ONGs de energia sustentável.
International Co-Operative Alliance	Associações que colaboram na produção de um habitat sustentável inclusivo.
Living Knowledge Network	Rede de "science shops" e entidades de pesquisa baseadas na comunidade.
International Observatory on Participatory Democracy	Rede de comunidades e municípios reinventando como o dinheiro público é gasto e priorizado.
Réseau Intercontinental de Promotion de L'économie Sociale Solidaire	Rede para a promoção da economia solidária social.

Seed Exchange Network	Rede para a proteção da biodiversidade defendendo a liberdade de sementes através da integridade, auto-organização e diversidade.
Shareable - Sharing Cities	Conexão e capacitação de iniciativas de compartilhamento urbano visando uma transformação compartilhada.
Slow Food	Vinculação da alimentação a um compromisso com o desenvolvimento local e global sustentável.
The Impact Hub	Rede global de empreendedores sociais.
Time Banks	Redes que facilitam a troca de serviços recíprocos.
Transition Towns	Comunidades de base que trabalham na resiliência local.
La Via Campesina	Uso da agricultura familiar para promover a justiça social e a dignidade.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em TRANSIT, [2017?].

Vale destacar que entre as redes pesquisadas está a DESIS Network que surgiu a partir de três atividades internacionais: do projeto EMUDE; do projeto *Creative Communities for Sustainable Lifestyles* com foco no Brasil, Índia e China; e da conferência *Changing the Change* realizada em 2008, em Torino, na Itália. (DESI, [2017a?]). A principal ideia impulsionadora para a criação da rede foi a de que a inovação social poderia ser um importante direcionador para modos de vida mais sustentáveis e que as escolas de design poderiam ser parceiras no suporte a esse processo. (DESI, [2017a?]). A partir de 2009, a DESIS Network espalhou-se através de laboratórios em escolas de design, sendo um deles o SeedingLab, laboratório sediado na Unisinos e do qual fazemos parte.

O objetivo do projeto TRANSIT foi então construir, a partir dos estudos de caso e de outras teorias como as teorias da transição, do movimento social e institucional, uma teoria de inovação social transformadora com foco em

[...] understanding and explaining the ways in which social innovation interacts with processes of systemic or transformative change, as many urgent societal challenges are understood as requiring fundamental and systemic transformations. (HAXELTINE et al., 2016, p. 2).

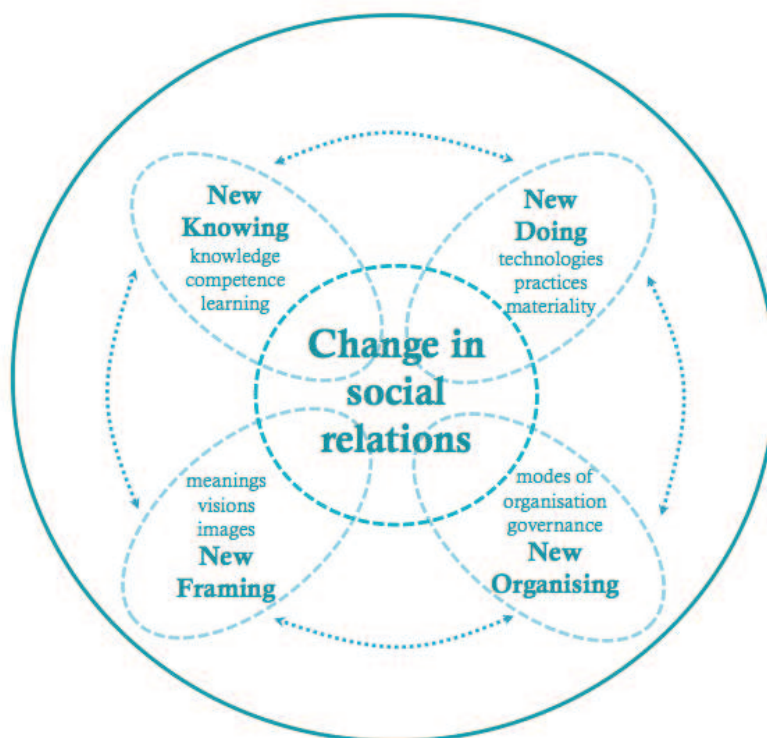
A pesquisa também apresentou como propósito entender como os atores são empoderados, ou mesmo desempoderados, nos e pelos processos de inovação social, para que sintam-se capazes (ou não) de criar estratégias de transformação.

Para os pesquisadores do projeto TRANSIT, a inovação social transformadora é um processo interativo e co-evolutivo que não apenas desafia, mas também tem o potencial de alterar ou substituir instituições existentes ou dominantes no contexto local. Entende-se por instituições as lógicas e modos dominantes, sejam eles quais forem. Este processo diz respeito ao exercício de novas relações sociais que são, ao

mesmo tempo, produto e produtoras de novas maneiras de fazer, de organizar, de conceituar e de saber. (AVELINO et al., 2017; HAXELTINE et al., 2016). A Figura 5 representa a interligação entre essas esferas da inovação social.

Figura 5 - Inovação Social Conforme a Pesquisa TRANSIT

Social innovation



Fonte: Avelino (2017, p. 3).

Os novos modos de fazer referem-se às maneiras de concretizar as ideias através de práticas e tecnologias. Podemos citar o uso de impressoras 3D e de *softwares* e *hardwares* livres, como fazem os *fab labs* e *living labs*. Ou as tecnologias sociais empregadas em ecovilas e iniciativas de economia solidária. As novas formas organizacionais e de governança são aquelas relacionadas a processos de organização e gestão como podemos ver nas iniciativas de orçamento participativo e nas cooperativas. As novas maneiras de conceituar tratam de novas visões e percepções que nos levam a imaginar outras possibilidades de vida. A pesquisa TRANSIT traz a noção de narrativas (ou contra-narrativas) de mudança, ou seja, um conjunto de ideias, conceitos, metáforas, discursos ou histórias sobre mudança e inovação. (AVELINO et al., 2017). E por fim, novos modos de saber e de aprender nos

permitem trocar conhecimentos e habilidades, diferentemente da forma como vem sendo feito.

Uma iniciativa de inovação social não precisa necessariamente abranger essas quatro dimensões, podendo destacar-se em apenas uma ou duas delas. Além disso, os pesquisadores salientam que a inovação social não é necessariamente sobre criar algo novo, mas é também sobre a redescoberta ou o despertar de algo antigo reconfigurado para novos contextos.

Partindo então dos dois projetos de pesquisa explicitados, construímos nosso entendimento do conceito de inovação social. Um primeiro aspecto relevante é a sua dimensão criativa, ou seja, quando falamos em inovação social estamos inerentemente falando também de processos criativos. Como apontado pela pesquisa EMUDE (2007), a inovação social surge a partir de processos criativos praticados por grupos de pessoas engajadas em um objetivo. A criatividade na inovação social manifesta-se nas novas configurações e significados dados para produtos, serviços, sistemas, metodologias e conceitos.

Além da relação entre criatividade e inovação social trazida pela pesquisa EMUDE (2007), um segundo aspecto é apresentado: a inovação social é também um processo colaborativo. A partir da observação das organizações colaborativas e de suas práticas, depreendemos que a inovação social está intrinsecamente relacionada a processos voltados à colaboração, processos esses que acontecem entre os produtores dos casos de inovação social, entre os produtores e consumidores ou usuários, e entre esses e outros atores que com eles interagem.

A inovação social que particularmente nos interessa é a que necessita de uma rede de atores interconectados para acontecer, para que assim consiga de fato promover uma mudança social, cultural, ambiental e econômica. Vimos que a colaboração entre os atores se dá a partir da criação de vínculos, do comprometimento e da confiança mútua.

Entretanto, observamos que a definição de inovação social advinda da pesquisa EMUDE ainda se concentrava na sua dimensão instrumental. Apesar de a pesquisa demonstrar que a inovação social promove novos significados e reconfigurações para práticas e relações sociais, o foco está na resolução de problemas especialmente através de empreendimentos. Como podemos ver na conceituação encontrada no segundo livro da pesquisa, *Collaborative Services*: "The

term social innovation refers to changes in the way individuals or communities act to solve a problem or to generate new opportunities". (JÉGOU; MANZINI, 2008, p. 29).

Sendo assim, buscamos em outro estudo aportes que pudessem nos fornecer diferentes aspectos da inovação social que não estivessem associados diretamente à resolução de problemas, mas sim à produção de novos sentidos para relações sociais. A pesquisa TRANSIT então nos proporcionou uma perspectiva direcionada às relações sociais que, por sua vez, produzem e são produzidas por novas formas de fazer, saber, organizar e conceituar. (AVELINO et al., 2017).

Para fins da presente pesquisa, compreendemos então a inovação social não somente como a resolução de problemas sociais, de uma maneira diferente da que vinha sendo feita. Mas, também, como a reconfiguração e ressignificação de relações e práticas sociais realizadas por indivíduos e organizações que contribuem para uma mudança em direção ao desenvolvimento sustentável da sociedade. Diferentemente dos pesquisadores do projeto TRANSIT que argumentam que nem o objetivo nem o resultado deveriam ser incluídos na definição de inovação social (HAXELTINE et al., 2016), nós apontamos para um propósito específico. É rumo a um mundo mais sustentável e de maior cuidado mútuo que intencionamos ir, ou seja, rumo ao *novo continente de civilização sustentável*. (MANZINI, 2017a, p. 16). No próximo capítulo trataremos sobre essa questão.

4 UM VISÃO DE MUNDO SUSTENTÁVEL

Neste momento, é necessário esclarecermos qual é então a nossa visão de mundo sustentável que pode ser promovida por inovações sociais, e quais foram os passos que demos para a formulação dessa visão. A origem da pesquisa EMUDE, relacionada às discussões promovidas pela ONU a respeito de desenvolvimento sustentável, nos provocou a investigar o tema a partir deste órgão internacional. Inicialmente, voltamos nossa atenção às concepções apresentadas através dos ODS.

Em 2015, representantes de 193 Estados-membros da ONU e o público em geral elencaram dezessete objetivos para serem alcançados até 2030 que abrangem o desenvolvimento social, econômico e ambiental do planeta. Entre eles estão: acabar com a fome e a pobreza; promover oportunidades de aprendizagem; assegurar padrões de produção e consumo sustentáveis; alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas; fomentar a inovação; e promover sociedades pacíficas e inclusivas. (NAÇÕES UNIDAS, 2015). A lista completa de objetivos se encontra no Anexo A.

Cada objetivo possui metas específicas e indicadores para que seja possível mensurar os avanços. O ODS de número 11, por exemplo, refere-se a transformar, até 2030, cidades e assentamentos humanos em lugares mais inclusivos, seguros, sustentáveis e resilientes. As metas do ODS 11 englobam a garantia de acesso de todos à habitação adequada, aos serviços básicos, a sistemas de transporte e a espaços públicos, assim como o aumento da urbanização inclusiva e sustentável e a capacidade de planejamento e de gestão participativa. (NAÇÕES UNIDAS, 2015).

Em função de um interesse pessoal de pesquisa quanto aos processos urbanos, nos aprofundamos no ODS 11. Foi, então, que nos deparamos com a *World Urban Campaign* (WUC), coordenada pelo Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-HABITAT). A WUC tem como finalidade colocar na pauta das políticas de desenvolvimento a Nova Agenda Urbana (NAU). A agenda consiste em um plano de ação de urbanização em apoio à Agenda 2030 sobre desenvolvimento sustentável, em especial o suporte ao ODS 11. O plano é uma diretriz tanto para a ONU-HABITAT, quanto para seus parceiros no governo, em outros órgãos da ONU, na sociedade civil, no setor privado e na comunidade acadêmica e científica. (UN-HABITAT, 2016b). Outro de seu propósito é "[...] to raise

awareness about positive urban change in order to achieve green, productive, safe, healthy, inclusive, and well planned cities". (WUC, [2017?]).

A WUC fomenta ao redor do mundo os *Urban Thinkers Campus*, encontros para pensadores urbanos que gerou em 2016 o manifesto *The City We Need 2.0*. (UN-HABITAT, 2016a). Esse documento apresenta uma nova perspectiva urbana para o século 21 e foi elaborado a partir de contribuições de mais de 7.800 mulheres e homens de 124 países e 2.137 organizações, representando 14 diferentes grupos constituídos.

O documento aponta para a necessidade de uma abordagem sistêmica no planejamento e no desenvolvimento de ferramentas que permita aos tomadores de decisão e aos cidadãos uma melhor compreensão das complexas conexões sociais, econômicas e políticas inerentes aos sistemas urbanos. (UN-HABITAT, 2016a). De acordo com o que é colocado no manifesto, a abordagem sistêmica também é capaz de contribuir para que os objetivos econômicos de curto prazo sejam superados por políticas e estratégias de longo prazo, cujos focos são abundância compartilhada, melhoria da saúde, da segurança e do bem-estar de todos os habitantes das cidades. Além disso, o manifesto evidencia a importância de mudança do paradigma de produção centralizada para modelos participativos e colaborativos sustentáveis, incentivando a coprodução entre fornecedores e usuários, a economia verde e a economia circular. (UN-HABITAT, 2016a).

Os princípios que apontam para uma outra visão de vida urbana elencados no documento *The City We Need 2.0* (ver Anexo B) nos dizem que a cidade de que precisamos é socialmente inclusiva e envolvente; não é cara, é acessível e equitativa; é economicamente vibrante e inclusiva; é administrada coletivamente e governada democraticamente; promove o desenvolvimento territorial coeso; é regenerativa e resiliente; tem identidades compartilhadas e sentido de lugar; é bem planejada, caminhável e amigável ao trânsito; é segura, saudável e promove bem-estar e; aprende e inova. (UN-HABITAT, 2016a).

Apesar de o documento tratar de princípios generalizados, entendemos que estes estão em sintonia com princípios locais e adequam-se a realidades distintas. Essa percepção foi legitimada durante nossa participação no *Urban Thinkers Campus* Porto Alegre, realizado nos dias 10, 11 e 12 de novembro de 2017. O tema do evento eram as zonas de inovação sustentável como impulsionadoras da NAU, dos ODS e do Acordo do Clima de Paris, através do empoderamento cidadão, do engajamento

empreendedor e da colaboração estratégica. Durante as discussões no evento, ficou clara a aderência dos princípios do manifesto à realidade de uma cidade como Porto Alegre.

Embora os documentos e relatórios da ONU nos forneçam ideias válidas para a construção de nossa visão de mundo sustentável, verificamos que havia um maior enfoque no desenvolvimento econômico como principal vetor para resolução de problemas sociais e ambientais. Isso se verifica em trechos como o seguinte

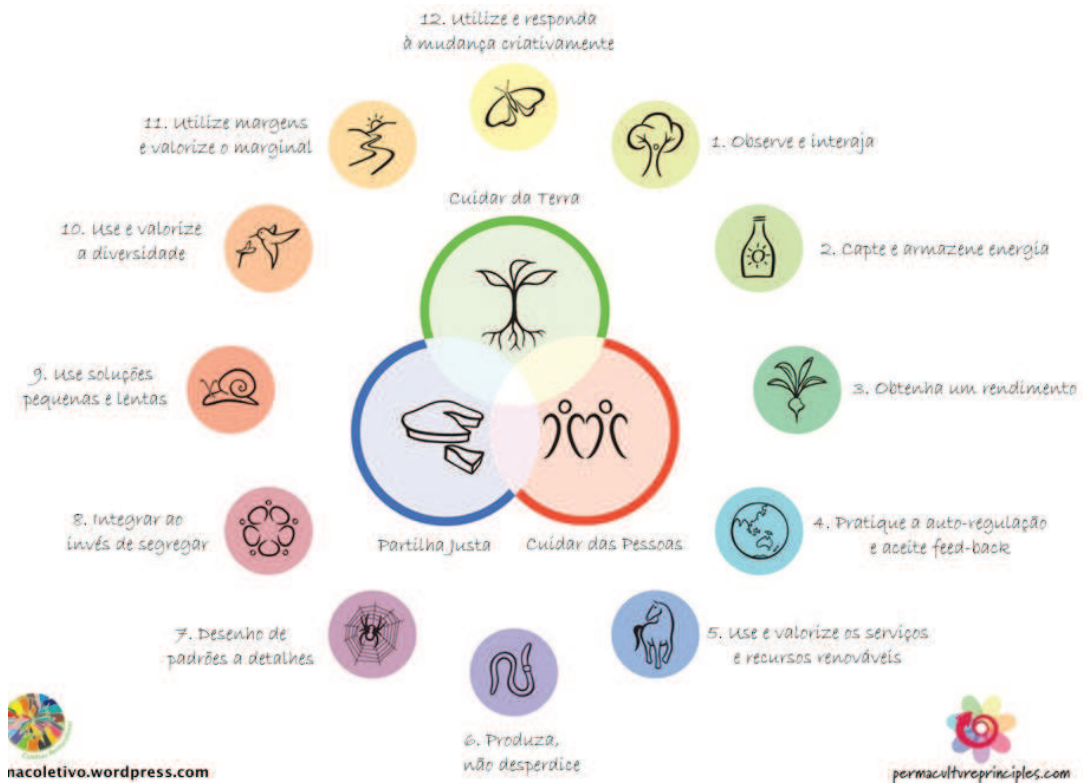
Os esforços de desenvolvimento das Nações Unidas têm influenciado profundamente a vida e o bem-estar de milhões de pessoas em todo o mundo. Orientando estes esforços está a convicção de que a paz internacional e a segurança duradouras só são possíveis se o desenvolvimento econômico e o bem-estar social das pessoas em todos os lugares forem garantidos. (NAÇÕES UNIDAS, [2017?]).

Em muitos contextos, a busca desenfreada por desenvolvimento econômico é antes a causa desses problemas do que a solução, e isso ocorre por ainda estar fortemente fundamentado em uma lógica capitalista. (VIZEU, MENEGHETTI, SEIFERT, 2012). Com isso, não queremos dizer que a dimensão econômica da sustentabilidade não seja importante, mas acreditamos que ela não se sobrepõe às outras.

Nossa crítica encontrou eco na análise de Boff (2015), que argumenta que os próprios conceitos de desenvolvimento econômico e sustentabilidade são contraditórios. Segundo ele, enquanto o primeiro se apresenta como linear e excludente, visando o crescimento material, o segundo é circular e inclusivo, pois se baseia na cooperação, co-evolução e interdependência de todos os seres. Boff (2015) salienta que, se a viabilidade do desenvolvimento seguir sendo medida pelo aumento do Produto Interno Bruto (PIB), pela acumulação de bens e serviços, pelo aumento de renda, entre outros indicadores elaborados por governos e empresas, não é possível que haja de fato justiça social. Isso porque a realidade nos mostra que quem tem dinheiro e posses, seguirá com cada vez mais dinheiro e posses, em detrimento da população mais pobre – ou seja: a desigualdade aumentará. O autor ainda afirma que, se continuarmos com os mesmos padrões e a mesma forma de produção e consumo, levando à exaustão os recursos naturais não renováveis e impedindo a autorregeneração do planeta, é impossível que tenhamos processos ambientalmente corretos. (BOFF, 2015).

Na busca por uma referência que trouxesse uma percepção complementar à da ONU acerca do desenvolvimento sustentável e que levasse em conta os pontos levantados por Boff (2015), encontramos as contribuições da permacultura. A permacultura é um conceito criado por dois ecologistas, Bill Mollison e David Holmgren, nos anos 70. Significa uma visão de cultura permanente e sustentável embasada no pensamento sistêmico e em princípios éticos e de design que norteiam sua implementação. (HOLMGREN, 2013). Esses princípios éticos e de design (Figura 6) orientam as mudanças necessárias em diversos campos, através de um percurso que inicia no nível pessoal e local, e que se dirige ao nível coletivo e global.

Figura 6 - Princípios Éticos e de Design da Permacultura



Fonte: Ética... (2008).

Os princípios éticos (no centro da Figura 6) foram elaborados "[...] a partir da pesquisa em ética de comunidades, conforme adotada por grupos cooperativos e religiosos antigos". (HOLMGREN, 2013, p. 51). Assim como a partir do conhecimento de culturas tribais indígenas que existiram em equilíbrio dinâmico com seus ambientes por milhares de anos. Os princípios éticos remetem ao cuidado com a Terra, ou seja,

com os solos, as florestas, a água e todas as formas de vida. Dizem-nos que precisamos estabelecer limites ao consumo e à reprodução desenfreada e, ao mesmo tempo, que precisamos redistribuir e compartilhar os excedentes tanto materiais quanto imateriais (partilha justa). Os princípios abordam também a importância do cuidado consigo mesmo e com as pessoas com as quais nos relacionamos.

Os princípios de design da permacultura (representados em sentido horário na Figura 6) baseiam-se também em disciplinas como a biologia, geografia, ecologia e, principalmente, no pensamento sistêmico. São princípios que orientam a implementação da permacultura: observe e interaja; capte e armazene energia; obtenha um rendimento; pratique a autorregulação e aceite feedback; use e valorize os serviços e recursos renováveis; evite desperdícios; projete dos padrões aos detalhes; integre ao invés de segregar; use soluções pequenas e lentas; use e valorize a diversidade; use as bordas e valorize os elementos marginais e; use e responda à mudança com criatividade. (HOLMGREN, 2013).

Como mencionado anteriormente, os princípios éticos e de design orientam as mudanças necessárias em diversos campos que estão representados na Flor da Permacultura (Figura 7). Na área periférica estão alguns exemplos de iniciativas que já foram colocadas em prática e que utilizam a permacultura como direcionadora.



Fonte: Holmgren (2013, p. 34).

A permacultura vai além do conceito de sustentabilidade atrelado exclusivamente aos aspectos social, econômico e ambiental, e abarca inclusive a dimensão pessoal e subjetiva. É uma visão que se aproxima do que Guattari (2012) chama de ecosofia, uma articulação ético-política e estética do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana. Uma articulação que engloba

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, com o estranho: todo um programa que parecerá distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época. (GUATTARI, 2012, p. 55).

A ecologia mental torna-se um eixo relevante na situação em que vivenciamos hoje pois implica no fortalecimento da autonomia pessoal. Implica, conseqüentemente, no afastamento de uma atitude passiva perante a vida que, se permanecer assim, acabará por aumentar as crises de nossa época e os perigos " [...] do racismo, do fanatismo religioso, dos cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração do trabalho das crianças, da opressão das mulheres..." (GUATTARI, 2012, p. 17), que já têm mostrado suas caras.

Em resumo, partindo dos relatórios da ONU (NAÇÕES UNIDAS, 2015; UN-HABITAT, 2016a), das críticas e referências complementares (BOFF, 2015; GUATTARI, 2012; HOLMGREN, 2013), pudemos construir nossa visão de como seria o continente de civilização sustentável do qual nos fala Manzini (2017a). É uma perspectiva de mundo inclusivo, em que há igualdade de gênero, possibilidade de participação democrática nos processos decisórios e em que todas e todos se sintam pertencentes ao lugar em que habitam. Um mundo em que as trocas econômicas são justas e transparentes, amparadas na medida do possível pela tecnologia; em que o desenvolvimento não é medido apenas por indicadores financeiros; em que o trabalho e a moradia dignos sejam a realidade para todas e todos; em que o cuidado mútuo, entre as pessoas e entre elas, o meio ambiente e a comunidade de vida – "flora, fauna e outros organismos vivos" (BOFF, 2015, p. 45) – seja prioridade, assim como o cuidado consigo mesmo, para que seja possível manter-se física e emocionalmente saudável. Um mundo no qual a diversidade cultural, as artes e a filosofia sejam devidamente valorizadas e fomentadas e que a aprendizagem seja incentivada para tornar possível a capacidade crítica, de regeneração e de autonomia.

O que pudemos perceber no nosso estudo é que existem inúmeros grupos de pessoas, ou, para usarmos a metáfora de Manzini (2017a), de ilhas que já estão atuando em direção a esse mundo retratado acima. É sobre esse tema que trataremos no próximo capítulo.

5 UNIDADE E DIVERSIDADE EM ECOSISTEMAS CRIATIVOS

Esta pesquisa tem como um de seus objetivos investigar grupos de pessoas que, ao reconfigurar e ressignificar seus recursos de forma criativa, são capazes de promover inovações sociais em direção à sustentabilidade. Investigá-los no âmbito do design estratégico nos levou a interpretá-los como ecossistemas criativos. O conceito de ecossistema criativo utilizado é fruto dos estudos do GPDEICS. Apresentaremos a seguir as características que definem um ecossistema criativo.

Um ecossistema é entendido como as inter-relações entre sistemas que constituem uma unidade global organizada. (MORIN, 2016). Desta definição depreendem-se três propriedades de um ecossistema: a relacional refere-se às inter-relações, conexões, interações e trocas de qualquer natureza entre os sistemas e entre eles e o meio; a global diz respeito à uma noção de totalidade; e a organizacional refere-se à organização que "liga de maneira inter-relacional os elementos ou acontecimentos ou indivíduos diversos que, a partir daí, se convertem em componentes de um todo". (MORIN, 2016, p. 133).

De acordo com Morin (2016), tais propriedades de um ecossistema são indissociáveis pois a inter-relação entre os elementos, ou seja, entre os sistemas, gera qualidades e propriedades novas que podem ser concebidas como a organização e a unidade global. A unidade global tem como aspectos característicos a organização e as novas qualidades; e a organização produz a unidade global, assim como as novas qualidades e propriedades. Sendo assim, para compreender um ecossistema não é possível isolarmos essas propriedades, elas precisam ser observadas umas em relação com as outras.

Além das inter-relações entre os sistemas que compõem um ecossistema, há as interações entre o ecossistema e o meio circundante, caracterizando assim sua abertura. Um ecossistema aberto realiza trocas materiais, energéticas, informacionais e organizacionais com o meio. (MORIN, 2015). Devido à sua abertura, os ecossistemas sofrem mudanças que resultam em desequilíbrio a partir das interferências do meio e de outros ecossistemas. Por serem ao mesmo tempo abertos e delimitados, os ecossistemas têm a capacidade de se auto-organizarem internamente, portanto, não apenas toleram as interferências a ponto de não se desintegrarem totalmente, como geram ordem e organização a partir delas.

A sua natureza aberta e simultaneamente delimitada denota uma noção antagônica e complementar de autonomia e dependência. Enquanto um ecossistema é dependente da alimentação fornecida pelo meio para que siga existindo, é em razão dessa dependência que ele é capaz de ser autônomo. A relação entre autonomia e dependência é, portanto, um aspecto que aponta para a complexidade inerente a esses sistemas. (MORIN, 2015).

Para nos ajudar a compreender essa complexidade, Morin (2015) destaca três princípios. O princípio dialógico, já mencionado no capítulo 2, trata da união de conceitos antagônicos, mas que são ao mesmo tempo complementares. De acordo com Le Moigne e Morin (2000, p. 204) o "[...] problema é, pois, unir as noções antagônicas para pensar os processos organizadores, produtivos e criadores no mundo complexo da vida e da história humana".

O princípio hologramático diz respeito à percepção de que não somente os sistemas que configuram um ecossistema estão nele como o próprio ecossistema está nos sistemas. (MORIN, 2015). Assim como o ecossistema está inserido em um meio e esse meio está no ecossistema, não é possível separá-los, pois um integra o outro. Neste sentido, os sistemas possuem propriedades do ecossistema e o ecossistema também possui propriedades dos sistemas.

O princípio recursivo nos mostra que ao se auto-organizarem e, portanto, se autoproduzirem, os ecossistemas criativos são produtores e produtos deles mesmos. E se o todo está na parte e a parte está no todo, como afirma o princípio hologramático, quando um ecossistema se autoproduz e se auto-organiza, ele também produz e organiza o meio (ou seja, a sociedade). Morin (2015) denomina essa noção de auto-eco-produção e auto-eco-organização.

Nesta pesquisa, um ecossistema criativo é concebido como as inter-relações entre grupos de pessoas que constituem uma unidade coletiva organizada. Sendo assim, a criatividade do ecossistema diz respeito à criatividade humana. Refere-se aos processos criativos e também colaborativos desenvolvidos pelas pessoas que têm o potencial de gerar toda a sorte de dispositivos para a transformação do mundo. (FRANZATO et al., 2015). São processos criativos e colaborativos que, por se desenvolverem em um contexto turbulento e em ebulição, são capazes de promover inovações e rupturas em lógicas atualmente dominantes.

A ideia de um contexto turbulento nos remete a uma noção de desordem de potencial criador e organizador que entendemos como oportunidade para o

surgimento de processos criativos, colaborativos e inovadores. Como explica Morin (2016, p. 100):

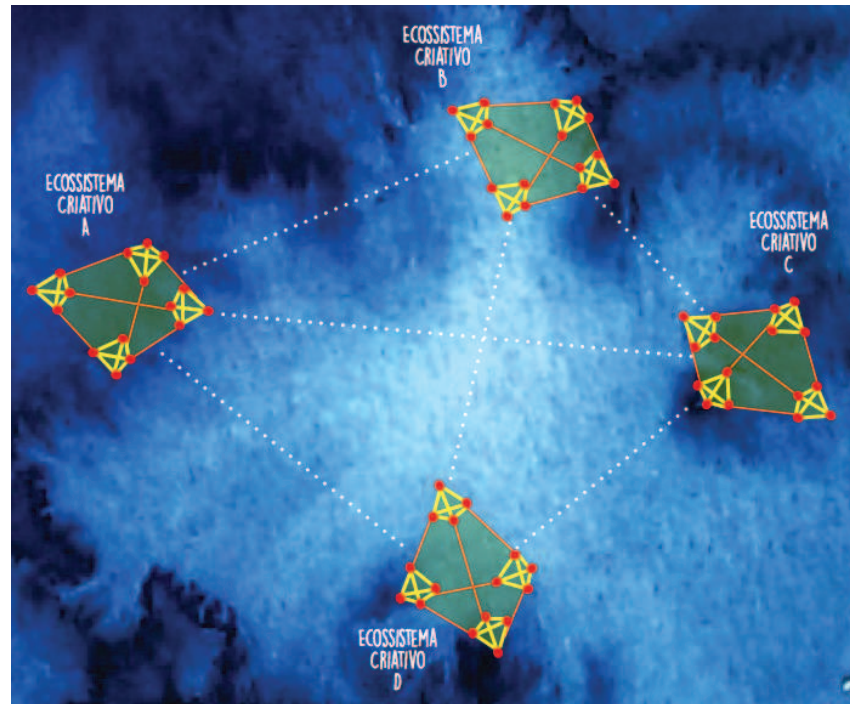
A desordem está em ação por toda parte. Ela permite (flutuações), fomenta (encontros) a constituição e o desenvolvimento dos fenômenos organizados. Ela coorganiza e desorganiza, alternativa e simultaneamente. Todo devir está marcado pela desordem: rupturas, cismas, desvios são as condições de criações, nascimentos e morfogêneses.

Podemos mais uma vez trazer o circuito tetralógico (Figura 3 apresentada anteriormente) para ilustrarmos a citação acima. É através de um processo inerentemente colaborativo e interativo entre a desordem, a ordem e os encontros que geram interações que surge algo novo, uma nova organização, uma reconfiguração, algo potencialmente inovador.

Para Morin (2016, p. 128), "Nosso mundo organizado é um arquipélago de sistemas no oceano da desordem". Se entendemos que a desordem é um contexto turbulento, mas que também guarda um potencial de criação e organização, podemos dizer que o oceano que circunda os arquipélagos alimenta-os com criatividade e possibilidades de rupturas.

Nesta pesquisa interpretamos os ecossistemas criativos como as ilhas que formam os arquipélagos do continente submerso de civilização sustentável. (MANZINI, 2017a). Cada ecossistema criativo, assim como cada ilha, tem as suas características próprias. Entretanto, algumas dessas características são compartilhadas com outras ilhas, que estão próximas por semelhança de seu modo de organização, o que nos leva à imagem de um arquipélago como representado na Figura 8.

Figura 8 - Arquipélago de Ecosistemas Criativos



Fonte: Elaborada pela autora.

A representação gráfica ajuda-nos a visualizar as inter-relações (linhas amarelas) entre as pessoas (pontos vermelhos) que formam os sistemas, e as inter-relações (linhas laranjas) entre os sistemas que fazem parte do ecossistema criativo. Assim como as inter-relações em potencial (linhas brancas pontilhadas) entre os ecossistemas criativos, relações essas que podem vir a surgir em algum momento futuro. As inter-relações são interações, ligações, compartilhamentos e trocas entre as pessoas que podem ter como objeto informações, conhecimentos, afetividades e compromentimentos. São essas inter-relações que vão gerar processos criativos e colaborativos entre as pessoas que, por sua vez, têm o potencial de originar novas ações de transformação do mundo que, no caso desta pesquisa, são as inovações sociais orientadas à sustentabilidade.

Para Manzini (2017a, p. 44), o "[...] nosso mundo, o mundo dos seres humanos, é o mundo onde construímos a nós mesmos e preenchemos com significado". Porém, esse processo de construção pode funcionar, simplificadamente, de dois modos: o modo convencional e o modo de design. O modo convencional é aquele em que construímos da mesma maneira como vem sendo feito, conforme o que é tradicionalmente instituído e padronizado. Já construir a nós mesmos e ao nosso mundo através do modo de design significa combinar três dons humanos: senso

crítico, criatividade e senso prático. (MANZINI, 2017a, 2017b). É desse modo que operam os ecossistemas criativos, sejam eles formados por designers e/ou não-designers, ao promoverem inovações sociais orientadas à sustentabilidade.

O senso crítico é a capacidade de observarmos a realidade ao nosso redor e perceber o que não deveria ser aceitável. Nos permite reconhecer e julgar o que não podemos consentir conforme nossos próprios valores. Os ecossistemas criativos têm, portanto, a habilidade de analisar seu contexto, refletir sobre ele e realizar as devidas críticas. E não se refere apenas ao senso crítico do que ocorre ao seu redor, mas também um senso autocrítico, reflexivo, que permite e impulsiona sua própria transformação.

Ao partir dessa percepção crítica, os ecossistemas criativos desenvolvem sua criatividade que, para Manzini (2017a), é a capacidade que temos de imaginar o que ainda não existe, como as coisas poderiam ser. A criatividade do modo de design está relacionada a um raciocínio abduutivo, pois propõe novas ideias e significados. Imaginar como o mundo pode ser nos permite um exercício para a descoberta de inúmeras alternativas possíveis, e é o senso prático do modo de design que possibilita que essas alternativas sejam concretizadas, experimentadas e evoluídas ao longo do tempo.

Até aqui expusemos uma interpretação de ecossistemas criativos baseada em conceitos do pensamento complexo e na metáfora de ilhas como partes visíveis de um continente submerso que representa um mundo mais sustentável. Vemos então os ecossistemas criativos como as inter-relações entre sistemas formados por pessoas, abertos para trocas com outros ecossistemas e o meio, e delimitados o suficiente para que possam sobreviver enquanto unidade global organizada. São ecossistemas que operam no modo de design e desenvolvem processos criativos e colaborativos geradores potenciais de inovações sociais alinhadas a uma perspectiva de sustentabilidade social, ambiental e econômica. Dessa forma, os ecossistemas criativos guardam um potencial transformador de si mesmos e do mundo.

Na seção seguinte, serão descritas ilhas e, conseqüentemente, arquipélagos identificados em Porto Alegre a partir de nossa pesquisa de campo. Com isso, a intenção é mostrar como se manifestam os ecossistemas criativos na prática e, também, mostrar que já podemos ter hoje um vislumbre do mundo sustentável que pode emergir no futuro com a colaboração da cultura de design.

5.1 Ecossistemas Criativos em Porto Alegre

O primeiro tipo de ecossistema criativo identificado foram as casas colaborativas de Porto Alegre em função de nosso envolvimento prévio com tais iniciativas. O mapeamento das casas colaborativas ocorreu durante as reuniões mensais realizadas entre elas durante o ano de 2016 das quais participamos. O critério de seleção foi o formato de gestão, pois, para ser considerada como casa colaborativa, era necessário desenvolver processos colaborativos mesmo que de forma incipiente, pois algumas estavam recém nos seus primeiros meses de vida.

Durante a coleta de dados sobre as casas colaborativas, em 2016 e 2017, percebemos que havia um outro tipo de ecossistema criativo, semelhante a elas, mas que não desenvolvia processos colaborativos na gestão. Passamos então a denominar esses outros ecossistemas criativos de espaços coletivos de produção. Eles foram identificados através de conversas informais com profissionais de áreas criativas que trabalham nesses espaços. O critério de escolha foi a presença de empreendimentos de diferentes segmentos da economia criativa nos espaços, assim como a gestão centralizada dos mesmos.

Inicialmente, a pesquisa focava esses dois tipos de ecossistemas criativos. Entretanto, ao longo do processo, percebemos que havia a necessidade de olharmos para outros grupos de pessoas, de perfis diferentes, que pudessem aportar com outras práticas e processos para um mundo mais sustentável, inclusivo e justo. Então, em 2017, ao participarmos de encontros para discussões a respeito de uma região específica de Porto Alegre, o Quarto Distrito, tomamos conhecimento das ocupações urbanas na zona central da cidade. O mapeamento das ocupações urbanas ocorreu a partir de uma pesquisa em matérias de jornais disponibilizadas em meios digitais e através de conversas com participantes de tais iniciativas. O critério de escolha das ocupações foi, além da localização em uma zona central da cidade, a realização de atividades socioculturais abertas ao público em geral.

Em paralelo ao mapeamento das ocupações urbanas, identificamos um quarto e último tipo de ecossistema criativo, as moradias compartilhadas. Chegamos a elas quando procurávamos em mecanismos de busca e redes sociais digitais casos que fossem similares aos que encontramos nos livros com os resultados da pesquisa EMUDE. (JÉGOU; MANZINI, 2008; MERONI, 2007). Esse tipo de ecossistema criativo foi encontrado em menor número em relação aos outros. Porém, entendemos como

não menos importante, pois traz para nosso entendimento a respeito de uma civilização sustentável aspectos fundamentais de convivência e vida em comunidade.

A coleta de dados sobre os ecossistemas criativos mapeados aconteceu entre 2016 e 2018. Foi realizada pesquisa bibliográfica em publicações acadêmicas sobre casas colaborativas, ocupações urbanas e moradias compartilhadas. Foram, também, realizadas oito entrevistas semiestruturadas com integrantes dos ecossistemas criativos que possuíam a função de gestores e/ou idealizadores da iniciativa. O contato foi feito virtualmente e as entrevistas se deram de forma presencial no local em que se situa o ecossistema criativo do qual o entrevistado participa. As perguntas tinham como objetivo captar informações sobre o histórico da iniciativa, sobre seu funcionamento e perfil dos integrantes. Visitamos e observamos treze ecossistemas criativos, nos quais também participamos de atividades realizadas no local. Coletamos relatos de integrantes e de outros atores em eventos sobre assuntos relacionados como colaboração, desenvolvimento sustentável e transformações urbanas. A lista completa das entrevistas, visitas e participação em eventos e atividades, e os formatos de registros encontra-se no Apêndice A. Foi realizada pesquisa em páginas em rede social digital (Facebook) dos ecossistemas criativos mapeados para identificar os empreendimentos que deles fazem parte e as atividades realizadas por eles de janeiro de 2016 a dezembro de 2017. O resultado da pesquisa encontra-se nos Apêndices B, C, D, E, F e G. Os registros (imagens, áudios, vídeos e anotações em diário de campo) estão armazenados em uma pasta online no endereço: <<https://goo.gl/uBc62n>>.

Todas as fontes de dados citadas forneceram subsídios para que pudéssemos estudar os quatro tipos de ecossistemas criativos. Devido à grande quantidade de objetos de estudo e o tempo exíguo de pesquisa, partimos de características particulares para uma generalização, o que nos levou a descrições abrangentes dos tipos de ecossistemas criativos. Entretanto, há certo destaque dos ecossistemas criativos os quais visitamos pessoalmente.

5.1.1 Casas Colaborativas

No Brasil, o termo casa colaborativa, passou a ser utilizado no começo dos anos 2010 e ganhou força com o desenvolvimento de iniciativas como a Casa Liberdade, em Porto Alegre, e a Madalena80 e Laboriosa89, ambas em São Paulo. Essas primeiras casas foram criadas por empreendedores em diferentes áreas da

economia criativa como design, arquitetura, tecnologia da informação, marketing, administração, entre outras. A intenção inicial era dividir espaços de trabalho, mas, além disso, era também colocar em prática e testar formas organizacionais com uma gestão distribuída, sem que houvessem gerentes ou coordenadores para determinadas tarefas, e sem que houvesse sequer reuniões para votações, definições ou decisões. A proposta era que a manutenção da casa fosse realizada através de contribuições financeiras espontâneas e com valores definidos pelos próprios integrantes. A entrada e saída das pessoas eram livres, pois todos podiam receber a chave das casas. Eram ambientes de liberdade criativa, de experimentação de um modelo mental e organizacional horizontal e não hierárquico, e de construção de relações de confiança e abertura. (OLIVEIRA, 2014; VELASQUES, 2016).

A Casa Liberdade e a Laboriosa 89 fecharam suas portas devido, entre outros motivos, às dificuldades de pagamento do aluguel dos imóveis, mas inspiraram a criação de diversas outras que já começavam com aprendizados do que gostariam de repetir e do que não gostariam. Como é o caso do TransLAB, casa colaborativa que, conhecendo o modelo anterior, estabeleceu previamente o que não queria fazer. (MICHELIN, 2017).

Em Porto Alegre, as casas posteriores a essa primeira fase emergiram a partir de 2012. Durante encontros mensais entre membros das casas colaborativas realizados em 2016 dos quais participamos, mapeamos oito delas: Acervo Independente, Aldeia, La Casa de Pandora, Nimbus, Paralelo Vivo, TransLAB, Vila Flores e ZAC - Zona de Aprendizado Criativo (Quadro 2).

Quadro 2 - Casas Colaborativas Mapeadas em Porto Alegre

Casa Colaborativa	Website e/ou Página em Rede Social Digital
1. Acervo Independente	acervoindependente.wixsite.com/acervoindependente fb.com/acervoindependente
2. Aldeia	fb.com/aldeia252
3. La Casa de Pandora	fb.com/lacasadepandorapoa
4. Nimbus	classic.mapme.com/portoalegre-startup/nimbus-376
5. Paralelo Vivo	fb.com/hubparalelovido

6. TransLAB	translab.cc/ fb.com/translab.cc
7. Vila Flores	vilaflores.net fb.com/vilaflorespoa
8. ZAC - Zona de Aprendizado Crativo	fb.com/zachauspoa

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim como as casas da primeira fase, as desse segundo momento também foram formadas por empreendimentos, tanto formais quanto informais, atuantes em segmentos da economia criativa. No Apêndice B estão listados os empreendimentos residentes nas oito casas entre janeiro de 2016 e dezembro de 2017.

Percebemos que há uma ampla gama de referências para a constituição das casas relacionada aos membros fundadores. Desde conceitos há muito tempo existentes como as comunidades alternativas do movimento hippie, o processo de *squatting*, os ateliês compartilhados de arte e arquitetura, as hortas comunitárias, até formatos mais recentes como os *living labs* e os *fab labs*. (LITVIN, 2017). Há casas colaborativas voltadas especificamente a áreas artísticas e criativas como o Acervo Independente e Aldeia. Há outras com o foco em projetos voltados ao bem-estar da sociedade, à melhoria da qualidade de vida, à sustentabilidade ambiental, como o Paralelo Vivo, por exemplo. E em muitos casos os focos de interesse chegam a misturar-se, porém, ao analisarmos as casas, fica claro que cada uma tem uma ou duas causas que direcionam suas ações.

Os integrantes das casas colaborativas envolvidos na gestão buscam inspiração nos mais diferentes processos, abordagens e ferramentas. Podemos citar o *Dragon Dreaming* que intitula-se uma metodologia de desenvolvimento de projetos colaborativos. Certas ferramentas ensinadas nos cursos de *Dragon Dreaming* (alguns realizados nas próprias casas colaborativas) são adaptadas para os processos de gestão. Há a Sociocracia, entendida como uma "[...] tomada de decisão e um método de governança para gerenciar que permite a uma organização se gerenciar como um conjunto orgânico". (SOCIOCRACIA, [2017?]). A Arte de Anfitriar (mais conhecida pelo seu nome original em inglês, *Art of Hosting*) é vista como uma abordagem "[...] para o alcance desde liderança pessoal até a sistêmica, utilizando práticas pessoais, de diálogo, facilitação e cocriação de inovação, de forma a endereçar mudanças complexas". (ARTE DE ANFITRIAR, [2017?]).

A inspiração nesses diferentes processos e abordagens e a mistura dos mesmos torna a gestão das casas colaborativas algo híbrido que não deixa de lado

métodos tradicionais da administração. O ponto a salientar é a importância dada à participação dos integrantes das casas colaborativas nos processos decisórios, já que as decisões são tomadas da forma mais aberta e transparente possível e todos são convidados a expor seus argumentos e opiniões. O que não significa que de fato todos participem – o mais comum é a participação das pessoas que possuem um perfil mais colaborativo e ativo dentro das casas.

As abordagens e processos citados são utilizados também no desenvolvimento das atividades levadas a cabo pelos empreendedores. As atividades possuem os mais diversos formatos: cursos, oficinas, serviços, projetos, palestras, festivais, seminários, eventos culturais, produtos, entre outros. Além das atividades realizadas dentro do espaço físico das casas, há as atividades fora de suas dependências. São atividades relacionadas aos processos de transformação urbana realizando ações voltadas para o território em que situam-se – a rua, bairro ou cidade. Determinados projetos contam com a participação da comunidade do entorno, seja na cocriação das ações ou apenas no comparecimento às atividades. Há casas que atuam diretamente com instâncias do poder público para reivindicar seu envolvimento nos processos decisórios de planejamento urbano, participando de reuniões com a prefeitura e suas secretarias para articular melhorias para a cidade.

Podemos citar o Espaço Orgânico no TransLAB, feira criada em 2015 onde há venda de produtos orgânicos por pequenos produtores. Estivemos no local em junho de 2017 e pudemos observar a atividade: um banner é colocado no portão de entrada da casa (Fotografia 1) anunciando o dia e horário da feira, a venda dos produtos, a possibilidade de degustação dos mesmos e conversas com os produtores. Os produtos são expostos em caixas de feira e cestas (Fotografia 2) e os próprios produtores estão no local para comercializá-los. A iniciativa tornou-se um ponto de encontro semanal entre os residentes do TransLAB, os produtores, o público consumidor e a vizinhança.

Fotografia 1 - Banner do Espaço Orgânico no TransLAB



Fonte: Registrada pela autora.

Fotografia 2 - Produtos no Espaço Orgânico



Fonte: Registrada pela autora.

Algumas atividades como o Espaço Orgânico são organizadas por diferentes residentes de uma casa colaborativa. Ao contrário de outros espaços que não realizam atividades em conjunto, as casas colaborativas realizam ações em que um certo número de residentes, de diferentes empreendimentos, participa. Um dos casos é o Projeto Simultaneidade, realizado bienalmente no Vila Flores. O projeto consiste

de dois dias de atividades como oficinas, rodas de conversa, espetáculos de artes cênicas, shows, exibição de filmes e exposição de artes visuais. Os residentes do Vila Flores colaboram para a realização do evento e das atividades seja ao ministrar uma palestra, dar uma oficina ou expor seu trabalho, e também colaboram na idealização e produção do evento. Parceiros externos à casa também são convidados a participar com alguma atividade. Em 2017, integrantes do TransLAB e ex-integrantes do Paralelo Vivo e da La Casa de Pandora participaram.

Embora exista sinergia entre as atividades realizadas pelas e nas casas colaborativas, a parceria no desenvolvimento das mesmas é escassa. Tentativas foram realizadas por integrantes, mas poucas surtiram efeito. Neste sentido, entre 2015 e 2016, foram realizados encontros mensais com participantes das casas colaborativas mapeadas, além de outras iniciativas e curiosos como uma tentativa de criação de uma rede. Durante os encontros, pesquisadores do SeedingLab exerceram um importante papel de articuladores da rede e impulsionadores das discussões. Os pesquisadores colaboraram para a condução das reuniões e registro dos debates. As dissertações de Michelin (2017) e Litvin (2017) apresentam relatos detalhados dos encontros. Os encontros abordavam quatro demandas principais percebidas como comuns à todas as casas: gestão, comunicação, infraestrutura e sustentabilidade financeira. Além dos encontros mensais, foram também realizados três *tours* pelas casas colaborativas, o que permitiu uma maior aproximação entre os integrantes e trocas de conhecimentos.

Em novembro de 2017 também aconteceram dois encontros sobre o assunto durante o evento ONU-HABITAT *Urban Thinkers Campus* Porto Alegre, nos quais estivemos presentes. Em uma mesa redonda na Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com representantes de casas colaborativas e espaços de *coworking* cujo tema era inovação sustentável, ficou clara a necessidade da rearticulação entre essas iniciativas. Já em uma segunda mesa redonda, no Vila Flores, também com integrantes de casas colaborativas e pesquisadores acadêmicos sobre o assunto, enfatizou-se a importância da retomada dos encontros mensais anteriores. A manutenção da frequência dos encontros foi vista como crucial para que esses ecossistemas criativos possam mutuamente se fortalecer e ampliar suas ações na sociedade.

Nos últimos meses desta pesquisa o status das casas colaborativas mapeadas era o seguinte: Acervo Independente, Casa Liberdade, La Casa de Pandora, Nimbus,

Paralelo Vivo, TransLAB e ZAC - Zona de Aprendizado Criativo não estavam mais localizadas em espaços físicos, porém as redes formadas continuavam existindo de outras formas: a Aldeia passou a se organizar como um espaço cultural e não mais como uma casa colaborativa; e o Vila Flores passava por uma reorganização interna, em que seu entendimento como casa colaborativa estava sendo revisto pelos próprios idealizadores e integrantes. Em contrapartida, vimos os primeiros passos de iniciativas que estavam nascendo com o objetivo de tornarem-se casas colaborativas, como é o caso do Ateliê 130 e da Casa das Cidades.

Embora não existam fortes conexões entre esses ecossistemas criativos, e que alguns sequer se entendam hoje como casas colaborativas, o legado de suas contribuições ainda está vivo e disseminando-se para outras iniciativas. Partindo da conceituação de inovação social anteriormente apresentada, as casas colaborativas reconfiguram e ressignificam as relações e práticas sociais promovendo, assim, novas maneiras de gerenciar, conectadas com um formato mais distribuído e integrador. A inovação social nesse caso é identificada nas novas relações sociais que produzem e são produzidas por novos métodos de gestão: uma gestão que engloba o cuidado, a abertura para a escuta e para o diálogo, a tomada de decisão o mais horizontal possível e a tentativa constante de fazer com que os participantes não se sintam numa empresa de viés corporativo e puramente comercial, mas sim num ambiente acolhedor.

Sendo assim, enxergamos as casas colaborativas como o primeiro arquipélago de ilhas de pessoas que atuam em direção a outros modos de ser e fazer (Figura 9). Um arquipélago formado por iniciativas com semelhanças entre si, mas também com características próprias, conferindo a ele diversidade na unidade, assim como unidade na diversidade. Um arquipélago de novos modos de gestão que fogem de sistemas centralizados e hierárquicos em que os participantes têm pouca voz e autonomia.

Figura 9 - Arquipélago das Casas Colaborativas



Fonte: Elaborada pela autora.

Essas novas formas de gestão são operadas a partir dos modos de design das casas colaborativas. Seu senso crítico analisa os modelos de gestão tradicionais e procura subvertê-los e adaptá-los. Não aceitam que a administração seja feita em um sentido de cima para baixo e, através da inspiração em novas metodologias, exercitam uma gestão horizontal e distribuída. Sua criatividade e senso prático está justamente em imaginar novos e readaptar antigos modelos de gestão, colocando-os rapidamente em experimentação.

Quando pesquisávamos as casas colaborativas, em especial o aspecto da gestão, vimos que alguns ecossistemas criativos, por mais que fossem semelhantes, não se encaixavam na definição. Ao contrário das casas colaborativas que buscavam ser um local de experimentação de gestão descentralizada e horizontal, alguns espaços não tinham esse objetivo e desejavam a centralização dessas atividades. Identificamos então os espaços coletivos de produção que serão apresentados a seguir.

5.1.2 Espaços Coletivos de Produção

Ateliês compartilhados por artistas visuais, escritórios divididos entre empresas de arquitetura ou estúdios de ensaio e gravação utilizados por músicos são formatos

bastante conhecidos e podem ser identificados ao longo da história. O que percebemos eclodir em tempos mais recentes são espaços coletivos de produção formados por empreendimentos de diferentes segmentos: design, moda, audiovisual, publicidade, comunicação digital, arquitetura, entre outros.

Identificamos dez desses espaços em Porto Alegre: A Casa, Area 51, Cartel 331, Casa de Amapola, Casa Garibaldi, CC100, Distrito Empreendedor, Galpão Makers, Marquise 51 e Quintal Cultural. No Quadro 3 está uma lista dos espaços e, no Apêndice C, o mapeamento completo dos empreendimentos em cada um dos espaços coletivos de produção.

Durante o percurso do mestrado estivemos presencialmente em quatro deles: Galpão Makers, Marquise 51, Distrito Empreendedor e A Casa. Nas ocasiões das visitas aos espaços nos encontramos com os gestores para investigar os modos de funcionamento e as relações que ocorrem nos locais e a partir deles.

Quadro 3 - Espaços Coletivos de Produção Mapeados em Porto Alegre

Espaços Coletivos de Produção	Website e/ou Página em Rede Social Digital
1. A Casa	fb.com/acasacc
2. Area 51	aarea51.cc fb.com/aarea51.cc
3. Cartel 331	pikore.com/cartel331 fb.com/cartel331
4. Casa de Amapola	fb.com/casadeamapola
5. Casa Garibaldi	casascolaborativas.wordpress.com/as-casas/casa-garibaldi/
6. CC100	cc100.com.br fb.com/cc100poa
7. Distrito Empreendedor	distritoe.com.br fb.com/DistritoEmpreendedor
8. Galpão Makers	galpaomakers.com.br fb.com/galpaomakers
9. Marquise 51	marquise51.com.br fb.com/marquise51records
10. Quintal Cultural	quintalbarecultura.com.br fb.com/quintalbarecultura

Fonte: Elaborado pela autora.

A iniciativa da criação de um espaço surge de integrantes de um ou mais empreendimentos que necessitam de um local de produção e desejam compartilhar os custos deste local. Cada espaço coletivo de produção é então formado por empreendimentos criados e administrados por jovens empreendedores, em sua grande maioria com educação superior finalizada ou em andamento. Há profissionais

que já atuaram em grandes empresas e que, ao sentirem-se descontentes com o ambiente de trabalho ou desconectados do seu propósito, resolveram criar seus próprios negócios. Seus empreendimentos são criados levando em consideração a importância da realização pessoal, ou seja, de um trabalho que faça sentido para eles.

Por precisarem de espaços amplos e diversos para produzir, acabam por alugar casas inteiras em que cada empreendimento tem sua sala fixa, sublocada por uma quantia mensal. A maioria dos espaços possui uma sala para *coworking* em que profissionais alugam uma estação de trabalho (uma mesa ou uma parte de uma mesa) por hora, dia ou mês.

A produção dos empreendimentos pode ser limpa, ou seja, quando envolve atividades realizadas em escritórios, estúdios ou salas de reunião; ou pode ser suja, no caso de atividades em que materiais precisam ser cortados, lixados e pintados. Quanto à produção limpa, há os escritórios de publicidade e propaganda, de design gráfico e de marketing, por exemplo, em que os integrantes dos empreendimentos usam basicamente computadores, mesas, cadeiras e as paredes para colocar recados. Na Fotografia 3 podemos ver uma das salas do Distrito Empreendedor em que a parede é utilizada como recurso para anotações. Quanto à produção dita suja, há ambientes com máquinas e equipamentos para uso compartilhado entre os integrantes. A Fotografia 4 ilustra o espaço compartilhado do Galpão Makers em que há máquinas de corte, de serragem e lixação. Ali são produzidos produtos em madeira, acrílico e outros materiais.

Fotografia 3 - Sala no Distrito Empreendedor



Fonte: Registrada pela autora.

Fotografia 4 - Ambiente no Galpão Makers com Equipamentos Compartilhados



Fonte: Registrada pela autora.

Seja na produção limpa ou na suja, a presença da tecnologia é uma constante. São utilizados softwares de produção gráfica, gerenciamento de projetos, de mensagens instantâneas para comunicação e de criação de todo tipo de documentos. Alguns empreendimentos fazem uso de equipamentos como impressoras 3D, de realidade virtual e visualização de dados. Como exemplo citamos a startup Mespper

no Distrito Empreendedor que trabalha com óculos de realidade virtual, e a Mission Control, empresa que apresenta dados em uma espécie de sala de comando *high tech*. Entretanto, há também o desenvolvimento de processos artesanais, como o trabalho à mão em madeira e em tecido. No Galpão Makers há iniciativas como o Estúdio Terra Mater, Serlo e Preza que desenvolvem produtos em madeira, e a Céu Handmade na A Casa, que customiza artesanalmente jaquetas jeans, camisetas e coletes.

Os resultados das produções são apresentados e comercializados no próprio local. É comum vermos produtos em exposição pelos corredores e em salas maiores dos espaços. Feiras e bazares são realizados pelos empreendedores para promover a circulação de suas produções, neles são vendidos não apenas os produtos dos empreendimentos do espaço, mas também de parceiros. Feiras como a Junção Makers do Galpão Makers já entraram para o calendário anual de feiras da cidade. Os espaços físicos servem também de cenários para ensaios fotográficos dos produtos que são veiculados nos canais online das marcas.

Mas para além dos produtos e serviços em si, desenvolvidos por eles mesmos representando assim uma cultura *maker*, o que esses espaços coletivos de produção nos mostram são as novas relações com os processos produtivos e com quem está envolvido neles. Como dito anteriormente, há empreendedores oriundos de empresas tradicionais, algumas delas bastante hierárquicas, que buscam ter relações de ganha-ganha com seus parceiros. Noções como transparência, confiança e respeito passam a entrar na pauta dos projetos dos empreendimentos. Os espaços coletivos de produção passam a ser aglutinadores de novas relações de trabalho em que a competição doentia não encontra lugar. O importante passa a ser manter seus empreendimentos ao mesmo tempo em que os processos de produção de serviços e produtos estejam alinhados com uma ética de respeito e cuidado.

A gestão do espaço cujas responsabilidades são o gerenciamento das locações, a manutenção da infraestrutura e a comunicação interna e externa é realizada por uma pessoa que assume um papel semelhante ao de um síndico. Em alguns casos, há um grupo gestor em que as responsabilidades e tarefas são divididas entre os integrantes. Os espaços coletivos de produção são, portanto, formas organizacionais centralizadas, porém não são rígidas. Com isso queremos dizer que um empreendimento, também chamado de residente, pode resolver alguma demanda se sentir-se apto para tal tarefa. Se uma lâmpada estiver queimada, se o lixo precisar

ser recolhido ou se algo precisa ser comunicado, os residentes têm autonomia para solucionar o problema, assim como cada empreendimento tem relativa autonomia para realizar suas atividades dentro de suas salas ou nichos. Mas para realizar atividades nos espaços compartilhados, explícitas ou não, há certas regras: os residentes devem deixar o local limpo após o uso, comunicar aos demais se a atividade interfere no cotidiano do espaço e repor materiais que eventualmente forem utilizados.

As relações que se estabelecem nos espaços coletivos de produção entre os integrantes são, acima de tudo, parcerias de trabalho. Entre os empreendimentos de um mesmo espaço, são realizados trabalhos para um mesmo cliente, ou um empreendimento é fornecedor de outro em algum projeto. Nesse sentido há o papel do gestor ou gestores do espaço que normalmente são as pessoas que conhecem e atendem aqueles que por ali circulam, que costumam impulsionar a conexão entre empreendedores. As ações para que isso aconteça vão desde a apresentação de uma pessoa para outra até a realização de eventos como *happy hours*. A troca de conhecimentos e experiências entre eles acaba por influenciar seus projetos. Uma empresa de comunicação pode se inspirar em algum empreendimento de tecnologia e vice-versa. Essas situações foram relatadas pelos gestores dos espaços como de grande valor para a rede que ali se forma.

Há também algumas relações de parceria e compartilhamento entre diferentes espaços coletivos de produção. Seja a colaboração nos mesmos projetos, seja em momentos de lazer, como o pessoal da A Casa que joga futebol no campo da Area 51. Entretanto, o que vimos durante a pesquisa é que as relações entre diferentes espaços ainda são muito incipientes. Os gestores entrevistados demonstraram muito interesse em manter contato com integrantes de outros espaços, mas todos eles apontaram a falta de tempo como um empecilho para isso. A necessidade de focar nos seus próprios negócios os impede de ter uma atitude proativa quanto à conexão com outros atores, pois, mesmo que existam gestores específicos para a administração do espaço, eles também possuem seus próprios empreendimentos, com raras exceções. Suas funções de gestores e de empreendedores sobrepõem-se.

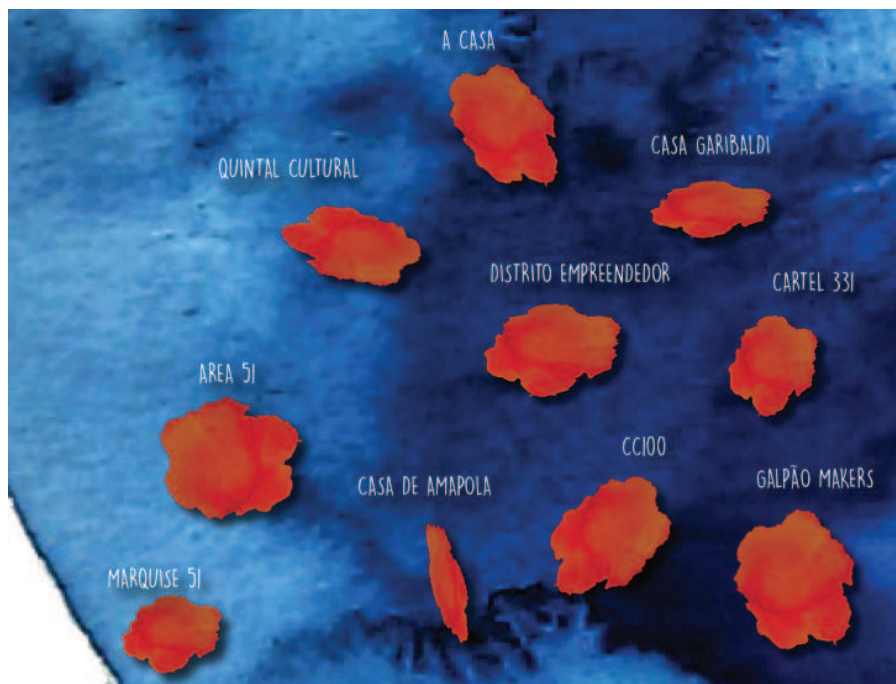
Já as relações com outros atores externos como universidades, iniciativa privada, poder público e sociedade civil se dão em função dos projetos, no papel de clientes, fornecedores e parceiros. Há um interesse das universidades em aproximar os alunos das práticas de mercado realizadas nos espaços coletivos de produção, por

exemplo. Disciplinas de diferentes cursos de graduação e pós-graduação desenvolvem projetos com os empreendedores. Identificamos também um número significativo de pesquisas acadêmicas sendo realizadas não apenas nos empreendimentos, mas nos próprios espaços coletivos de produção.

Em contrapartida, não há muita proximidade com o poder público. No caso específico de Porto Alegre, quando havia o Gabinete de Tecnologia e Inovação (INOVAPOA) da Prefeitura Municipal, os pontos de contato com o governo eram mais frequentes. Porém, poucas iniciativas de políticas públicas foram de fato encaminhadas. Para citar uma, em junho de 2016, foi assinado um decreto que concedia incentivos fiscais de IPTU e ITBI às empresas de base tecnológica, inovadora e de economia criativa localizadas apenas em cinco bairros (Floresta, São Geraldo, Navegantes, Humaitá e Farrapos), de uma região específica da cidade. De qualquer maneira, independente de subsídios do governo, os espaços coletivos de produção têm se mostrado alternativas para os modos de produção tradicional. Não sem desafios e dificuldades, operam no modo de design de forma crítica e criativa, buscando novas formas de empreender e deixar um legado positivo e consciente para a sociedade.

Portanto, os espaços coletivos de produção promovem inovação social através de novos modos de produzir e de colocar em prática ideias e projetos. Entre as iniciativas nesses espaços há várias que reutilizam recursos que iriam para o lixo e reaproveitam materiais. Elas até podem representar uma nova roupagem do capitalismo (o chamado *capitalismo consciente*), mas ao contrário de muitas empresas com fins estritamente voltados ao lucro, elas possuem a preocupação de serem menos prejudiciais ao meio ambiente e à sociedade. Evidente que isso não é o suficiente, mas é um começo de mudança de consciência. Sendo assim, os espaços coletivos de produção formam o segundo arquipélago de modos de ser e de fazer que já mostram sinais visíveis de um continente sustentável submerso (Figura 10).

Figura 10 Arquipélago dos Espaços Coletivos de Produção



Fonte: Elaborada pela autora.

Os espaços coletivos de produção inovam na medida em que buscam desenvolver e incentivar novas relações sociais nos processos de produção e de trabalho. Buscam um envolvimento e cuidado maior com matérias primas, com o ciclo dos produtos criados e nos relacionamentos com fornecedores, clientes e parceiros. Evidentemente, ainda estão no caminho para que alcancem processos sem nenhum tipo de desperdício, mas já atuam nesse sentido a partir de pequenos atos. Pela ótica da inovação social como solução para problemas sociais, estão também cooperando com a geração de renda através de sua capacidade produtiva, fazendo com que essa renda circule entre outros atores.

As fotografias a seguir ilustram alguns exemplos. A fotografia 5 mostra a sócia do empreendimento Estúdio Terra Mater sediada no Galpão Makers lixando um pedaço de tronco de madeira que será reaproveitado como tábua para servir alimentos. A montagem de fotografias 6 é de uma jaqueta criada pela Céu Handmade, localizada na A Casa, feita com tecidos de uma camisa e de um lenço.

Fotografia 5 - Produção de Tábuas de Madeira pelo Estúdio Terra Mater no Galpão Makers



Fonte: Denz (2017).

Fotografia 6 - Jaqueta Produzida pela Céu Handmade na A Casa



Fonte: Céu Handmade (2017).

Mesmo com diferenças entre as casas colaborativas e os espaços coletivos de produção quanto às formas de gestão e quanto a seus propósitos percebemos que são ecossistemas criativos com muitas características em comum. Em ambos os casos, o perfil dos integrantes é de jovens brancos de classe média com diplomas universitários. Apesar de realizarem ações em prol de uma cidade mais justa e

inclusiva, o real engajamento para reivindicar por mudanças é ainda pouco expressivo. Além disso, a predominância de empreendimentos comerciais (como pode ser observada nos mapeamentos nos Apêndices B e C), em que seus responsáveis estão preocupados em manter seus negócios vivos antes de mais nada, acaba por afastá-los de algumas ações mais coletivas.

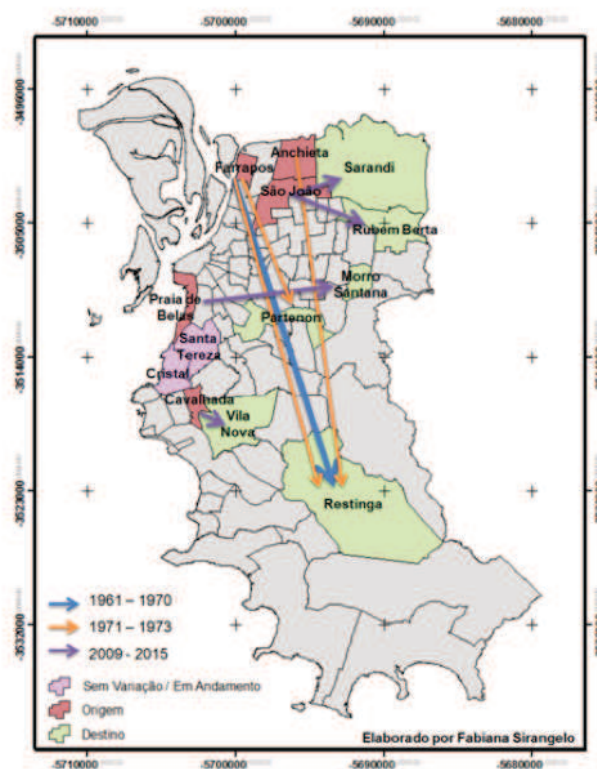
Em função dessa percepção, passamos então a observar a realidade ao nosso redor para identificar ecossistemas criativos que aportassem outros aspectos para uma perspectiva de civilização sustentável. Foi através da participação em encontros para a discussão do desenvolvimento de uma região específica da cidade de Porto Alegre, o chamado Quarto Distrito, que tomamos conhecimento de um terceiro ecossistema criativo com características bastante distintas dos anteriores, mas ainda assim com alguns pontos em comum: as ocupações urbanas.

5.1.3 Ocupações Urbanas

As ocupações urbanas são constituídas de famílias em situação de vulnerabilidade que se organizam para dar função social a imóveis públicos ou privados abandonados ocupando-os. São movimentos de resistência que lutam não apenas pelo direito à moradia digna, mas pelo amplo direito à cidade. (LEFEBVRE, 2011). As ocupações urbanas são, portanto, grupos de pessoas que lutam por justiça, igualdade e por uma cidade inclusiva. Resistem à transformação dos cidadãos em meros consumidores e da moradia em mercadoria, reivindicando seu papel de agente ativo nas dinâmicas de construção da cidade.

Em Porto Alegre, no começo do século 20, iniciou-se um processo de assepsia da cidade que acabou por expulsar do centro para a periferia os moradores de becos, cortiços e casebres. Na Figura 11 é possível ver as remoções na cidade entre 1961 e 2015.

Figura 11 - Remoções em Porto Alegre



Fonte: Sanches e Soares (2017, p. 7).

Cidadãos que moravam na região central onde também era seu ambiente de trabalho e onde estavam equipamentos fundamentais como hospitais e escolas se viram forçados a mudar para regiões afastadas da cidade. Isso acarretou não somente em horas a mais de deslocamento, mas principalmente em uma perda da identidade de comunidade que antes possuíam. Devido também à falta de políticas habitacionais adequadas, as famílias em situação de vulnerabilidade social e econômica encontraram-se sem uma moradia digna, um direito garantido pela Constituição Federal. Para os pesquisadores Sanches e Soares (2017, p. 4) as ocupações

[...] demonstram o poder de organização da sociedade civil em garantir direitos e ainda, mostram que diversos saberes podem contribuir para a formação de metrópoles mais igualitárias. Em cidades marcadas pela injustiça social, pelo abandono de patrimônios públicos e culturais, estas experiências se colocam como sopros de um possível regresso a objetivos que já foram pauta para todos que trabalham com Geografia Urbana como o exercício da cidadania e a busca pela democracia participativa real.

Em uma notícia veiculada em julho de 2017 há a informação, fornecida pelo então presidente da Comissão de Saúde e Meio Ambiente da Câmara Municipal de Porto Alegre, de que existem "[...] 500 ocupações urbanas em áreas públicas e

privadas. Mais de 300 mil pessoas vivem nesses locais, pouco mais de 20% do total da população". (COMISSÕES..., 2017). E, mesmo com programas habitacionais como o Minha Casa Minha Vida, o número de pessoas sem moradia adequada segue alarmante.

As ocupações urbanas de interesse para este estudo são especificamente as ocupações de casas ou prédios localizados em bairros centrais de Porto Alegre e que também desenvolvem atividades socioculturais para a comunidade. No Quadro 4 estão as ocupações urbanas mapeadas.

Quadro 4 - Ocupações Urbanas Mapeadas no Centro de Porto Alegre

Ocupação	Website e/ou Página em Rede Social Digital
1. Assentamento 20 de Novembro	ocupacao20denovembro.blogspot.com.br/ fb.com/assentamento20denovembro/
2. Assentamento Utopia e Luta	utopia-e-luta.blogspot.com.br/ fb.com/profile.php?id=100005934014811/
3. Kuna Libertária	fb.com/kuna.libertaria/
4. Ocupação Lanceiros Negros	fb.com/LanceirosNegrosRSMLB/
5. Ocupação Mulheres Mirabal	fb.com/MulheresMirabal/
6. Ocupação Pandorga	fb.com/ocupapandorga/
7. Ocupação Sarai	fb.com//lutadoraslutadoresurbanos
8. Violeta Casa de Cultura Popular	fb.com/ocupavioleta

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre as ocupações mapeadas, apesar de todas terem espaços de moradia fixa ou temporária, há algumas distinções. A Kuna Libertária, Pandorga e Violeta - Casa de Cultura Popular são iniciativas chamadas de "ocupas culturais". São formadas por artistas, estudantes e educadores que, além de buscarem um local de moradia, também procuravam por um espaço para a realização de atividades socioculturais para a população. Nelas é comum o alojamento de artistas de rua ou artistas itinerantes que vêm de outras cidades do Brasil ou ainda de outros países.

Em relação às atividades socioculturais desenvolvidas, há a exibição de filmes e documentários com posterior roda de conversa sobre os temas abordados. Os debates sobre assuntos como reforma urbana, feminismo, movimento negro, luta e resistência acontecem com frequência. São realizadas inúmeras aulas e oficinas gratuitas sobre música (percussão, bateria, violão), fanzine, artes visuais, *clown* e teatro. E também aulas semanais voltadas a atividades físicas como capoeira, yoga, dança e circo.

As diversas linguagens artísticas abordadas nas atividades são apresentadas ao público em saraus, e bibliotecas ficam à disposição daqueles interessados em pegar livros emprestados. As ocupações costumam realizar feiras e bazares em que suas produções e de parceiros são expostas e comercializadas. Cabe ressaltar que todas essas atividades são também realizadas nas ocupações de outros perfis, entretanto, nas "ocupas culturais" acontecem com mais frequência. As atividades estão listadas no Apêndice D.

Destacamos a atuação da Ocupação Pandorga que desde 2015 vem desenvolvendo atividades com foco na comunidade Cabo Rocha. A Pandorga ocupou um imóvel pertencente à Coordenação de Transportes Administrativos (CTA) e cedida à Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC). Por seis anos o imóvel ficou abandonado e sem uso. (FOGLIATTO, 2015). Atualmente, a Pandorga realiza oficina de conserto de bicicletas, aulas de yoga e capoeira, oficina de percussão e de circo. Aos sábados, às 16h, acontece a Pandorga Brincante em que as crianças são convidadas a brincar no espaço. Mutirões são ativados pelos participantes para reformas e novas construções, como a construção de um forno de barro para o espaço.

Os assentamentos 20 de Novembro e Utopia e Luta, e as ocupações Lanceiros Negros e Saraí são focadas predominantemente em moradia, mas também em geração de renda. As duas primeiras são chamadas de assentamento pois já têm a posse do imóvel. Estivemos no Assentamento 20 de Novembro e realizamos entrevista com Ezequiel Moraes, ex-integrante da Ocupação Saraí e morador do assentamento. Moraes é um dos integrantes do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN) e membro ativo na luta pela reforma urbana.

Outros pontos de contato com o projeto do Assentamento 20 de Novembro foram as ocasiões nas quais participamos do segundo encontro do ciclo Design para Democracia promovido pelo SeedingLab, e do 7º Simpósio Identidade e Território e Imagem na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS. Nesses eventos a história e o projeto arquitetônico para o assentamento foram apresentados.

O Assentamento 20 de Novembro está desde 2013 em um imóvel que ficou abandonado por quase cinquenta anos (Fotografia 7). Porém, a história do assentamento começou em 2006 em uma outra ocupação no Centro Histórico de Porto Alegre, onde hoje é a Ocupação Saraí. Os integrantes do assentamento fazem parte do MNLN. Após batalharem por anos, a escritura do imóvel passou a pertencer

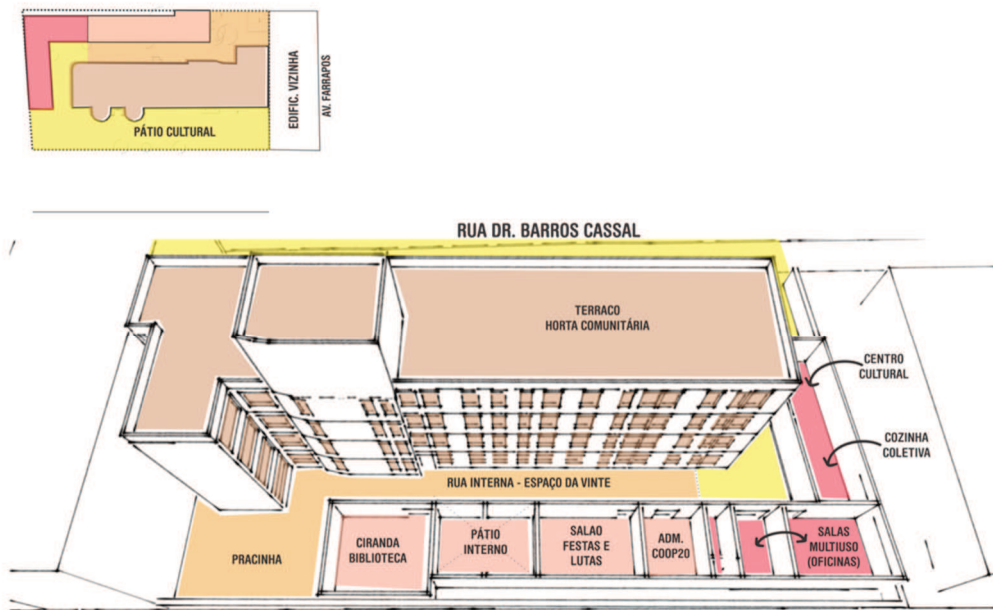
à Cooperativa 20 de Novembro em 2016, através do Programa Minha Casa Minha Vida Entidades. Atualmente, os moradores estão vivenciando um processo de arquitetura participativa com o escritório AH! Arquitetura Humana, residente da casa colaborativa Vila Flores. Com os arquitetos, realizam reuniões para que juntos definam suas necessidades e sonhos para o local. A intenção, além de criar 40 unidades habitacionais de um e dois dormitórios, é ter horta comunitária no terraço, pátio e centro cultural, cozinha coletiva, salas multiuso, salão de festas e de luta, ciranda, biblioteca e pracinha (Figura 12).

Fotografia 7 - Fachada do Assentamento 20 de Novembro



Fonte: Registrada pela autora.

Figura 12 - Projeto do Escritório AH! Arquitetura Humana



Fonte: Arquitetura Humana (2017).

O Assentamento 20 de Novembro é uma referência na luta pela moradia e tem servido de exemplo para outras ocupações em diferentes cidades do país. Entretanto, esse é um caso raro na história das ocupações. A Ocupação Saraí, de onde vieram diversos moradores do Assentamento 20 de Novembro, tem sua história marcada por reintegrações de posse e despejos.

Durante a Semana Acadêmica da Arquitetura e Urbanismo da UFRGS participamos de uma roda de conversa com moradores da Ocupação Saraí. Em uma visita pelo prédio pudemos conhecer a moradia de um deles (Fotografia 8). No encontro com os moradores ouvimos a história da ocupação e de como tem se dado sua relação com os vizinhos e órgãos públicos (Fotografia 9).

Fotografia 8 - Quarto em Apartamento da Ocupação Saraí



Fonte: Registrada pela autora.

Fotografia 9 - Roda de Conversa com Moradores da Ocupação Saraí



Fonte: Registrada pela autora.

Dentre as ocupações, há a Ocupação Mulheres Mirabal que atende mulheres e crianças em situação de vulnerabilidade, prestando um serviço de acolhimento. Estivemos na Mirabal na ocasião do despejo das famílias da Ocupação Lanceiros Negros. A Ocupação Mirabal acolheu algumas das famílias e estavam recebendo doações de alimentos, roupas e brinquedos para as crianças.

Existe um apoio mútuo entre as ocupações que não observamos entre os outros tipos de ecossistemas criativos. Na medida de suas possibilidades, os integrantes de uma determinada ocupação colaboram com informações, conhecimento e recursos materiais. Em função de os seus integrantes participarem de movimentos sociais organizados como o MNLN, o Movimento de Luta nos Bairros Vilas e Favelas (MLB), o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), a Confederação Nacional de Associações de Moradia (CONAM), entre outros, acabam por trocar experiências para que consigam seguir com suas atividades.

Uma das formas de colaboração nas ocupações e entre elas é a realização de mutirões para reformar os ambientes, quando os moradores e frequentadores juntam-se para fazer melhorias no local, buscando doações de material e mão-de-obra para transformarem os ambientes em espaços acolhedores de convívio. Exemplos são as hortas urbanas nas ocupações, algumas em estágios iniciais como a da Ocupação Pandorga, outras mais evoluídas como a horta hidropônica do Assentamento Utopia e Luta, que inclusive comercializa sua produção. Atividades voltadas à alimentação como almoços, venda de produtos e feiras acontecem com frequência e são fontes de renda para os integrantes das ocupações. Há projetos de venda de refeições prontas para o público externo.

Cada ocupação possui um formato organizacional distinto. Algumas estão formalizadas juridicamente, como o Assentamento 20 de Novembro e o Assentamento Utopia e Luta que são cooperativas. A gestão interna das ocupações baseia-se na autogestão e algumas identificam-se com propostas anarquistas, evitando todo o tipo de hierarquia.

As ocupações não estão livres de atos violentos como os empregados pela polícia na Lanceiros Negros e Pandorga no ano de 2017. Famílias foram retiradas da Ocupação Lanceiros Negros após a reintegração de posse do imóvel. (WEISSHEIMER, 2017a), enquanto que a Pandorga foi invadida por policiais em função da Operação Érebo que estava em busca de organizações identificadas como anarquistas. (WEISSHEIMER, 2017b).

O senso crítico das ocupações urbanas manifesta-se através de suas reivindicações por moradia digna e espaços com a devida função social nos centros urbanos. Não aceitam a situação de pessoas que não tenham uma habitação adequada ou que não tenham um local em que possam realizar atividades socioculturais para comunidades em situação de vulnerabilidade. A criatividade e o

senso prático está em buscar diferentes soluções para um problema social urgente, que é o déficit habitacional e os espaços ociosos.

É justamente a capacidade de aproximação e união de diferentes pessoas para a luta por seus direitos enquanto cidadãos o que nos mostram as ocupações urbanas. Ao contrário dos outros tipos de ecossistemas criativos, as ocupações urbanas demonstram um maior engajamento político em questões que afetam a tantas pessoas, como o caso da moradia e da função social da propriedade. A inovação social gerada pelas ocupações urbanas talvez seja a mais impactante pois é capaz de provocar a criação de políticas públicas com efeitos significativos para a sociedade. O terceiro arquipélago (Figura 13) é formado, então, pelas ocupações urbanas, demonstrando novos modos de ser e fazer que resistem à lógicas impostas pelo mercado.

Figura 13 - Arquipélago das Ocupações Urbanas



Fonte: Elaborada pela autora.

Além da questão da moradia, as ocupações tocam pontos como a geração de renda e o desenvolvimento de atividades culturais, que geram coesão, autonomia e empoderamento nos participantes. As Fotografias 10 e 11 a seguir mostram as paredes das ocupações como suporte para mensagens de resistência e luta.

Fotografia 10 - Stencil no Assentamento 20 de Novembro



Fonte: Registrada pela autora.

Fotografia 11 - Cartazes na Ocupação Saraí



Fonte: Registrada pela autora.

Morar em uma ocupação urbana em certos casos não é uma questão de escolha, mas sim de necessidade. Excetuando-se pessoas que escolhem morar em ocupações culturais, por exemplo, quem vai para uma ocupação é porque não tem

outra opção de local para morar. Durante a busca por iniciativas de inovação social em Porto Alegre, tomamos conhecimento de um formato de habitação que, ao contrário das ocupações urbanas, é constituído de integrantes que escolhem estar ali. São as moradias compartilhadas, como veremos a seguir.

5.1.4 Moradias Compartilhadas

No decorrer desta pesquisa em busca de iniciativas em Porto Alegre que promovessem inovações sociais em direção à sustentabilidade, encontramos um quarto tipo de ecossistema criativo. Inicialmente, pensamos que poderia ser considerado o mesmo que casas colaborativas. Entretanto, ao aprofundarmos a investigação a seu respeito, percebemos que se tratavam de ecossistemas criativos bastante distintos e que promoviam outro tipo de inovação social.

Em Porto Alegre, identificamos três moradias compartilhadas em uma região central da cidade: Casa Bosque, Comuna da Lopo e Comuna do Arvoredo (Quadro 5). Durante a pesquisa estivemos na Casa Bosque e Comuna do Arvoredo para coletar dados.

Quadro 5 - Moradias Compartilhadas Mapeadas em Porto Alegre

Moradias compartilhadas	Website e/ou Página em Rede Social Digital
Casa Bosque	fb.com/bosque107/
Comuna da Lopo	fb.com/ComunaDaLopo/
Comuna do Arvoredo	comunadoarvoredo.blogspot.com.br fb.com/comunadoarvoredo/

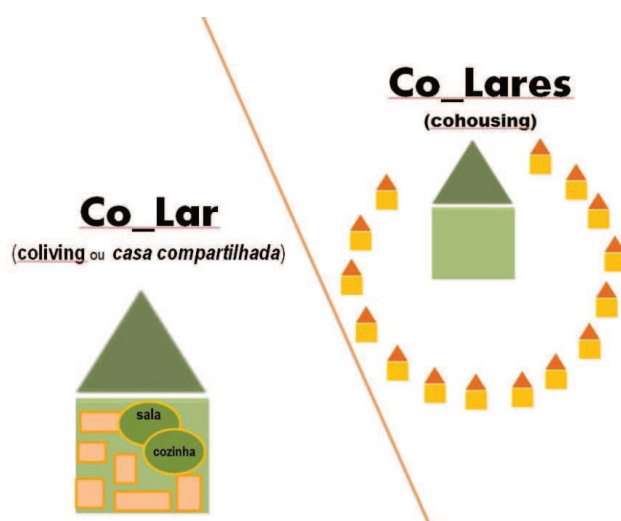
Fonte: Elaborado pela autora.

Embora sejam em menor número se comparados com os outros tipos de ecossistemas criativos, consideramos relevante para a pesquisa, pois aportam um aspecto que entendemos ser fundamental para um futuro mais sustentável: a valorização e o resgate do senso de comunidade e do cuidado mútuo. É fundamental, pois, devido à escala dos problemas sociais, ambientais e econômicos, não é o comportamento individualista de pessoas que pensam e agem apenas em benefício próprio que vai resolvê-los. Pelo contrário, é mais provável que os agravem.

Durante a pesquisa bibliográfica e em mecanismos de busca digitais sobre o assunto nos deparamos com um grande número de conceitos que definem grupos de

peças que escolhem morar juntas como *cohousing* (DURRETT, MCCAMANT, 2011; SCOTTHANSON, C., SCOTTHANSON, K., 2005), co-lares (LUBOCHINSKI, 2017), *collaborative living* (MANZINI, 2017b) e *coliving* (MONTESANTI, 2016). De acordo com Lilian Lubochinski (2017), arquiteta e estudiosa sobre o tema, co-lares é o termo em português para *cohousing* e refere-se a diversas unidades habitacionais completas com quarto, banheiro, sala e cozinha próximas a uma edificação maior em que são realizadas atividades comunitárias. Já o co-lar ou *coliving* é uma moradia compartilhada em que cada morador tem seu próprio quarto e às vezes seu próprio banheiro, mas que compartilham os outros ambientes. (LUBOCHINSKI, 2017). Na Figura 14, é possível ver a diferenciação entre os termos e formatos.

Figura 14 - Diferença entre Co-Lar (Coliving ou Casa Compartilhada) e Co-Lares (Cohousing)



Fonte: Cohousing Brasil (2017).

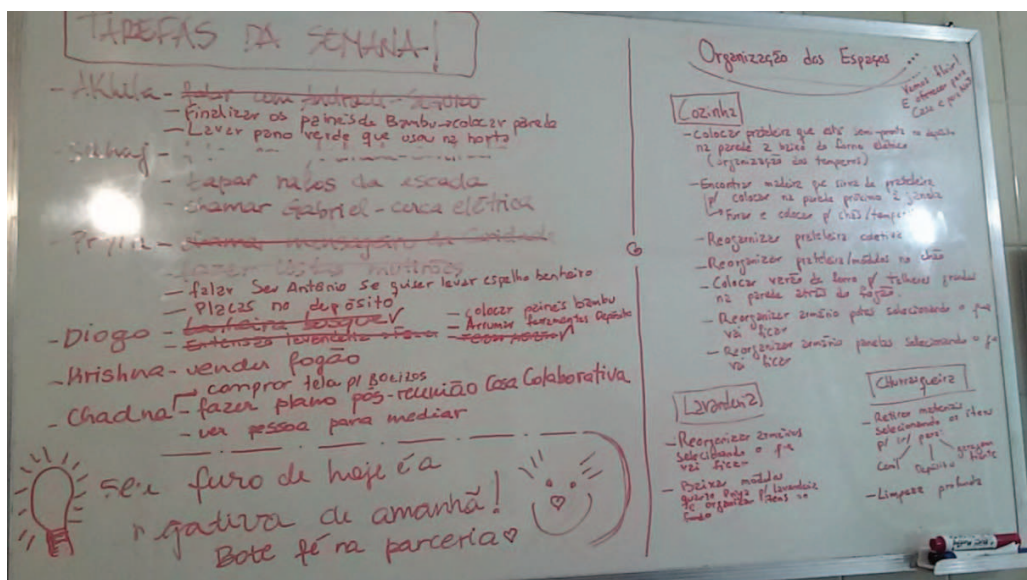
Nesta pesquisa assumimos o termo moradias compartilhadas para descrever as iniciativas mapeadas em Porto Alegre por se tratarem de casas em que os moradores têm seus quartos privados e compartilham os demais ambientes. Optamos pelo termo moradias e não casas para diferenciar das casas colaborativas.

As moradias compartilhadas são formadas por pessoas que optaram por morar com amigos ou mesmo desconhecidos em uma casa em que espaços, materiais e equipamentos são utilizados por todos. Porém, nessas iniciativas há um balanço entre o que é público e o que é privado. Enquanto a cozinha, a sala e o quintal ou jardim são espaços públicos em que todos podem utilizar, cada um tem seu próprio quarto

em que sua privacidade é respeitada. Mas os quartos não precisam necessariamente ser sempre da mesma pessoa. Na Casa Bosque, onde atualmente há seis moradores, ao entrar na casa, todos concordam em fazer um rodízio dos quartos. Cada morador paga a mesma quantia pelo aluguel, portanto não há exclusividade no uso de um quarto específico. Se um integrante deseja trocar de quarto, o assunto é levado às reuniões semanais e decidido de comum acordo entre os moradores.

Entretanto, para que haja uma convivência harmoniosa, os moradores estabelecem juntos as regras para que isso seja possível. As regras são construídas ao longo do tempo entre os moradores e são revistas conforme acharem necessário. São realizadas reuniões regulares para tomadas de decisão sobre o planejamento e a manutenção da casa. A auto-gestão e a tomada de decisão não-hierárquica são princípios essenciais nas moradias compartilhadas. É comum nessas iniciativas que os moradores busquem por consenso: se uma pessoa não concorda com determinada questão, realizam reuniões e debates até que todos estejam confortáveis com a decisão que precisa ser tomada. Na Fotografia 12 podemos ver o quadro de divisão de tarefas entre os moradores da Casa Bosque, em que cada um é responsável pela manutenção e limpeza de um dos ambientes da casa.

Fotografia 12 - Quadro de Tarefas dos Moradores da Casa Bosque



Fonte: Registrada pela autora.

Os processos participativos são também identificados no próprio projeto da casa ou nas reformas e mudanças para adaptar o espaço físico às necessidades da

comunidade que ali habita. Quando é possível, os próprios moradores fazem as reformas ou realizam oficinas em que o resultado fica como legado para o espaço físico. Como exemplo, há o *Ciclo Permanente e Inconstante em Práticas em Agroecologia na Cidade* na Comuna do Arvoredo. São oficinas de manejo de água da chuva, telhado verde, plantio, sistema de irrigação, alimentação, entre outras práticas.

A alimentação como um todo, desde o plantio até o consumo e descarte, é também uma preocupação constante nas moradias compartilhadas. Na Casa Bosque a piscina foi transformada em horta (Fotografia 13) e o objetivo é que a produção dê conta do consumo interno da casa. Nas moradias compartilhadas os moradores costumam fazer rodízios entre eles para a elaboração de refeições. (BARRETO, 2017). O ato de cozinhar para todos fortalece os vínculos e a cozinha muitas vezes acaba sendo o centro que une todos em momentos de trocas.

Na Comuna do Arvoredo, são realizadas duas atividades abertas ao público que envolvem alimentação, é o *Almoço Expandido de Domingo* e a *Quinta do Burger Vegânico*. As atividades ocupam a calçada em frente, borrando os limites entre público e privado (Fotografia 14). Em um texto de divulgação das atividades em uma rede social digital, eles expõem que ambos

[...] são projetos que nos possibilitam expandir as experiências enquanto "viver em comunidade" e ao mesmo tempo problematizar os cardápios hegemônicos e valorizar a agricultura ecológica realizada pelo pequeno produtor. [...] As refeições são momentos muito potentes para o encontro e troca de afeto, para olhar o outro e para olhar pra dentro de si. E a comida, além de proporcionar um prazer incalculável, também cria laços e tem o poder de nos conduzir à conscientização sobre a dominação realizada pela indústria alimentícia [...]. (COMUNA DO ARVOREDO, 2018).

A Comuna do Arvoredo também é um ponto de entrega e coleta dos produtos da Cooperativa GiraSol. Os clientes compram os produtos pelo *website* da cooperativa e buscam no local sempre aos domingos das 13h às 16h. Em contrapartida, a Comuna fica com uma cesta de produtos.



Fonte: Registrada pela autora.

Fotografia 14 - Quinta do Burger Vegânico na Comuna do Arvoredo



Fonte: Registrada pela autora.

Apesar de serem espaços prioritariamente de moradia, tais ecossistemas criativos abrem suas portas para atividades como forma de gerar renda para a comunidade pagar o aluguel e outras despesas relacionadas ao imóvel. A Casa Bosque possui uma sala para realização de yoga, meditação, danças circulares, palestras e encontros. Foram feitos investimentos no espaço para que os próprios

moradores pudessem usar, assim como pessoas de fora de casa pudessem locar para suas atividades. A intenção é que em um futuro próximo os moradores possam sobreviver e pagar o aluguel a partir da renda das atividades realizadas na Casa Bosque. Atualmente, dos seis moradores, três já conseguem sustentar-se financeiramente a partir do que realizam no local. A Comuna do Arvoredo também realiza atividades como yoga, capoeira, meditações ativas e encontros para o estudo e prática de Comunicação Não Violenta, que são propostas por moradores e não moradores. Outras atividades esporádicas são os eventos como feiras, shows e espetáculos teatrais. Além disso, a Comuna da Lopo tem sua tradicional Festa Anti-Natal, também com o intuito de arrecadar fundos para pagamentos relativos à casa.

Além dos benefícios da partilha dos espaços e das despesas, as moradias compartilhadas também trazem benefícios quanto ao desenvolvimento pessoal de seus moradores. O convívio com pessoas diferentes, os conflitos que precisam ser resolvidos, a necessidade dos momentos de escuta do outro, acabam por colaborar com processos de autoconhecimento. A vida em comunidades como essas faz com que as trocas tornem-se aprendizados para a transformação de quem delas participa.

A questão da convivência e da sociabilidade nas moradias compartilhadas permite que seus moradores saiam do isolamento tão comum nos formatos habitacionais tradicionais. A solidão vem se mostrando um problema social cada vez mais presente, principalmente, nas grandes cidades. Em 2018, o Reino Unido criou um grupo de trabalho governamental apelidado de *ministério da solidão* para criar políticas públicas de combate ao problema. (ROCHA, 2018). O público mais afetado pela solidão costuma ser o de idosos. Em Porto Alegre, apesar de não se tratar exatamente de moradias compartilhadas, mas de *cohousings*, idosos têm realizado trocas de informações pela internet a partir de um grupo no Facebook e de encontros presenciais para a formação de uma iniciativa na cidade.

A despeito de ser uma alternativa ao isolamento dos integrantes, as próprias moradias compartilhadas parecem ainda não conseguir sair de um isolamento entre elas, não havendo, atualmente, inter-relações entre as mesmas. Entretanto, na entrevista com Ellen Carbonari, uma das idealizadoras da Casa Bosque, ela aponta o desejo de criar uma rede de apoio mútuo entre as iniciativas para que possam compartilhar questões que surgem no processo de organização e uso da casa. Uma das pautas citadas por ela é como conciliar a moradia com as atividades comerciais, como o aluguel de espaços para aulas de yoga e encontros de grupos.

Mesmo em menor número e sem conexão entre elas, as moradias compartilhadas representam um quarto arquipélago de alternativas de modos mais sustentáveis de vida (Figura 15). Seu senso crítico manifesta-se não somente quanto a não reproduzir formas tradicionais de morar, mas igualmente quanto à construção de novas formas de produzir e consumir e à crítica aos modelos individualistas e insustentáveis que têm sido reforçados por corporações e instituições. Sua criatividade está em imaginar esses outros micromundos de relações sociais que são colocadas em prática de maneira coletiva e com cuidado.

Figura 15 - Arquipélago das Moradias Compartilhadas



Fonte: Elaborada pela autora.

Certamente a moradia compartilhada não é algo novo, mas se levarmos em consideração o contexto em que foi observada, ou seja, a cidade de Porto Alegre, é uma proposta nova que vem surgindo aos poucos. A inovação social que as moradias compartilhadas ajudam a promover refere-se, portanto, às novas relações sociais que englobam novas formas de conviver e de aprender a partir desse convívio.

Enquanto que nos prédios residenciais que encontramos pelas cidades as pessoas pouco se conhecem, pouco sabem o nome umas das outras, nas moradias compartilhadas a proximidade entre os moradores é um dos pontos mais importantes. Algo que no cotidiano de pressa e isolamento foi perdido, nas moradias compartilhadas é resgatado. Saber viver com os outros, fazer trocas emocionais

significativas e compartilhar dos mesmos espaços para dormir, se alimentar, descansar e trabalhar são aprendizados diários nesse tipo de ecossistema criativo. Podemos dizer que o que as moradias compartilhadas solucionam enquanto inovação social é o problema social da individualidade extrema e do isolamento dos sujeitos.

6 PROPOSTAS

A partir da investigação sobre a organização e práticas de quatro diferentes tipos de ecossistemas criativos em Porto Alegre, pudemos explorar a conexão entre eles com base nos conceitos anteriormente apresentados advindos dos estudos de Manzini (2017a) e Morin (2015, 2016). Tais propostas serão apresentadas a seguir.

6.1 Proposta de Coalizão de Design

De acordo com Manzini (2017a), uma coalizão de design é uma ação de design estratégico que reconhece possíveis parceiros para criar valores e interesses compartilhados com eles. E isso para que, juntos, através de uma série de iniciativas de design, possam atingir um objetivo em comum. Até então apresentamos a nossa escuta dos possíveis parceiros para o desenvolvimento de uma coalizão. Buscamos mostrar que os quatro tipos de ecossistemas criativos promovem inovações sociais que colaboram para a construção cotidiana e de baixo para cima de uma cidade mais justa, resiliente, inclusiva e sustentável. (NAÇÕES UNIDAS, 2015), bem como para uma cidade baseada na ética do cuidado consigo mesmo, com o outro e com o planeta, e no compartilhamento justo dos recursos disponíveis. (HOLMGREN, 2013).

Como pudemos ver, cada um dos quatro tipos de ecossistemas criativos tem seus processos e práticas específicos e promove à sua maneira inovação social em direção à sustentabilidade. As novas relações sociais desenvolvidas pelas casas colaborativas e pelos espaços coletivos de produção geram e são geradas por novos modos de gerenciar e de produzir, respectivamente. Já as ocupações urbanas desenvolvem novas relações sociais que geram e são geradas por outros modos de reivindicar por direitos, enquanto as moradias compartilhadas criam outras formas de convivência e sociabilidade que fogem do padrão.

Os modos verticais e centralizados de gestão já mostraram algumas falhas ao longo da história e os novos métodos levados a cabo pelas casas colaborativas nos mostram outras possibilidades de relações entre integrantes de uma organização. Nos mostram que é possível dar voz a todos e construir de fato projetos colaborativos e democráticos em que há a abertura para que todos participem dos processos de decisão. Também os modos de produção que não levam em conta os limites do planeta já estão sendo superados. Os espaços coletivos de produção são a mostra

disso. Os empreendedores buscam processos sustentáveis em diversos pontos do ciclo de produção e estão atentos às relações mais justas de trabalho. Por outro lado, as ocupações urbanas representam uma parte significativa da população que luta pelo direito de ter uma moradia digna. Mobilizam-se para dar função social a propriedades vazias e abandonadas que poderiam ser espaços cheios de vida. As ocupações nos mostram que a inclusão social é necessária para que haja uma cidade de fato sustentável. Não somente construir um lar é importante, como construir as relações que nele se estabelecem. Neste sentido, as moradias compartilhadas vêm salientar a relevância do convívio entre as pessoas, das trocas afetivas e até mesmo das regras necessárias para se viver em comunidade.

Podemos arriscar dizer que apesar de não serem de fato designers, os integrantes dos ecossistemas criativos fazem design através de modos próprios e constroem no dia-a-dia a cidade que desejam e precisam. Ao invés de isolarem-se em comunidades longe das cidades, desenvolvem suas propostas alternativas no meio urbano. Entendemos que esses ecossistemas criativos, através de suas diferentes formas de se organizar, de produzir e de conviver promovem diversas discontinuidades locais (MANZINI, 2008), assim como possuem o potencial de serem possibilidades de sobrevivência ao contexto atual, de afirmação de diferença e de melhorias na qualidade de vida urbana. (FRANZATO et al., 2015).

Nossa intenção enquanto pesquisadores foi explorar processos e práticas de design que poderiam reorganizar e fomentar as relações entre os ecossistemas criativos para que eles se fortaleçam com as trocas e compartilhamentos. Para que aprendam uns com os outros e possam se apresentar como uma alternativa viável de cidade, em um momento tão necessário. Momento esse que destaca aspectos de um contexto político, econômico e social que vai no sentido contrário ao que os ecossistemas criativos investigados se direcionam.

No momento, o que visualizamos são os ecossistemas criativos semelhantes como ilhas próximas umas das outras em um arquipélago. Apesar de não haver fortes relações entre os ecossistemas criativos do mesmo tipo, eles estão conectados devido às semelhanças nas suas formas de organização interna.

Neste momento cabe um esclarecimento. Poderíamos ter interpretado que o grupo formado por vários espaços coletivos de produção, para citar um exemplo, é um ecossistema criativo. Mas não o fizemos por dois motivos. Primeiro, por entendermos que não há relações e interações suficientes entre eles para que sejam

caracterizados atualmente como um ecossistema. São sim ecossistemas em potencial, pois é possível que estabeleçam relações entre si em um momento futuro. Entretanto, hoje, suas interações são mínimas. Como afirma Morin (2016, p. 174), "[...] o mesmo 'hólon' pode ser considerado como ecossistema, sistema, subsistema, de acordo com a focalização do olhar do observador". Portanto, foi nossa escolha enxergar cada coletivo, empresa ou família como sistemas.

Para tornar mais claro o entendimento, classificamos da seguinte maneira:

a) as pessoas são os artistas, moradores, empreendedores, funcionários que compõem cada sistema;

b) os sistemas são empresas, coletivos ou famílias formadas pelas relações entre várias pessoas;

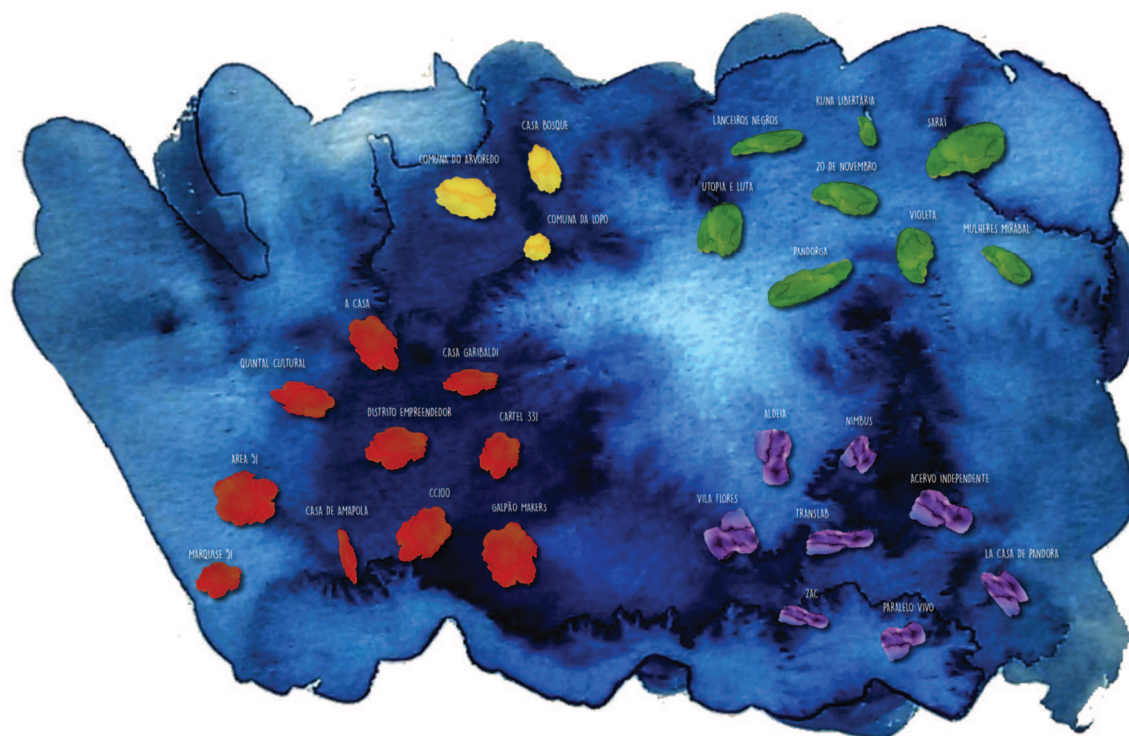
c) o ecossistema criativo é formado pelas relações entre diversos sistemas e pessoas, e nesta pesquisa também é visto metaforicamente como uma ilha;

d) vários ecossistemas criativos aproximados pelas semelhanças de suas características formam um arquipélago que podemos dizer que é um tipo específico de ecossistema criativo;

e) por fim, vários arquipélagos são as partes visíveis do continente submerso de uma civilização sustentável do qual nos fala Manzini (2017a).

A Figura 16 nos ajuda a enxergar um conceito fundamental para a coalizão de design: o de *unitas multiplex*. (MORIN, 2016). Cada ilha ou ecossistema criativo é diferente um do outro, ou seja, são múltiplos e diversos. Entretanto, vários deles formam uma unidade e estão conectados mesmo que por laços fracos, pois compartilham características semelhantes. Podemos observar também as diferenças entre os arquipélagos, o que confere diversidade quando olhamos para o todo. As partes então têm "[...] identidade própria e participam da identidade do todo". (MORIN, 2016, p. 148). Uma coalizão de design, portanto, precisa ao mesmo tempo valorizar e preservar a diversidade dos diferentes atores e perceber as inter-relações entre eles para que formem um todo, uma unidade.

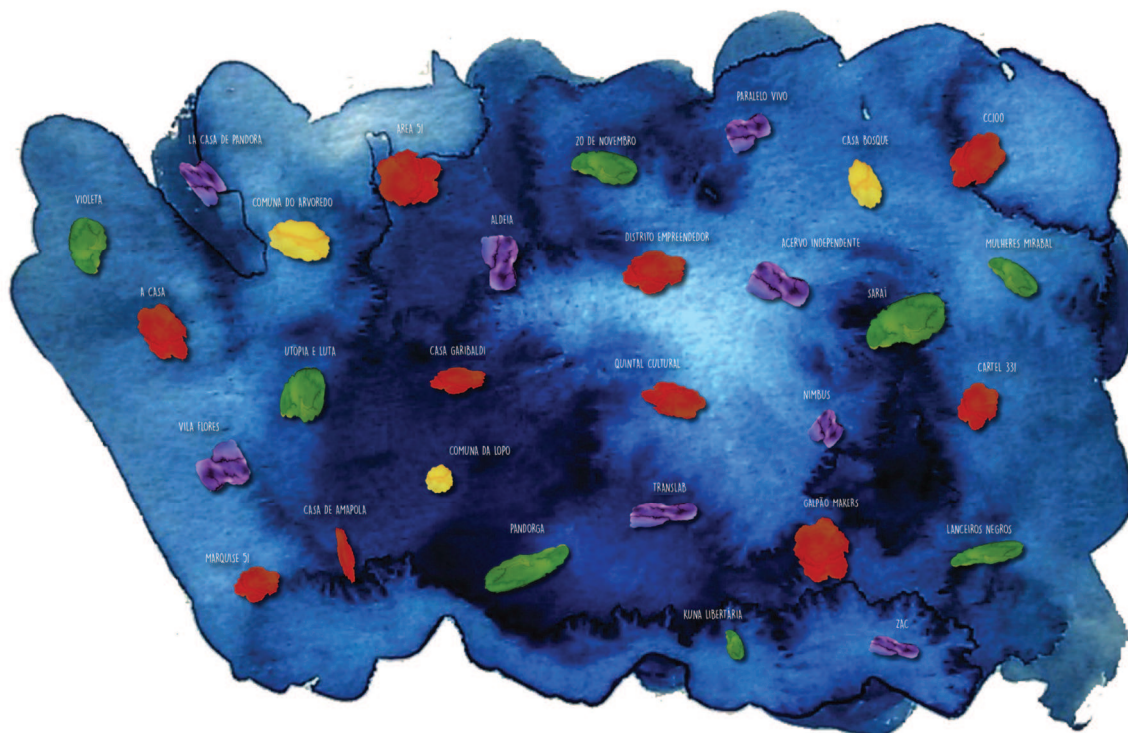
Figura 16 - Arquipélagos Formados pelos Ecossistemas Criativos



Fonte: Elaborada pela autora.

Ainda utilizando a Figura 16 como um meio para refletirmos, podemos ver que ali encontra-se uma determinada ordem e organização. É este o retrato do contexto tal qual o vemos hoje, ecossistemas criativos sem conexões mais estreitas. Neste processo, o designer estratégico assume um papel de agitador, de perturbador, de provocador de turbulências. No caso dos arquipélagos demonstrados acima, o designer estratégico vai de modo imaginativo movimentar as ilhas para que elas se reconectem de outra maneira. É o ponto em que a desordem criadora abre possibilidades para outras formas de ordem e organização. Relembramos aqui o circuito tetralógico de Morin (2016), em que a desordem gera encontros que promovem interações entre os elementos, que gerará uma nova organização e uma nova ordem. Continuando com a representação gráfica do processo, temos a Figura 17 em que uma agitação momentânea foi provocada entre os ecossistemas criativos.

Figura 17 - Agitação nos Ecossistemas Criativos



Fonte: Elaborada pela autora.

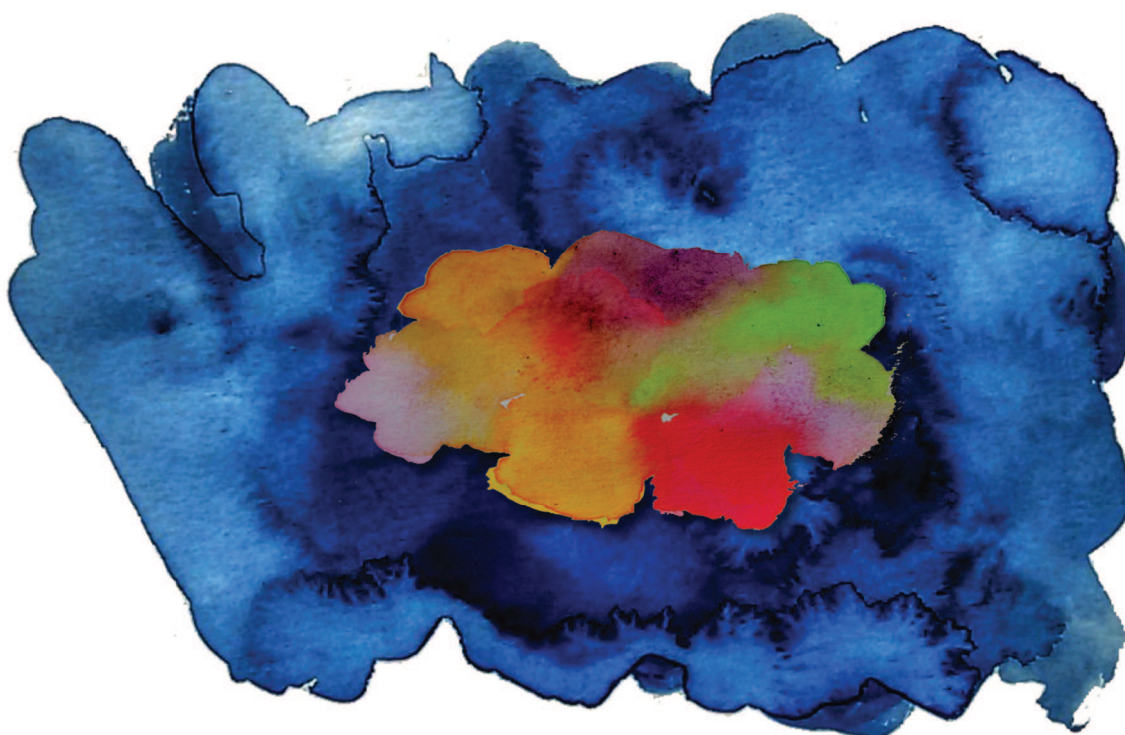
É a partir dessa turbulência, dessa mistura, então, que surgem novas possibilidades de relações. Esta nova leitura do contexto, esse processo criativo, é o que pode gerar a coalizão de design. É o que vai reconfigurar os elementos, de um modo novo, aproximando as ilhas a partir de outros critérios que não apenas a semelhança por formato organizacional.

A coalizão de design que propomos parte das ideias, visões e objetivos convergentes entre os ecossistemas criativos, mas mantendo e valorizando as especificidades de cada um. A partir da observação das atividades realizadas em cada ecossistema criativo e pelos empreendimentos neles situados (listadas nos Apêndices A, B, C, D, E e F), pudemos perceber que já existem valores e interesses compartilhados entre eles, porém, as pessoas parecem não enxergar tal convergência devido ao distanciamento e falta de diálogo entre elas.

As ideias convergentes dizem respeito, no geral, a uma cidade com mais qualidade de vida e bem-estar. Embora tenham discursos por vezes antagônicos, os ecossistemas criativos têm muitos pontos em sintonia. Entendemos que é rumo a uma sociedade com esses aspectos que seria importante nos direcionarmos, a fim de colaborarmos com uma transformação social mais ampla. Conectar e reorganizar esses ecossistemas criativos, tornando visível o continente de uma civilização mais

sustentável é, portanto, o objetivo da coalizão de design que propomos. Na Figura 18, representamos como seria uma nova ordem e organização, com os ecossistemas criativos integrados devido aos diálogos estratégicos possíveis em função de suas atividades e objetivos convergentes. Nesta nova configuração desaparecem os arquipélagos e emerge a imagem do continente submerso.

Figura 18 - Reconfiguração dos Ecossistemas Criativos



Fonte: Elaborada pela autora.

É importante ressaltar que o objetivo da coalizão de design não é exatamente projetar as relações entre os ecossistemas criativos, até porque, como já mencionamos, entendemos que é impossível projetar relações, mas sim criar as condições para que elas possivelmente aconteçam. Sendo assim, a proposta de coalizão de design possui uma dimensão metaprojetual, pois mais do que projetar um produto final, a intenção é proporcionar processos abertos o suficiente para que outros atores possam participar e projetar de forma autônoma, sem necessariamente a presença do designer. (FRANZATO, 2014). Os resultados da coalizão de design são, portanto, incertos e imprevisíveis.

A dimensão metaprojetual do processo de coalizão de design também diz respeito ao seu caráter crítico-reflexivo. Durante todo o processo o designer critica,

analisa e reflete sobre ele. (BENTZ; FRANZATO, 2016). Com isso, ao longo do percurso, sugere, aprende e experimenta novos caminhos e possibilidades em conjunto com os outros atores envolvidos. Neste sentido, o processo de projeto acaba por mesclar-se com um processo de pesquisa, pois, simultaneamente, o designer projeta e investiga o próprio processo de projeto. (FRANZATO, 2011). Ao longo do desenvolvimento deste estudo, pudemos perceber a indissolução entre projeto e pesquisa. Por vezes, sentíamos que investigávamos conceitos, processos e práticas, mas, ao mesmo tempo, já projetávamos as propostas apresentadas neste capítulo.

6.2 Propostas de Diálogos Estratégicos

Se uma coalizão de design é uma série de atividades coordenadas para que todos tenham a mesma visão sobre o que fazer e como, cabe a nós enquanto designers estratégicos um papel protagonista na apresentação de ideias e visões para alimentar o diálogo entre os diferentes atores. (FRANZATO, 2017). Sendo assim, apresentamos nesta seção seis propostas de diálogos estratégicos para impulsionar possíveis novas conexões e relações entre os ecossistemas criativos. Sabemos que integrar pessoas com perfis e ideologias tão diversas não é uma tarefa fácil. Em razão disso, nossas propostas concentraram-se nos pontos convergentes entre os ecossistemas criativos. Pontos esses os quais nos mostraram que já havia certa sintonia entre visões e valores a respeito de assuntos específicos, e que mostravam que, apesar das divergências, apontavam para um desejo de cidade sustentável com traços em comum.

Tais propostas são interpretadas como estratégias para a formação da coalizão de design, ou seja, diálogos entre diferentes interlocutores em direção a um compartilhamento de conhecimentos, tornando assim possível a produção de novos sentidos e de outras interpretações. Os diálogos estratégicos são, portanto, processos de aprendizagem em que são construídas novas capacidades daqueles que deles participam. (MERONI, 2008).

Além da análise e inspiração nos pontos em comum entre os ecossistemas criativos, as propostas foram criadas inspiradas igualmente nos princípios éticos e de design (representados anteriormente na Figura 6), e nos sete domínios-chave apontados pela Permacultura que precisam ser transformados para que uma cultura realmente sustentável possa emergir. Os domínios-chave são: o manejo da terra e da

natureza; espaço construído; ferramentas e tecnologia; cultura e educação; saúde e bem-estar espiritual; economia e finanças; posse da terra e comunidade. (HOLMGREN, 2013, p. 34). Tais domínios nos ajudaram a agrupar os diálogos em temas.

Na construção das propostas foram também levadas em consideração as contribuições que os diálogos poderiam dar aos dezessete ODS e aos dez princípios para a cidade que queremos e precisamos, elencados no manifesto *The City We Need 2.0*. Entendemos que, se houver diálogos estratégicos entre os ecossistemas criativos e, conseqüentemente, a integração de suas atividades e projetos em direção a um propósito em comum, os ODS poderiam ganhar força, visibilidade e alcance.

Para a elaboração de tais propostas, analisamos as atividades realizadas nos espaços dos ecossistemas criativos e as atividades realizadas pelos empreendimentos que deles fazem parte, mapeadas em redes sociais digitais e *websites* (ver Apêndices D, E, F e G).

6.2.1 Diálogo sobre o que nos Nutre

Entre os ecossistemas criativos observados, alguns já praticam a agricultura urbana e orgânica em seus espaços. A horta hidropônica da ocupação Utopia e Luta é um exemplo emblemático. Há também as iniciativas de incentivo à agricultura urbana como o movimento Raiz Urbana da casa colaborativa TransLAB, e as atividades do Ciclo Permanente e Inconstante em Práticas em Agroecologia na moradia compartilhada Comuna do Arvoredo. Além das pequenas hortas em inúmeros ecossistemas criativos.

Os ecossistemas criativos fomentam a comercialização de produtos orgânicos de pequenos produtores locais (de Porto Alegre ou da região metropolitana), através de feiras e de pontos de entrega de produtos comprados em plataformas digitais. Isso evita grandes deslocamentos que acabam por provocar a emissão de gases poluentes no ar. Tanto a produção quanto o consumo colaboram para a geração de renda e trabalho digno dos produtores. A feira Espaço Orgânico na casa colaborativa TransLAB, o ponto de coleta de produtos da Tribo Viva no espaço coletivo de produção Area 51 e a feira do Assentamento Utopia e Luta são alguns exemplos.

Além da venda dos produtos, há as refeições como o almoço expandido da moradia compartilhada Comuna do Arvoredo, em que alguns ingredientes vêm de sua

própria horta; e os almoços da Cozinha da Tribo no espaço coletivo de produção Quintal Cultural, em que os alimentos são utilizados o máximo possível. Depois do consumo dos produtos há o descarte através de microcários, composteiras ou de serviços de compostagem urbana como o da Re-ciclo que encontra-se na casa colaborativa Vila Flores.

Esta proposta de diálogo baseia-se na integração das atividades de agricultura urbana, de comercialização de produtos orgânicos, de alimentação saudável e de descarte de resíduos (ilustradas na Figura 19) que já são realizadas nos ecossistemas criativos para que as ideias de produção e consumo sustentável sejam disseminadas para mais pessoas, e para que também seja promovida a alimentação saudável e a consciência de todo o ciclo produtivo, do plantio ao descarte.

Figura 19 - Imagens das Atividades sobre o que nos Nutre



Fonte: Elaborada pela autora.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável com os quais a proposta pode colaborar são os seguintes: ODS 2 - Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável; ODS 3 - Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades; ODS 8 - Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos; ODS 12 - Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis.

Dentre os princípios do manifesto *The City We Need 2.0* (UN-HABITAT, 2016a), destacamos aqueles que dizem respeito à relação entre as zonas rurais e urbanas da cidade. As zonas urbanas beneficiam-se com produtos saudáveis produzidos próximos a elas e as zonas rurais beneficiam-se economicamente com uma demanda significativa vinda dos centros urbanos.

6.2.2 Diálogo sobre o que nos traz Bem-estar para o Corpo e Mente

Cuidar de si mesmo é fundamental para que possamos cuidar de outras pessoas e do nosso planeta. Cuidar do nosso corpo e da nossa mente traz não somente benefícios físicos, mas também emocionais. Os ecossistemas criativos observados atuam nesse sentido ao receberem em seus espaços atividades que colaboram para a manutenção da saúde física e psíquica das pessoas.

Quanto às atividades físicas, identificamos a presença significativa de aulas de capoeira e yoga. Ecossistemas criativos como a Ocupação Pandorga, Assentamento 20 de Novembro, Aldeia, A Casa e Comuna do Arvoredo oferecem aulas regulares dessas modalidades. Em alguns casos é cobrado um valor mensal, em outros as aulas são oferecidas gratuitamente para a comunidade. Aulas de dança, de circo e de consciência corporal também foram mapeadas e são realizadas não só como atividade física, mas como uma forma de expressar emoções e sentimentos.

A prática de meditação e de comunicação não violenta demonstra um interesse por parte dos integrantes dos ecossistemas criativos em buscar um bem-estar que vai além do físico. Um bem-estar que proporciona tranquilidade emocional para lidar com os desafios da vida cotidiana.

Esta proposta baseia-se, portanto, em um diálogo sobre as maneiras que temos disponíveis para prevenir futuros problemas de saúde, para manter nosso corpo ativo e saudável e nossa mente em paz. As trocas entre os ecossistemas criativos poderiam disseminar as atividades atingindo um público maior que se beneficiaria de tais ações como as representadas na Figura 20.

Figura 20 - Imagens das Atividades que nos trazem Bem-estar Físico e Mental



Fonte: Elaborada pela autora.

Quanto aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, esta proposta de diálogo pode contribuir com o ODS 3 - Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades; o ODS 4 - Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos; e o ODS 16 - Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável.

Um dos princípios do manifesto *The City We Need 2.0* (UN-HABITAT, 2016a) refere-se a uma cidade saudável, segura e que promove o bem-estar. No documento, o bem-estar está relacionado a atividades físicas e a uma alimentação saudável, mas também diz respeito a espaços públicos e verdes para a realização das mesmas por pessoas de todas as idades e por aquelas que possuem qualquer tipo de deficiência.

6.2.3 Diálogo sobre o Espaço que Construimos

Dos vinte e nove ecossistemas criativos mapeados, vinte estão localizados em casas, sete em prédios inteiros e dois em galpões. Alguns deles estão em imóveis de especial interesse arquitetônico e histórico como o Acervo Independente, Vila Flores, CC100 e Comuna do Arvoredo. Em função da pouca (ou nenhuma) verba para reformas, os integrantes costumam fazer algumas construções e reparos eles mesmos e em alguns casos através de mutirões com a participação de voluntários. Os integrantes buscam reutilizar materiais e/ou buscar por doações. Há também aqueles que recorreram a campanhas de financiamento coletivo para as reformas como o Acervo Independente, localizado no Centro Histórico de Porto Alegre, em um casarão de 1912.

Percebemos uma demanda geral dos ecossistemas criativos no que diz respeito à manutenção dos espaços, seja por fornecedores para determinados serviços, por materiais e equipamentos ou por mão-de-obra. Todos, de uma ou outra maneira, têm necessidades que referem-se aos cuidados com o local onde estão para que possam seguir na realização de seus projetos.

Além das atividades relacionadas à estrutura física como as citadas acima, é comum vermos os próprios integrantes construindo móveis e equipamentos. Na Pandorga houve uma oficina para a construção de um forno de barro; na Comuna do Arvoredo são realizadas práticas de bioconstrução; no TransLAB, o mobiliário do pátio

foi construído pelos residentes. A atividade de marcenaria foi identificada em empreendimentos no Galpão Makers e na Casa Garibaldi. A Figura 21 ilustra essas atividades.

Figura 21 - Imagens das Atividades sobre o Espaço que Construimos



Fonte: Elaborada pela autora.

Mas a relação com o espaço construído vai além das paredes das casas, prédios e galpões. Alguns ecossistemas criativos realizam suas atividades nas calçadas e ruas, ativando o espaço público de seu entorno e criando assim pontos de contato com a vizinhança. A realização de eventos como a Cumbia na Rua, parceria com a Ocupação Saraí e Assentamento 20 de Novembro, o Festival da Boa Vizinhança da La Casa de Pandora, a Zona de Inovação Sustentável do Paralelo Vivo e os almoços de domingo na calçada da Comuna do Arvoredo são alguns exemplos.

A proposta é um diálogo entre os ecossistemas criativos para que possam trocar experiências, materiais e técnicas e assim consigam potencializar a manutenção de seus espaços privados. E, além disso, que também possam criar parcerias para a realização de atividades nos espaços públicos, fomentando assim uma vida urbana ativa e mais segura.

Dos dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, esta proposta pode contribuir principalmente com três: ODS 9 - Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação; ODS 12 - Assegurar padrões de produção e consumo sustentáveis; ODS 11 - Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

Um diálogo (e ações) sobre o espaço que construimos pode vir a contribuir com uma cidade mais inclusiva e acessível a todos. Como é apontado no manifesto *The City We Need 2.0* (UN-HABITAT, 2016a), a cidade que desejamos tem moradia digna, saneamento básico, bens e serviços públicos de qualidade e infraestrutura decente.

6.2.4 Diálogo sobre o que Produzimos e Trocamos

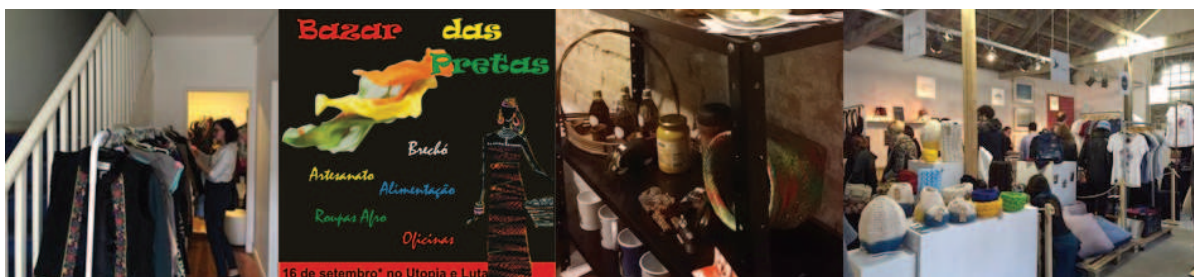
Dentre as soluções encontradas para enfrentar as dificuldades econômicas atuais está o investimento em negócios próprios e a realização de feiras e bazares para a comercialização de produtos autorais. Nos quatro tipos de ecossistemas criativos identificamos empreendedores das mais diversas áreas. Apenas entre as casas colaborativas e os espaços coletivos de produção pudemos contar aproximadamente 180 empreendimentos (as listas dessas iniciativas e suas atividades encontram-se nos Apêndices B e C). Há também empreendimentos nas ocupações urbanas e nas moradias compartilhadas, entretanto, são em menor número.

Percebemos que os empreendimentos em geral, nos quatro tipos de ecossistemas criativos, estão relacionados com segmentos da Economia Criativa e da Economia Solidária. São empreendimentos que trabalham em áreas como design gráfico, design de produto, moda, comunicação, música, tecnologia, audiovisual, produção cultural, arquitetura. Outros são os que atuam em segmentos como o de projetos socioambientais e de desenvolvimento humano.

Para fomentar a circulação da produção local, os ecossistemas criativos organizam feiras, bazares e brechós onde é possível encontrar toda a sorte de produtos autorais. A produção dos mesmos é feita localmente, inclusive através de parcerias entre os ecossistemas criativos. Destacamos os empreendimentos que demonstram uma maior preocupação com o meio ambiente ao reutilizarem materiais que seriam descartados. Como exemplos podemos citar a Céu Handmade na A Casa, que reutiliza tecidos; a Colibrii, no Vila Flores, que reutiliza calças jeans e tecidos de guarda-chuva; e a Revoada, no TransLAB, que reutiliza pneus.

Além dos produtos novos, há a circulação de produtos usados em brechós. Este tipo de atividade é bastante frequente nos ecossistemas criativos e são associadas a momentos de cultura e lazer. É comum a realização de brechós e feiras com apresentações musicais e exposições de artes visuais. Atividades como essas (representadas na Figura 22) valorizam a cultura e a produção local e colaboram para o desenvolvimento socioeconômico da região, assim como geram renda para os produtores.

Figura 22 - Imagens das Atividades de Circulação de Produtos



Fonte: Elaborada pela autora.

Propomos que o diálogo entre os ecossistemas criativos seja no sentido de unir forças para promover a produção autoral local. Se cada empreendimento é visto como pequeno isoladamente, unidos representam um número significativo de negócios que estimulam o desenvolvimento socioeconômico da cidade.

Dentre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável entendemos que esta proposta poderia ajudar a alcançar o ODS 1 - Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares; o ODS 8 - Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos; e o ODS 12 - Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis.

No manifesto *The City We Need 2.0* (UN-HABITAT, 2016a) destaca-se a importância da valorização dos negócios informais por ser uma fonte de sobrevivência para muitas pessoas e uma alternativa a situações de crise. Também se destaca o papel da economia compartilhada para a promoção do desenvolvimento econômico local.

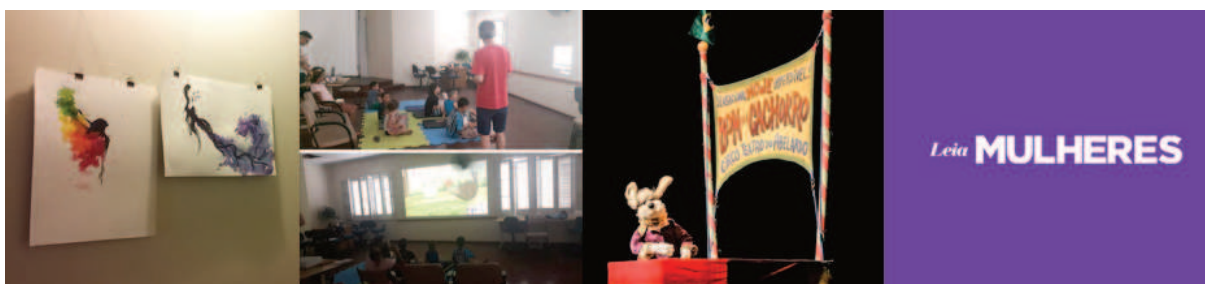
6.2.5 Diálogo sobre o que Alimenta Nossa Alma

Em tempos de supressão da liberdade de expressão artística e de priorização de conhecimentos e competências técnicas, a realização de atividades voltadas à arte e cultura pode ser encarada como um ato de resistência e de subversão. É significativo notar que em todos os ecossistemas criativos a arte se faz presente de forma massiva.

Nas ocupações urbanas é comum a realização de saraus em que artistas apresentam suas produções musicais, teatrais e circenses envolvendo a participação do público. Declamações de poesia também ocorrem nessas ocasiões. Vide o *Sarau da Resistência* realizado pela Ocupação Pandorga logo após uma operação policial entrar no local e recolher pertences dos integrantes. Esse sarau, mais do que uma atividade de cultura, mostrou ser uma forma de protesto pelo ocorrido.

As casas colaborativas e os espaços coletivos de produção que possuem locais próprios para exposições de arte recebem atividades com frequência. Exposições de artes visuais e de produções audiovisuais, apresentações de espetáculos de artes cênicas e encontros de leituras fazem parte da programação mensal desses ecossistemas criativos como podemos ver na Figura 23. Alguns inclusive têm seu foco específico em algumas linguagens como artes visuais no Acervo Independente, música na Marquise 51 e literatura na Aldeia.

Figura 23 - Imagens das Atividades que Alimentam Nossa Alma



Fonte: Elaborada pela autora.

É também comum a diversos ecossistemas criativos a realização de oficinas de arte das mais variadas. Identificamos oficinas de aquarela, fotografia, pintura, graffiti, percussão, violão, dança e escrita. O principal público é formado por jovens e adultos, mas há também algumas oficinas voltadas ao público infantil como acontece na Ocupação Pandorga e no Assentamento 20 de Novembro.

Dialogar a respeito de arte e cultura é uma proposta que vai ao encontro do desenvolvimento humano e de sua sensibilidade estética. Entendemos que a arte é algo que une a todos os ecossistemas criativos, mesmo que cada um tenha suas linguagens e estilos de preferência.

São três os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável beneficiados por esta proposta: ODS 4 - Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos; ODS 10 - Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles; ODS 16 - Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

Atividades que valorizam a arte são fundamentais para uma cidade criativa e culturalmente diversa. No manifesto *The City We Need 2.0* (UN-HABITAT, 2016a) também está a importância de valorizar a cultura indígena, o patrimônio cultural, as tradições e a cultura urbana própria de cada vizinhança.

6.2.6 Diálogo sobre o que nos Empodera

Propomos um diálogo entre os ecossistemas criativos para dar ainda mais voz a pessoas que abordam questões tão urgentes como o empoderamento feminino, a luta contra a violência sexual e o respeito à diversidade sexual e de gênero. A proposta deste diálogo pode vir a fortalecer a busca por mais políticas públicas capazes de diminuir o número de mortes de mulheres, gays, travestis e transexuais.

Os debates são momentos importantes de trocas de conhecimentos sobre essas pautas. Em 2016 e 2017 aconteceram diversos deles nos ecossistemas criativos sobre temas como o *Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha* e o *Feminismo Negro*, na Ocupação Utopia e Luta; *Mulheres na Vanguarda da (R)Evolução*, no Vila Flores; *RAP e Resistência Feminina* na Ocupação Mulheres Mirabal e; *Representação, Feminismo & Divas Pop*, no Galpão Makers (Figura 24).

Figura 24 - Imagens de Atividades sobre a Temática da Mulher



Fonte: Elaborada pela autora.

A valorização da produção das mulheres pôde ser identificada em atividades como os encontros para leitura de livros escritos por mulheres na Aldeia e nas feiras organizadas como a Papelera, Brick de Desapegos e Garotas no Poder, na Area 51. Há também os cursos como o de construção civil para mulheres das organizações Diosa e Mulher em Construção na Aldeia, no Vila Flores e na Ocupação Mulheres Mirabal. Outras iniciativas são os encontros entre mulheres chamado *Roda Saia* na Casa Bosque e a *Encontra da Autonomia das Corpas* na Comuna do Arvoredo.

Além das atividades relacionadas ao empoderamento feminino há aquelas sobre diversidade sexual e de gênero. Podemos citar o Festival de Cinema e Cultura da Diversidade Sexual chamado *For Rainbow*, que aconteceu na Area 51; as edições do projeto *I Love Laurita - Conversas Secretas*, que aborda temas como discriminação, políticas públicas de inclusão e saúde, violência, prostituição, entre tantos outros e; os encontros do TransENEM, cursinho popular gratuito para travestis e pessoas trans, na Aldeia.

Quanto aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, esses são aqueles que estariam mais próximos de ser alcançados com esta proposta: ODS 3 - Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades; ODS 5 - Alcançar a igualdade de gênero e empoderar as mulheres e meninas; ODS 10 - Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles; ODS 11 - Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

Uma cidade só é realmente sustentável quando todas e todos que nela vivem independente da cor da pele, do gênero, da orientação sexual e da idade sentem-se respeitados, incluídos e livres. Especialmente a importância do papel da mulher na construção de uma cidade mais sustentável, inclusiva, resiliente e segura é reconhecida em diversos princípios do manifesto *The City We Need 2.0* (UN-HABITAT, 2016a).

6.3 Proposta de um Encontro Colaborativo

Como apresentado na seção anterior, os diálogos estratégicos nos mostram pontos em comum entre os ecossistemas criativos capazes de abrir caminhos para a coalizão de design desejada. Esses diálogos necessitam de tempo e espaço para que aconteçam. Propomos, portanto, que eles sejam articulados por designers estratégicos e que ocorram em encontros colaborativos entre integrantes dos diferentes tipos de ecossistemas criativos e outros atores.

Quanto a propostas de encontros colaborativos poderíamos, assim como fizemos com os temas de diálogo acima, sugerir diversas possibilidades de formatos. Ao abordar o conceito de encontro colaborativo, Manzini (2017a) apresenta alguns exemplos como cooperativas, feiras, jardins comunitários, restaurantes e reuniões de moradores. Poderíamos seguir nessa linha com inúmeras opções de encontros, dos

mais variados tipos. Entretanto, optamos por um caminho um pouco diferente. Optamos por defender apenas uma proposta que ao nosso ver pode vir a englobar os mais variados formatos, assim como acreditamos que está alinhada aos conceitos que procuramos discutir neste trabalho. Nossa proposta é de um encontro colaborativo no formato de um Projeto de Extensão Universitária transdisciplinar coordenado pelo design.

A Extensão Universitária, conforme a definição da Política Nacional de Extensão Universitária elaborada nos encontros nacionais do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX), é

[...] um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, por meio do qual se promove uma interação que transforma não apenas a Universidade, mas também os setores sociais com os quais ela interage. Extensão Universitária denota também prática acadêmica, a ser desenvolvida, como manda a Constituição de 1988, de forma indissociável com o Ensino e a Pesquisa, com vistas à promoção e garantia dos valores democráticos, da equidade e do desenvolvimento da sociedade em suas dimensões humana, ética, econômica, cultural, social. (FORPROEX, 2012, p. 42).

Mas, para além desta definição formal, também compreendemos a Extensão Universitária de acordo com uma perspectiva fornecida por Freire (1985). De acordo com o autor, o termo extensão pode ser interpretado como uma ação de levar algo a alguém, de transferir conhecimento de quem o possui para quem não o possui. Mas para Freire (1985, p. 22), o conhecimento não faz esse caminho, ele "[...] se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações". Um sujeito não é alguém que nada sabe e que passivamente recebe conhecimento de alguém mais culto. Todos possuem seus próprios saberes, sejam eles acadêmicos ou não. Portanto, para Freire (1985, p. 46) a extensão deveria ser entendida como comunicação, ou seja, "[...] um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados". É neste sentido que entendemos a Extensão Universitária, como um encontro entre a universidade e a sociedade, em que ambos possuem seus próprios conhecimentos, todos igualmente válidos.

Atualmente, no Brasil, a atividade de extensão é percebida como o *primo pobre* (D'OTTAVIANO; ROVATI, 2017, p. 20) do tripé ensino-pesquisa-extensão no qual se estrutura a universidade. É uma atividade muitas vezes confundida com cursos de

curta duração oferecidos para o público em geral, assessorias técnicas ou consultorias. Mas acreditamos que o papel da Extensão Universitária é muito mais do que isso. Ela tem a capacidade de vir a ser uma *tática micropolítica de resistência*. (BRITTO, 2017, p. 33). Resistência à transformação das universidades em instituições que moldam seus cursos de graduação e pós-graduação para atender as demandas tecnicistas do mercado. Além disso, também é interpretada como resistência enquanto espaço e tempo para experimentações pedagógicas e investigativas, para o exercício da criatividade e para a atuação junto a comunidades excluídas de processos decisórios. (BRITTO, 2017). A Extensão Universitária é então vista como uma

[...] ação *política e espaço público*, locus privilegiado da interação entre universidade e sociedade pautado pela prática da democracia, pelo combate aos preconceitos e às desigualdades sociais, pelo diálogo e parceria fraterna entre "diferentes", pela experimentação com vistas ao enfrentamento de problemas relevantes para a população mais vulnerável e pobre do país, pela procura e invenção de um conhecimento que transforma. (D'OTTAVIANO; ROVATI, 2017, p. 17, grifos dos autores)

O potencial transformador da Extensão Universitária e sua prática pautada pela democracia e processos dialógicos nos fez enxergá-la como um encontro colaborativo com a capacidade de integrar os ecossistemas criativos que apresentamos e suas diferentes e complementares visões de mundo. Encontro esse que possui as quatro características elencadas por Manzini (2017a): envolvimento ativo, envolvimento colaborativo, intensidade relacional e intensidade dos vínculos sociais.

Um projeto de Extensão Universitária abrange uma série de atividades coordenadas que vão exigir maior ou menor envolvimento ativo dos participantes, ampliando assim suas capacidades e funcionamentos como o que propõe Nussbaum e Sen (1993) em sua abordagem das capacidades. Assim como haverá envolvimento colaborativo, no sentido de uma construção social em que há acordos entre os participantes em uma cooperação dialógica. (SENNETT, 2015). Quanto à intensidade relacional, ousamos dizer que as atividades de Extensão Universitária proporcionam uma miríade de relações Eu-Tu como descreve Buber (1937). Relações em que há entrega, confiança e intimidade entre professores, alunos, pesquisadores e comunidade. E a intensidade dos vínculos interpessoais, tanto vínculos fortes como fracos (GRANOVETTER, 1973), se faz presente no processo do projeto, conforme as ações que são levadas a cabo.

Pelas suas características, um projeto de Extensão Universitária como um encontro colaborativo teria o potencial de ser um formato integrador dos diferentes atores em torno dos temas de diálogos estratégicos propostos. O projeto poderia focar em um ou mais temas, atuando com diversos ecossistemas criativos. Em função disso, acreditamos que é de suma importância um projeto transdisciplinar (mais do que interdisciplinar como está na definição da Política Nacional de Extensão Universitária) que leve em consideração conhecimentos acadêmicos e não acadêmicos. (NOGUEIRA, 2017). Um projeto que contasse com professores, pesquisadores e estudantes de áreas como sociologia, economia, agronomia, nutrição, comunicação, artes, entre outras. E também de pessoas de fora da academia, com conhecimentos práticos diversos.

Mas para articular essas diferentes áreas, acreditamos que a disciplina mais capaz para isso é o design estratégico. Por sua abordagem sistêmica, sua natureza integradora de diversos atores e visões, sua capacidade de promover o diálogo, entendemos que é a disciplina mais apta para a coordenação de um projeto como esse. Além disso, seria uma maneira de colocar em prática uma provocação do próprio Manzini (2017a), de fazer das escolas de design agentes de mudança de modelos dominantes na sociedade contemporânea. Quanto à relação da extensão com a pesquisa e o ensino, o autor aponta que as escolas de design podem ainda alimentar "[...] programas abertos de pesquisa em design e os diálogos sociais mais gerais com visões e alternativas preciosas, críticas e não convencionais". (MANZINI, 2017a, p. 88).

Por fim, percebemos também a Extensão Universitária como um encontro colaborativo alinhado com as propostas de Morin (2000c) quanto à religação dos saberes e à transdisciplinaridade. Tal atividade seria, portanto, uma forma de integrar diferentes conhecimentos, especializados e difusos, das mais diversas disciplinas. Outro ponto de alinhamento com o pensamento de Morin (2000c) diz respeito à Extensão Universitária como uma atividade que visa a "[...] promoção e garantia dos valores democráticos". (FORPROEX, 2012, p. 42). Para Morin (2000c), quanto mais os cidadãos valorizarem a diversidade de ideias e interesses e evitarem a hiperespecialização do conhecimento e o pensamento disjuntivo, poderão retomar e reivindicar sua participação em processos decisórios no âmbito político. O autor faz um alerta ao afirmar que

Os cidadãos são expulsos do campo político, que é cada vez mais dominado pelos “expertos”, e o domínio da “nova classe” impede de fato a democratização do conhecimento. [...] Nessas condições, a redução do político ao técnico e ao econômico, a redução do econômico ao crescimento, a perda dos referenciais e dos horizontes, tudo isso conduz ao enfraquecimento do civismo, à fuga e ao refúgio na vida privada, a alternância entre apatia e revolta violenta e, assim, a despeito da permanência das instituições democráticas, a vida democrática se enfraquece. (MORIN, 2000c, p. 112).

Como forma de evitar o enfraquecimento da vida democrática, a Extensão Universitária poderia ser o *locus* de uma experimentação da democracia em menor escala, podendo se expandir para o exercício dela fora dos muros das universidades.

Em 2017, Manzini e Margolin (DESI, 2017) publicaram uma carta com a intenção de provocar pesquisadores, professores, estudantes e profissionais de design a se posicionarem a respeito da atual situação da democracia no mundo. Atividades como palestras, oficinas e mesas redondas foram realizadas em diversos países. Em Porto Alegre, o SeedingLab organizou um ciclo de cinco encontros chamado Design para Democracia no qual foram abordados temas como mídias, espaços públicos, ética, processos e práticas de design para a democracia. O ciclo foi configurado como um Projeto de Extensão Universitária, mas poderia evoluir para um projeto de maior duração, com outras atividades, se aproximando mais ainda das comunidades e colaborando para a integração de ecossistemas criativos que já atuam na promoção e garantia dos valores democráticos.

Talvez, um projeto de Extensão Universitária seja uma resposta à pergunta feita no Capítulo 2: será mesmo que a única maneira de abraçarmos a complexidade que se apresenta a nós é compartimentando-a em pequenos pedaços? Quiçá, um projeto de Extensão Universitária seja uma maneira de abraçar a complexidade simultaneamente, tanto no sentido amplo quanto no restrito, para integrar ecossistemas criativos tão diversos em prol de um mundo de maior bem-estar e melhor qualidade de vida urbana.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu inicialmente do interesse em investigar, pela perspectiva do design estratégico, grupos de pessoas que, através de seus processos e práticas, rompem com determinadas lógicas dominantes de ser e fazer. Além de compreendê-los, a intenção era explorar, através da cultura de design, maneiras possíveis de impulsionar relações entre eles e fortalecer suas ações, colaborando assim para que possam se configurar como uma alternativa viável e já existente de cidade inovadora e sustentável.

O primeiro movimento nesse sentido foi a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre design para inovação social e sustentabilidade. Logo nos primeiros momentos desse processo, encontramos em Manzini (2007, 2008, 2011, 2014, 2015a, 2015b, 2016, 2017a, 2017b) o autor que guiaria nossos estudos. Foram realizadas leituras de seus livros, artigos e publicações na internet para nos cercarmos de conhecimento sobre o tema. Essa pesquisa foi fundamental para compreendermos o papel do designer em relação à inovação social e sustentabilidade, e quais as contribuições que o design estratégico poderia dar a esse campo. Cabe ressaltar que optamos por um estudo vertical em que Manzini foi o autor prioritário e os outros autores complementares foram aqueles que, de alguma maneira, já haviam colaborado com ele. Com isso, nosso objetivo igualmente foi o de tentar permanecer na esfera dos estudos da Rede DESIS, da qual tais pesquisadores fazem parte.

São três os conceitos que partiram dos estudos de Manzini e que serviram de diretrizes para esta pesquisa: coalizão de design, diálogos estratégicos e encontros colaborativos. A coalizão de design foi o conceito que trouxe os aspectos necessários para que pudéssemos refletir sobre como poderia ser realizada a integração de diferentes atores em torno de um propósito em comum. Na coalizão de design salienta-se a importância do diálogo e da escuta do designer, assim como o papel protagonista do designer como o ator que irá alimentar os diálogos entre os outros atores. Se a coalizão dos ecossistemas criativos é então o nosso objetivo, a estratégia para alcançá-la são os diálogos. Mas para isso precisávamos explorar quais seriam esses diálogos. Unir pessoas diferentes não é uma tarefa simples e, como apontou Manzini (2017a), as pessoas precisam querer dialogar, portanto, procuramos ver os pontos convergentes entre elas, entendendo os diálogos como um gatilho para relações possíveis. O conceito de encontros colaborativos foi interpretado como a

tática para colocar a coalizão em prática. A reflexão sobre a conexão entre a coalizão de design, os diálogos, os encontros colaborativos e as possíveis relações entre os ecossistemas criativos foi impulsionada pelo que nos trouxe o circuito tetralógico de Morin (2016), que nos ajudou a perceber as articulações entre todos eles.

Sentimos, a partir de então, a necessidade de estudar o conceito de inovação social, pois identificamos que haviam muitas definições, vindas de diversas disciplinas. Uma primeira decisão foi focarmos nas conceituações que estivessem relacionadas de alguma forma com o design. Então, o primeiro estudo no qual nos debruçamos foi a pesquisa EMUDE, coordenada por Manzini, entre 2004 e 2006. A pesquisa nos proporcionou, além de uma fundamentação teórica, exemplos práticos de como a inovação social se manifesta no dia-a-dia das pessoas.

A segunda decisão a respeito desse estudo foi ampliarmos a bibliografia para além de autores geralmente citados como Murray, Caulier-Grice e Mulgan (2010). Certamente são autores que contribuíram de maneira significativa para o entendimento de inovação social, entretanto, nossa intenção era buscar outros estudiosos e outras perspectivas para o conceito. Sendo assim, encontramos a pesquisa TRANSIT em andamento, coordenada por um instituto de pesquisa na Erasmus University, em Roterdã, na Holanda. A pesquisa forneceu um outro olhar para a inovação social, com um foco não apenas no seu potencial para uma transição e transformação social, mas, principalmente, para o foco nas relações sociais entre as pessoas. É uma pesquisa que ainda não está completamente dada por finalizada, mas que já nos fornece subsídios para entender a inovação social a partir do estudo não de ações pontuais, mas de ações orquestradas por redes internacionais. A pesquisa TRANSIT aborda a inovação social como novas relações sociais que são, em um sentido recursivo, produzidas e produtoras de novos modos de fazer, de organizar, de saber e de conceituar. Com base nessa definição, passamos a observar as inovações sociais promovidas pelos ecossistemas criativos.

De qualquer maneira, a definição de inovação social ainda ficou bastante circunscrita a um contexto europeu. Os estudos utilizados nesta pesquisa abordam de forma muito periférica a inovação social na América Latina. Caberia, em um desdobramento desta pesquisa, investigarmos os autores que tratam de inovação social no Brasil.

A inovação social que investigamos é aquela que atua em prol de um mundo mais sustentável. Mas era preciso entender e explicitar qual o mundo sustentável que

enxergávamos e para onde desejávamos ir. Ainda no processo da pesquisa bibliográfica, começamos a olhar para os ODS. Os dezessete objetivos balizaram um entendimento de desenvolvimento sustentável e, na aproximação com os grupos que estavam sendo estudados, pudemos ver que havia sinergia entre ambos. A cada passo que dávamos na investigação dos ecossistemas criativos, mais tínhamos pistas de que eles cooperavam para, se não todos, inúmeros dos ODS.

Porém, a partir da leitura de livros e artigos, passamos a suspeitar que a dimensão econômica da sustentabilidade era supervalorizada em detrimento das outras. Mais uma vez reiteramos que o desenvolvimento econômico é importante, mas não é *mais* importante do que o ambiental e social. Devido a essa constatação, passamos a pesquisar, na bibliografia sobre sustentabilidade, outras visões. Foi então que encontramos a permacultura e seus princípios éticos de cuidado. Entender a relevância do cuidado nos processos de desenvolvimento sustentável nos trouxe consciência de que, se ele estiver ausente, é muito provável que pouco se evolua nesse sentido. Cuidar de si mesmo, dos outros e do meio ambiente, é um dos pontos de partida (como é possível ver na Flor da Permacultura) para as mudanças urgentes que precisamos.

Quanto aos ecossistemas criativos, procuramos ampliar a compreensão sobre eles a partir da perspectiva do pensamento complexo. Tal pensamento nos ajudou a perceber os ecossistemas criativos como unidades múltiplas, compreendendo que os elementos que deles fazem parte estão em constante movimento dialógico. A noção de *unitas multiplex* é a que contaminou nossa pesquisa por completo. Enxergar não somente os ecossistemas criativos dessa maneira, mas a coalizão de design, os diálogos estratégicos e os encontros colaborativos, cooperou para que pudéssemos elaborar as propostas finais. Um ponto importante a salientar é que, através dos estudos de metaprojeto e do pensamento complexo, pudemos entender que não é possível criar relações, é apenas possível criar condições para que elas aconteçam. Não temos controle, as relações são incertas e imprevisíveis. Apenas podemos proporcionar situações para que as inter-relações se estabeleçam. O circuito tetralógico de Morin (2016) colaborou igualmente para esse entendimento.

Além da noção de *unitas multiplex*, o conceito de modo de design de Manzini (2017a) também colaborou para o entendimento sobre como operam os ecossistemas criativos. O senso crítico, a criatividade e o senso prático estão presentes na maneira

com que os ecossistemas criativos realizam suas práticas e processos. São, portanto, não designers que fazem design.

A pesquisa bibliográfica formou, então, as bases teóricas para que pudéssemos pesquisar os ecossistemas criativos em Porto Alegre. Partimos para outro processo complementar, o de sair a campo para investigá-los e alcançar os dois primeiros objetivos específicos da pesquisa: investigar ecossistemas criativos em Porto Alegre que promovem inovações sociais e; identificar ações e visões convergentes dos ecossistemas criativos investigados no que diz respeito à sustentabilidade e suas dimensões econômica, ambiental e social. Devido ao tempo exíguo de pesquisa, sabíamos de antemão que não seria possível um aprofundamento em todos os vinte e nove ecossistemas criativos mapeados. Optamos por uma descrição geral a partir das particularidades dos quatro tipos identificados, configurando-se assim como um estudo empírico-indutivo. Essa escolha baseia-se igualmente no princípio hologramático, que nos diz que o todo está na parte e a parte está no todo.

Uma das constatações foi de que as ilhas de modos inovadores e mais sustentáveis de vida e produção podem ser identificadas na cidade de Porto Alegre. Interpretamos os ecossistemas criativos como essas ilhas, sendo que cada uma delas se sobressai quanto a uma forma de inovação social. As casas colaborativas promovem inovação social a partir de seus novos modos de gestão; os espaços coletivos de produção, a partir de seus novos modos de produção; as ocupações urbanas, a partir de seus novos modos de reivindicação do direito à cidade; e as moradias compartilhadas a partir de seus novos modos de convívio em comunidade. Cada inovação social traz aportes para uma visão mais ampla de sustentabilidade, pois é através das inovações sociais que também colocam em prática suas próprias perspectivas de desenvolvimento sustentável, como pudemos observar nas suas atividades.

A identificação das visões convergentes entre os ecossistemas criativos, mesmo eles sendo tão diferentes entre si, é outra constatação que a pesquisa nos trouxe. Mesmo sendo de perfis diversos, com históricos por vezes opostos, um ecossistema criativo do arquipélago das casas colaborativas apresenta propósitos similares à um outro do arquipélago das ocupações urbanas. Evidentemente, cada um leva a cabo esse propósito de uma maneira, mas acabam por alcançar um objetivo em comum, seja ele uma cidade mais verde, uma alimentação saudável ou o respeito à diversidade de gênero.

Podemos dizer que, mesmo que não estejam conscientes disso e que não esteja tão visível, os arquipélagos mapeados e investigados produzem um sentido comum de cidade, de convívio e de vida. Aqui é válido apontar que a pesquisa trabalhou nas duas dimensões do design, de solucionador de problema (conectar diferentes atores) e de produtor de sentido (de um mundo mais sustentável e de maior cuidado mútuo). Se por um lado buscou explorar a resolução do problema da separação de diferentes atores, por outro buscou produzir um sentido comum que pudesse provocar uma aproximação.

Além do distanciamento entre os arquipélagos, constatamos que, embora façam parte do mesmo, as ilhas, ou seja, os ecossistemas criativos, não possuem relações entre si. Integrantes de alguns deles, os quais pudemos entrevistar, demonstraram interesse na integração dos ecossistemas criativos para trocas de informações e conhecimentos e, em alguns casos, materiais e equipamentos. Esse foi o principal motivo para não interpretarmos o arquipélago como um ecossistema, pois não há inter-relações suficientes. O que há são inter-relações latentes e possíveis de ocorrer caso haja as condições propícias.

Inicialmente, nosso foco era em um grupo específico, as casas colaborativas. Porém, ao avançar da pesquisa, vimos que se o propósito era de fato pensar sistemicamente, apenas elas não davam conta de uma visão mais ampla do que poderia ser um mundo sustentável. Elas nos apresentavam a inovação nos modos de gestão, mas isso não era suficiente. Foi então que percebemos que alguns ecossistemas criativos não se encaixavam nessa definição e que também apresentavam um outro tipo de inovação social, voltada para as formas de produção. Nesse momento entendemos que havia um segundo arquipélago, o dos espaços coletivos de produção.

Entretanto, percebemos que as casas colaborativas e os espaços coletivos de produção eram formados por pessoas de perfis muito semelhantes, além de serem formados basicamente por empreendimentos. Mas, e os movimentos sociais? E os coletivos que funcionam em outra lógica? E as pessoas que vinham de contextos sociais e econômicos muito diferentes?

A partir desses questionamentos passamos a observar a realidade ao redor para identificar outros ecossistemas criativos. Chegamos ao terceiro arquipélago, o das ocupações urbanas, a partir de nosso envolvimento pessoal em discussões a respeito de uma região específica da cidade, o Quarto Distrito. Nos encontros

realizados para debater projetos e planos para a região, conhecemos iniciativas de ocupações urbanas que estavam lutando por moradia digna e, além disso, moradia no centro da cidade, onde boa parte dos moradores trabalha. Entender as ocupações urbanas como ecossistemas criativos é também valorizar sua criatividade e resiliência em buscar novas formas de lutar por direitos e resistir às pressões impostas por uma lógica de exclusão. Pessoas que são muitas vezes vistas à margem da sociedade, são as protagonistas de um movimento importante para dar função social à propriedade, especialmente as localizadas em zonas centrais e polos econômicos.

Enquanto nas ocupações urbanas a convivência entre os moradores não é exatamente uma escolha, pois é a única opção que possuem, nas moradias compartilhadas identificamos uma outra forma de convívio. São comunidades formadas por pessoas que optam por estar ali e experimentar a vida coletiva e compartilhada. Sabemos que moradias compartilhadas são formatos antigos, podendo ser identificados ao longo da história. Entretanto, moradias compartilhadas em centros urbanos é algo que foge dos padrões tradicionais de habitação. Com isso, tais iniciativas nos trazem aportes de uma inovação social voltada às relações interpessoais.

A investigação sobre os ecossistemas criativos, tanto a pesquisa bibliográfica quanto a de campo, nos forneceu as bases necessárias para que pudéssemos elaborar as propostas finais. A proposta de coalizão dos ecossistemas criativos explora a aproximação com o conceito de *unitas multiplex*. O exercício que fizemos foi na tentativa de aplicar o conceito na formulação da coalizão, assim como explorar a desordem e a perturbação no processo. Misturamos os ecossistemas criativos (como mostra a Figura 17), para que pudéssemos depois reorganizá-los. No nosso processo reflexivo, entendemos esse momento como a etapa em que tudo estava misturado, agitado e turbulento, ou seja, em desordem. Com o tempo e maturação das ideias, pudemos sugerir uma outra ordem e organização (representada na Figura 18).

As propostas de diálogos surgem como estratégias para a formação da coalizão. Nesse sentido, são diálogos estratégicos. Diálogos em que há aprendizado mútuo entre seus participantes e que podem vir a gerar novas ideias. Os diálogos são, portanto, processos inerentemente construtivos. Mas um pode perguntar onde fica a escuta do designer, sendo que os integrantes dos ecossistemas criativos não participaram realmente dos diálogos? Nossa resposta é que a própria pesquisa foi

uma forma de escutá-los. Observar, analisar e interpretar os ecossistemas criativos são também maneiras de escutar. A partir desta pesquisa entendemos a importância do diálogo para que as necessárias transformações sociais possam ocorrer. E, ao estudarmos o papel do design em alimentar os diálogos, constatamos que sua contribuição é significativa para uma sociedade mais democrática. Assumimos que as propostas de diálogo possuem diversas limitações quanto a real eficiência e eficácia das mesmas. A principal preocupação não era se dariam certo ou não, mas sim explorar um exercício especulativo em que fizemos uso de certa liberdade criativa para imaginá-lo.

Também como um exercício especulativo para tornar possível a coalizão de design, propomos um encontro colaborativo que abrange as características elencadas por Manzini: envolvimento ativo e colaborativo, intensidade relacional e dos vínculos sociais. A ideia de um projeto de Extensão Universitária como um encontro colaborativo foi inspirada, em certa medida, no projeto Sementes Urbanas e no ciclo de encontros Design para Democracia, nos quais participamos enquanto pesquisadores do SeedingLab. O encontro colaborativo pode ser visto como uma tática, como uma maneira de viabilizar e concretizar os diálogos estratégicos propostos e, conseqüentemente, a coalizão de design. E, como as outras propostas, apresenta os aspectos de unidade e diversidade, de antagonismo e complementariedade.

Quanto ao método desta pesquisa, cabem algumas observações. Acreditamos que o momento para tratarmos dele é justamente nestas considerações finais e não no início do trabalho. Isso porque concordamos com Morin (2016), quando ele diz que o método emerge apenas no final, para nos levar novamente ao começo. Mas já nos leva transformados, com todo o conhecimento adquirido e construído no processo. Portanto, é agora que conseguimos enxergá-lo com mais clareza, até porque inicialmente não tínhamos um método pré-definido. Certamente não foi um caminho linear o qual trilhamos. Idas e vindas, avanços e paradas, simultaneidades, retornos e desistências ocorreram durante todo o processo. Porém, apesar de não haver um método pré-definido, havia o desejo de se deixar contaminar pelo pensamento complexo e de encontrar um método "[...] que detecte, e não que oculte as ligações, articulações, solidariedades, implicações, interdependências, complexidades". (MORIN, 2016, p. 29).

Então, agora, podemos afirmar que trata-se de um estudo empírico-indutivo, de caráter exploratório e de natureza qualitativa. A respeito da coleta de dados, as técnicas utilizadas foram: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas semiestruturadas, pesquisa em meios de comunicação digitais, visitas presenciais a locais e observação participante. Olhando em retrospecto, ousamos dizer que toda a coleta de dados fez parte de momentos em que nos colocamos em situações de encontro e diálogo. Com autores, com teorias, com imagens, com integrantes dos ecossistemas criativos, com lugares e inclusive com nós mesmos.

Na análise e interpretação dos dados coletados procuramos identificar atividades e visões em comum a respeito de um mundo mais sustentável, ou seja, qual o sentido que os ecossistemas criativos criam juntos para que ele seja possível. As inovações sociais tornaram-se categorias que dizem respeito a cada tipo específico de ecossistema criativo ou arquipélago. Os temas de diálogo também podem ser vistos como categorias baseadas nos domínios-chave da permacultura e nos ODS que dizem respeito a todos os ecossistemas criativos misturados e reorganizados. Esse momento de análise e interpretação consistiu no que enxergamos como nosso processo caótico criativo, em que todo o conhecimento construído passou por uma turbulência para que, depois, pudesse ser reorganizado de outra forma.

Em certa medida, usamos o raciocínio da análise de conteúdo, mas não fomos absolutamente fiéis a ela. Deixamos a subjetividade e a intuição falarem mais alto que a obediência de determinadas regras de análise de dados. No caso da análise de conteúdo, há etapas bem definidas: uma análise inicial, a exploração do material coletado, tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Não seguimos as etapas dessa forma, elas aconteceram simultaneamente em todo o processo.

Durante a pesquisa procuramos ter em mente o conceito de *unitas multiplex*, os três princípios de Morin (2015) que nos ajudam a entender a complexidade, as ideias de Mazini sobre design para inovação social e sustentabilidades e as contribuições dos autores e órgãos institucionais sobre inovação social e desenvolvimento sustentável. Não temos certeza se alcançamos esse objetivo, mas foi uma preocupação constante em todo o trabalho.

Como desdobramentos a partir deste estudo, podemos mencionar o aprofundamento da pesquisa em apenas um tipo de ecossistema criativo e maior foco em seus processos criativos, colaborativos e inovadores; a realização de encontros presenciais entre os integrantes dos ecossistemas criativos para investigar os

diálogos e as relações que poderiam emergir; a elaboração de fato de um projeto de extensão associado a um projeto de pesquisa e ensino com base no que aqui foi apresentado e discutido; e, ainda, a possibilidade de explorar o papel da tecnologia na coalizão de design através do uso de software livre e de código aberto.

Por fim, esta pesquisa buscou contribuir com o estudo de ecossistemas criativos que promovem inovação social com vistas à sustentabilidade através da perspectiva do design estratégico em um contexto brasileiro. Como pontuado anteriormente, identificamos inúmeras pesquisas em um contexto prioritariamente europeu como a pesquisa EMUDE e a pesquisa TRANSIT. Esta dissertação é um esforço para trazer as discussões sobre design para inovação social e sustentabilidade para a realidade brasileira.

REFERÊNCIAS

ARQUITETURA HUMANA. [Sem Título]. 2017. Altura: 1049 pixels. Largura: 1535 pixels. 150 dpi. RGB. 629 KB. Formato PNG. Disponível em: <<https://goo.gl/ZCQvRc>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

ARTE DE ANFITRIAR. **O que é?** [S.l.], [2017?]. Disponível em: <<http://www.artofhosting.org/pt-br/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

ASHOKA. **Empreendedorismo Social**. São Paulo, [2016?]. Disponível em: <<https://www.ashoka.org/pt-br/focus/empreendedorismo-social>>. Acesso em: 9 nov. 2016.

AVELINO, Flor et al. Transformative social innovation and (dis)empowerment. **Technological Forecasting and Social Change**, [S.l.], p. 1-12, 2017. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0040162517305802>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

AVELINO, Flor. **Transformative Social Innovation: Insights from the TRANSIT project**. Roterdã, 2017. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/7e868a_29e756742479485a940722cd94740bd4.pdf>. Acesso em: 17 set. 2017.

BARRETO, Nanda. **Aldeias Urbanas**. Porto Alegre, 08 ago. 2017. Disponível em: <<http://portoalegre.nossobemestar.com/posts/1180-aldeias-urbanas>>. Acesso em: 12 dez. 2017. Blog: Nosso Bem-Estar.

BATTY, Michael; LONGLEY, Paul A. **Fractal cities: a geometry of form and function**. Londres: Academic Press, 1994.

BENTZ, Ione; FRANZATO, Carlo. O metaprojeto nos níveis do design. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 12., 2016, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Blucher, 2016. Disponível em: <<http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/o-metaprojeto-nos-nveis-do-design-24356>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é-o que não é**. São Paulo: Vozes Limitada, 2015.

BRITTO, Fabiana Dultra. A extensão universitária em tempos de crise. In: D'OTTAVIANO, Camila; ROVATI, João (Org.). **Para além da sala de aula. extensão universitária e planejamento urbano e regional**. São Paulo: Ed. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2017. p. 26-35. Disponível em: <http://anpur.org.br/public/publicacoes/livros/para_alem_da_sala_de_aula.pdf>. Acesso em: 01 dez. 17.

BUBER, Martin. **I and Thou**. Edinburg: T & T Clark, 1937.

CÉU HANDMADE. **[Imagem de divulgação]**. Menlo Park, 15 maio 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/ceuhandmade/photos/?ref=page_internal>. Acesso em: 15 dez. 2017.

CIPOLLA, Carla. Ecovisões sobre Design para inovação social. In: OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de; FRANZATO, Carlo; DEL GAUDIO, Chiara (Org.). **Ecovisões projetuais**: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil. São Paulo: Blucher, 2017. p. 83-86.

CIPOLLA, Carla; MANZINI, Ezio. Relational services. **Knowledge, Technology & Policy**, [S.l.], v. 22, n. 1, p. 45-50, 2009. Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/CIPRS>>. Acesso em: 01 set. 2017.

COHOUSING BRASIL. **[Imagem de Divulgação]**. Menlo Park, 2 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/CohousingBrasil/photos/a.144531975740374.1073741828.144291429097762/636185699908330/?type=3&theater>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

COMISSÕES devem avaliar déficit habitacional de Porto Alegre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 12 jul. 2017. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Geral/2017/6/621030/Comissoes-devem-avaliar-deficit-habitacional-de-Porto-Alegre>>. Acesso em: 7 set. 2017.

COMUNA DO ARVOREDO. **Quinta do Burger Vegânico**. Menlo Park, 25 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/411925699220205/>>. Acesso em: 28 jan 2018.

CRISE. In: MICHAELIS: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo, [2017?]. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/crise/>>. Acesso em: 01 set. 2017.

D'OTTAVIANO, Camila; ROVATI, João. Os territórios da extensão universitária. In: D'OTTAVIANO, Camila; ROVATI, João (Org.). **Para Além da Sala de Aula. Extensão Universitária e Planejamento Urbano e Regional**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2017, p.14-25. Disponível em: <http://anpur.org.br/public/publicacoes/livros/para_alem_da_sala_de_aula.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2017.

DENZ, Felipe. **[Imagem]**. Menlo Park, 11 maio 2017. Instagram: @felipedenz. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BT-AbFJjlfN/?taken-by=felipedenz>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

DESIS NETWORK. **About**. Milão, [2017a?]. Disponível em: <<http://www.desisnetwork.org/about/>>. Acesso em: 5. jul. 2017.

DESIS NETWORK. **DESIS Map**. Milão. [2017b?]. Disponível em: <<http://www.desisnetwork.org/the-desis-map/>>. Acesso em: 5. jul. 2017.

DESI NETWORK. **Open Letter**. Milão, 2017. Disponível em: <<http://www.desisnetwork.org/2017/04/11/open-letter/>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

DURRETT, Charles; MCCAMANT, Kathryn. **Creating cohousing**: building sustainable communities. Gabriola Island, BC, Canadá: New Society Publishers, 2011.

EMERGING USER DEMANDS FOR SUSTAINABLE SOLUTIONS (EMUDE). **CORDIS**: community research and development information service. [S.l.], 2006. Disponível em: <http://cordis.europa.eu/docs/publications/1263/126376051-6_en.pdf>. Acesso em: 16 set. 2017.

EMERGING USER DEMANDS FOR SUSTAINABLE SOLUTIONS (EMUDE). In: MERONI, Anna (Ed.). **Creative communities**: people inventing sustainable ways of living. Milão: Ed. POLI.design, 2007. p. 4.

ÉTICA da Permacultura e Princípios de Design. [S.l.], 2008. Disponível em: <https://permacoletivo.files.wordpress.com/2008/04/poster_-_princípios_da_permacultura_portugues.jpg>. Acesso em: 15 dez. 2017.

FOGLIATTO, Débora. **Ocupação Pandorga reivindica uso social de área da Prefeitura abandonada há seis anos**. Porto Alegre, 21 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/ocupacao-pandorga-reivindica-uso-social-de-area-da-prefeitura-abandonada-ha-seis-anos/>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORPROEX). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2012.

FRANZATO, Carlo et al. Inovação cultural e social: design estratégico e ecossistemas criativos. In: **Design Estratégico para a Inovação Cultural e Social**. São Paulo: Ed. Kazuá, 2015, p. 157-182.

FRANZATO, Carlo. Metadesign. Letting the future design. In: INTERNATIONAL FORUM OF DESIGN AS A PROCESS, 5., 2014, Guadalajara. **Proceedings...** Guadalajara: [s.n.], 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/8458918/Metadesign._Letting_the_future_design>. Acesso em: 20 ago. 2016.

FRANZATO, Carlo. O processo de inovação dirigida pelo design: um modelo teórico. **Redige**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 50-62, 2011.

FRANZATO, Carlo. Rede de Projeto: formas de organização do design contemporâneo em direção à sustentabilidade. In: OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de; FRANZATO, Carlo; DEL GAUDIO, Chiara (Org). **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2017, p. 99-110.

FREIRE, Karine; DEL GAUDIO, Chiara; FRANZATO, Carlo. Estratégias de design em ecossistemas criativos de inovação social. In: INTERNATIONAL FORUM OF DESIGN AS A PROCESS, 6., 2016, Valência. **Proceedings...** Valência: Editorial Universitat Politècnica de València, 2016. Disponível em:

<<http://ocs.editorial.upv.es/index.php/IFDP/IFDP/paper/view/3289>>. Acesso em: 25 set. 2017.

FREIRE, Karine. Inovação social dirigida pelo design. In: OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de; FRANZATO, Carlo; DEL GAUDIO, Chiara (Org). **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2017, p. 111-124.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GRANOVETTER, Mark S. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas: Papirus, 2012.

HAXELTINE, Alex et al. **A framework for transformative social innovation**. Roterdã, 2016. Disponível em: <<http://www.transitsocialinnovation.eu/resource-hub/a-framework-for-transformative-social-innovation-transit-working-paper-5>>. Acesso em: 14 jun. 17.

HOLMGREN, David. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

JÉGOU, François; MANZINI, Ezio. **Collaborative services: social innovation and design for sustainability**. Milão: Edizioni POLI.design, 2008.

JÉGOU, François; MANZINI, Ezio. **Sustainable Everyday**. Scenarios of Urban Life. Milão: Edizione Ambiente, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2011.

LITVIN, Aron Krause. **A construção colaborativa de um processo de design estratégico junto com a rede das casas colaborativas de Porto Alegre**. 2017. Dissertação (Mestrado em Design) - Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Porto Alegre, 2017.

LUBOCHINSKI, Lilian. **Co-lares Brasil: perguntas e respostas**. Mountain View: Google, 2017. (ca. 9 min 50 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fJnp74_AmR4>. Acesso em: 22 jan. 2018.

MANZINI, Ezio; JÉGOU, François; PENIN, Lara. Creative communities for sustainable lifestyles. In: CONFERENCE ON SUSTAINABLE CONSUMPTION RESEARCH EXCHANGE, 2., 2008, Bruxelas. **Proceedings...** Delft: TNO Built Environment and Geosciences, 2008. Disponível em: <<http://www.score-network.org/>>. Acesso em: 04 out. 2017.

MANZINI, Ezio. A laboratory of ideias. Diffuse creativity and new ways of doing. In: MERONI, A. (ed). **Creative communities: people inventing sustainable ways of living**. Milão: Edizioni POLI.design, 2007. p. 13-15.

MANZINI, Ezio. Design culture and dialogic design. **Design Issues**, Cambridge, v. 32, n. 1, p. 52-59, 2016.

MANZINI, Ezio. Design in the transition phase: a new design culture for the emerging design. **Design Philosophy Papers**, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 57-62, 2015a.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade**: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MANZINI, Ezio. **Design, quando todos fazem design**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017a.

MANZINI, Ezio. **Design, when everybody designs**. Cambridge: MIT press, 2015b.

MANZINI, Ezio. Designing coalitions: design for social forms in a fluid world. **Strategic Design Research Journal**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 187-193, 2017b.

MANZINI, Ezio. Making things happen: social innovation and design. **Design Issues**, Cambridge, v. 30, n. 1, p. 57-66, 2014.

MANZINI, Ezio. The new way of the future: Small, local, open and connected. **Social Space**, Singapura, n. 4, p. 100-105, 2011.

MARRAS, Isabella. The future is us. In: JÉGOU, François; MANZINI, Ezio. **Collaborative services**: social innovation and design for sustainability. Milão: Ed. POLI.design, 2008. p. 21.

MERONI, Anna. **Creative Communities**: people inventing sustainable ways of living. Milão: Edizioni POLI.design, 2007.

MERONI, Anna. Strategic design: where are we now? Reflection around the foundations of a recent discipline. **Strategic Design Research Journal**, Porto Alegre, v.1, n.1, Dec 1, p. 31-38. 2008.

MICHELIN, Coral. **Seeding de casa colaborativa na perspectiva do design estratégico**. 2017. Dissertação (Mestrado em Design) - Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Porto Alegre, 2017.

MONTESANTI, Beatriz. 'Coliving' é a mesma coisa que república? **Nexo**, São Paulo, 10 jun. 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/10/%E2%80%98Coliving%E2%80%99-%C3%A9-a-mesma-coisa-que-rep%C3%BAblica>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000a.

MORIN, Edgar. **Da necessidade de um pensamento complexo**. 2000b. Disponível em: <http://www.institutocarakura.org.br/arquivosSGC/DOWN_085123MorinDanecessidadedeumpensamentocomplexo.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **O Método 1: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000c.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

MURRAY, Robin; CAULIER-GRICE, Julie; MULGAN, Geoff. **The open book of social innovation**. Londres: NESTA: The Young Foundation, 2010.

NAÇÕES UNIDAS. **A ONU e o desenvolvimento**. Brasília, DF, [2017?]. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/desenvolvimento/>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

NAÇÕES UNIDAS. **Transformando nosso mundo: A Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável**. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2016.

NOGUEIRA, Marilac Luzia de S. Leite S. **Práticas Interdisciplinares: a interdisciplinaridade na educação básica e na educação ambiental**. Curitiba: Appris, 2017.

NUSSBAUM, Martha; SEN, Amartya (Ed.). **The quality of life**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

OLIVEIRA, Oswaldo. **Empreender em Rede**. Mountain View: Google, 2014. (17min 1s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YZVBuDs2mi0>>. Acesso em: 23 set. 2017.

ROCHA, Camilo. Por que o Reino Unido agora tem uma 'ministra da solidão'. **Nexo**, São Paulo, 19 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/01/19/Por-que-o-Reino-Unido-agora-tem-uma-%E2%80%98ministra-da-solid%C3%A3o%E2%80%99>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

SANCHES; Nanashara D'Ávila; SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Políticas de Habitação Popular no centro de Porto Alegre/RS: entre o Estado e a organização social. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 17., 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2017. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Soes_Tematicas/ST%205/ST%205.7/ST%205.7-02.pdf>. Acesso em: 24 out. 2017.

SCOTTHANSON, Chris; SCOTTHANSON, Kelly. **The Cohousing Handbook**. Canadá: New Society Publishers, 2005.

SELLONI, Daniela; MANZINI, Ezio. Policy constellations as ecosystems of design actions: Exploring three cases of social innovation policies in Italy. **Strategic Design Research Journal**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 128, 2016.

SENNETT, Richard. **Juntos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SOCIOCRACIA, 2017. **As forças criativas da auto organização**. [S.l.], [2017?]. Disponível em: <<http://www.sociocracia.org.br/content/for%C3%A7as-criativas-da-auto-organiza%C3%A7%C3%A3o-0>>. Acesso em 10 nov. 2017.

TRANSFORMATIVE SOCIAL INNOVATION THEORY (TRANSIT). **About**. Roterdã, [2017?]. Disponível em: <<http://www.transitsocialinnovation.eu/about-transit>> . Acesso em: 10 ago. 2017.

UN-HABITAT. **The City We Need 2.0**. Nairobi, 2016a. Disponível em: <<http://www.worldurbancampaign.org/sites/default/files/documents/tcwn2en.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

UN-HABITAT. **Towards a New Urban Agenda**. 2016b. Disponível em: <<http://nua.unhabitat.org/uploads/Zcard.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

VELASQUES, Taline S. **Ecosistemas Criativos: relações colaborativas e ação projetual nos coletivos criativos informais**. 2016. Dissertação (Mestrado em Design) - Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Porto Alegre, 2016.

VIZEU, Fabio; MENEGHETTI, Francis Kanashiro; SEIFERT, Rene Eugenio. Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 10, n.3, p.569-583, 2012. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/5480>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

WEISSHEIMER, Marco. Lanceiros Negros: Brigada faz operação de guerra para 'garantir funcionamento habitual da cidade'. **Sul21**, Porto Alegre, 15 jun. 2017a. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/lanceiros-negros-brigada-faz-operacao-de-guerra-para-garantir-funcionamento-habitual-da-cidade/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

WEISSHEIMER, Marco. Operação policial quer enquadrar anarquistas e coletivos culturais como 'organização criminosa'. **Sul21**, Porto Alegre, 27 out. 2017b. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/operacao-policial-quer-enquadrar-anarquistas-e-coletivos-culturais-como-organizacao-criminosa/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

WORLD URBAN CAMPAIGN (WUC). **About**. Nairobi, [2017?]. Disponível em: <<http://www.worldurbancampaign.org/about>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

APÊNDICE A - COLETA DE DADOS

Entrevistas com integrantes e gestores de ecossistemas criativos e visitas aos locais:

Data	Descrição	Registros
16/02/17	Entrevista com Ezequiel Moraes e visita ao Assentamento 20 de Novembro	Áudio da entrevista e fotografias do local
31/05/17	Entrevista com Leonardo e visita à A Casa	Anotações no Diário de Campo e fotografias do local
14/06/17	Visita ao Espaço Orgânico no TransLAB	Fotografias do local
19/06/17	Entrevista com Fábio Schmidt e visita ao Galpão Makers	Anotações no Diário de Campo, áudio da entrevista e fotografias do local
20/06/17	Entrevista com Eduardo Tanhauser e Tainan Caballero e visita ao Distrito Empreendedor	Anotações no Diário de Campo, áudio da entrevista e fotografias do local
22/06/17	Conversa com Ilsa Solka sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.	Áudio da conversa
29/07/17	Entrevista com Leonardo Brawl do TransLAB	Anotações no Diário de Campo
03/08/17	Entrevista com Alexandre Pereira dos Santos e visita à Casa das Cidades	Anotações no Diário de Campo, áudio da entrevista e fotografias do local
08/09/17	Visita à Ocupação Mulheres Mirabal	Anotações no Diário de Campo
06/10/17	Entrevista com Marco e visita ao Ateliê 130	Anotações no Diário de Campo e fotografias do local
06/10/17	Visita ao Galpão Makers, Marquise 51, Vila Flores e Quilombo do Sopapo	Anotações no Diário de Campo e fotografias dos locais
19/10/17	Visita à Ocupação Saraf	Anotações no Diário de Campo e fotografias do local.
21/10/17	Entrevista com Ellen Carbonari e visita à Casa Bosque	Anotações no Diário de Campo, Áudio e Fotografias do local
25/01/2018	Visita à Comuna do Arvoredo.	Fotografias do local

Participação em mesas redondas, rodas de conversa e reuniões/encontros:

Data	Descrição	Registros
2015 a 2016	Encontros Mensais das Casas Colaborativas. Locais: Acervo Independente, Vila Flores, Paralelo Vivo e Setor de Projetos.	Anotações no Diário de Campo e Fotografias
2015 a 2017	Reuniões internas da casa colaborativa Vila Flores. Local: Vila Flores.	Anotações no Diário de Campo e Fotografias
Abril a Outubro 2017	Doze edições do Dia da Marmita no Vila Flores. Local: Vila Flores.	Fotografias
05/06/17, 10/07/17 e 07/08/17	Workshops do programa Redes Criativas e Colaborativas do SEBRAE-RS. Local: Unisinos POA.	Anotações no Diário de Campo e Fotografias
29/08/17	Debate sobre o tema "colaboração". Local: Vila Flores.	Anotações no Diário de Campo, Áudio do encontro e Fotografias

05/10/17	Debate em mesa redonda no III Encontro Sul de Produtoras Culturais Colaborativas. Local: Unisinos POA.	Áudio da mesa redonda, vídeo e Fotografias
06/10/17	Tour por espaços de produção cultural organizado pela Rede de Produtoras Culturais Colaborativas.	Anotações no Diário de Campo e Fotografias
19/10/17	Roda de conversa com moradores da Ocupação Sarai durante a Semana Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS. Local: Ocupação Sarai.	Anotações no Diário de Campo e Fotografias
10, 11 e 12/11/17	Debate em três mesas redondas no evento ONU-Habitat Urban Thinkers Campus Porto Alegre. Locais: Escola de Engenharia da UFRGS e Vila Flores.	Áudio e fotografias
16 e 17/12/17	Debate no Projeto Simultaneidade - Edição TransVerCidade. Local: Vila Flores	Áudio do debate e fotografias

Palestras - fonte de dados complementar:

Data	Descrição	Registros
04 a 07/05/2016	Palestras diversas no evento Comunes - Encontro Internacional de Economias Colaborativas e Cultura Livre. Local: Buenos Aires - Argentina.	Anotações no Diário de Campo e Fotografias
01 a 03/06/2016	Palestras diversas no evento Kultursymposium - Sharing and Exchange. Local: Weimar - Alemanha.	Anotações no Diário de Campo e Fotografias
01/06/2017	Palestra "O saber-do-corpo nas práticas curatoriais: driblando o inconsciente colonial-capitalístico" ministrada por Suely Rolnik. Local: Santander Cultural - POA.	Anotações no Diário de Campo
10/08/17	Palestra sobre o projeto arquitetônico do Assentamento 20 de Novembro ministrada pela AH! Arquitetura Humana durante o segundo encontro do ciclo Design para Democracia. Local: Espaço Cultural Correios - POA.	Anotações no Diário de Campo e Fotografias
05/09/17	Palestra ministrada por Julia Caon sobre o evento Unleash Lab 2017, um laboratório de inovação para os ODS da ONU que aconteceu pela primeira vez na Dinamarca. Local: Vila Flores - POA.	Anotações no Diário de Campo
11/10/17	Palestras de integrantes da Ocupação Mulheres Mirabal, Assentamento 20 de Novembro e Lanceiros Negros no 7º Simpósio Imagem e Identidade e Território realizado pelo Grupo de Pesquisa Identidade e Território do PROPUR/UFRGS. Local: FAU UFRGS - POA.	Anotações no Diário de Campo e Fotografias
08/11/17	Palestra "Projeto Brasil Cidades" ministrada pela arquiteta e urbanista Ermínia Maricato no Seminário Olhares Sobre a Cidade. Local: Memorial Luiz Carlos Prestes - POA.	Anotações no Diário de Campo e Fotografias
23, 24 e 25/11/17	Palestras diversas sobre economia colaborativa no evento ColaborAmerica. Local: RIO HUB - RJ.	Anotações no Diário de Campo e Fotografias

Os registros encontram-se em uma pasta digital no endereço: <https://goo.gl/uBc62n>

APÊNDICE B - EMPREENDIMENTOS NAS CASAS COLABORATIVAS

Os empreendimentos foram mapeados a partir dos endereços eletrônicos (página no Facebook e/ou *website* listados no Quadro 2) das casas colaborativas e de informações obtidas através de integrantes. As descrições dos empreendimentos foram obtidas e adaptadas de suas páginas no Facebook e/ou de seus *websites*.

Acervo Independente	
AH! Arquitetura Humana	Escritório de arquitetura e urbanismo
Bárbara Kasper	Designer de moda
Cacau Weimer	Criadora da Devaneio - Produtos artesanais feitos a partir do reaproveitamento de retalhos de couro.
Dieter Axt	Escritor, Editor e Autor na Editora Le Chien
Fernanda Medeiros	Curadora, Editora da Cactus Produções
Flávia Schwantes	Fotógrafa
Taiani Mirreli	Geni Brechó - criado com a intenção de fugir da lógica de produção em massa.
Joana Burd	Artista visual
Priscila Kisiolar	Artista visual
Guilherme Braga	Artista visual
Liana Schedler	Artista visual
Pâmela Costa	Artista visual
Feira Me Gusta	Feira de variedades
Revista J'Adore	Revista de artes visuais e design
Aldeia	
Livraria Baleia	Estantes dedicadas à literatura de autoria feminina e às temáticas de gênero, sexualidade e direitos humanos
Cozinha da Tribo	Cozinha itinerante, vegetariana e vegana.
La Casa de Pandora	
Sopro Conteúdo Digital	Marketing de conteúdo com olhar jornalístico
Cangote	Produção de lenços, golas e turbantes
Camelbird	Marca e confecção de camisetas
Feira do Vinil POA	Feira de venda de discos em vinil
Foodastic	Produção de refeições
Nimbus	
Via Mosaico	Facilitação gráfica através de diferentes metodologias: pensamento visual, design thinking, Art of Hosting e desbloqueio criativo
Genoma Design	Estúdio de Design
CUSCO Studio	Estúdio de design especializado em produtos, serviços e branding.
Paralelo Vivo	
BAZ - NEGÓCIOS DE A A Z	Serviços de contabilidade
Cesta Feira	Serviço de entrega de produtos orgânicos, mais saudáveis para seus consumidores e para o planeta.
Corpo com Equilíbrio	Uma empresa de saúde que estimula uma mudança de mentalidade através de cursos específicos com profissionais capacitados de diversas áreas.
Gênese Social	Cidadania Corporativa incentivando os relacionamentos duradouros, a reputação e o crescimento organizacional.
Global Urban Development	Organização de políticas internacionais com foco em inovação, prosperidade, sustentabilidade e inclusão.
Hidrocicle	Empresa de engenharia especializada em soluções para o uso consciente da água.
Horteria Cultivo Urbano	Iniciativa focada no desenvolvimento de soluções para promover o cultivo de alimentos orgânicos no meio urbano.
Instituto Gaúcho De Sustentabilidade	Organização voltada para o desenvolvimento de soluções viáveis para a implantação de programas de sustentabilidade.
Instituto Soleil De Pesquisa	Empresa que aplica pesquisas políticas e de mercado.
NET IMPACT Porto Alegre	Organização internacional sem fins lucrativos, que inspira e educa indivíduos usando o conhecimento dos negócios para criar um mundo mais justo e sustentável.

Purus - Soluções Ambientais	Empresa focada na descontaminação de resíduos sólidos contendo hidrocarbonetos de petróleo, através do processo biológico, não agressivo ao meio ambiente conhecido como Biorremediação.
Reserva - Consultoria Ambiental	Consultoria em meio ambiente
Sendaviva	Empresa de arquitetura e urbanismo, oferece o serviço de elaboração de projetos arquitetônicos, voltado para um público consciente dos problemas socioambientais globais. Estes projetos tem como objetivo aliar técnicas de baixo impacto amb
TransLAB	
Cuidar de quem cuida da educação	O projeto Cuidar de Quem Cuida da Educação cria espaços para diálogos significativos e de acolhimento ao educador.
DesFAZ	Uma plataforma de reflexão, prototipação e compartilhamento de novas formas de produção e consumo de moda consciente.
Espaço Orgânico	É um dia dedicado à cultura local, cooperação e coletividade, com degustações de alimentos saudáveis e bancas de produtores locais e caseiros. Há minioficineas, rodas de conversa e workshops com foco na sustentabilidade, na agricultura e na produção de produtos.
Estúdio Nômade	Um grupo criativo contribuindo para que negócios desenvolvam impacto relevante na sociedade.
Flowlab	Laboratório para Exploração de Inteligência Coletiva através da facilitação de processos criativos em grupo.
GAF - Grupo Autônomo de Filosofia	Grupo de estudos sobre filosofia
Laboratório Hackerativista Urbano	Um programa de formação de coletivos temporários para experimentação de projetos de inovação social a partir de ferramentas tecnológicas, tecnologias sociais e conexão com arte e ativismo.
Paxart	Atuam como facilitadores no desenvolvimento e produção artística customizada para marcas.
Plantando Saúde	Treinamento online concebido a partir da experiência dos cursos presenciais de Introdução à Agricultura Urbana, ministrados ao longo de 2015 por Camilo Pedrollo e Jason Nicoll em Porto Alegre.
Revoada	Criação de produtos a partir de resíduos através de processos produtivos que aumentam o impacto positivo.
Raiz Urbana	Movimento de incentivo à conscientização e produção de alimentos em ambientes urbanos.
TransLAB.URB	Grupo para trocas rápidas, crowdsourcing, enfatizando referências criativas sobre os lugares/espaços das cidades. O TransLAB.URB é uma Linha de Trabalho permanente, uma espécie de braço investigativo do TransLAB sobre possibilidades para o ambiente urbano.
Vila Flores	
1%	A 1% é uma empresa que cria projetos de impacto positivo.
AHI Arquitetura Humana	Escritório de arquitetura e urbanismo.
Apoena Socioambiental	Atua em soluções de projetos nos segmentos de comunicação social, gestão ambiental, gestão solidária, educação ambiental, empoderamento feminino e ações voltadas para grupos em situação de vulnerabilidade econômica social.
Armazém Sonoro	Estúdio musical de Marcio Machado e Maurício Nader.
Bonne Chance	Iniciativa que visa a promoção da troca cultural entre imigrantes estrangeiros e brasileiros através do ensino e prática da língua francesa e também da promoção de outras atividades culturais.
Bumbá Produtora de Conteúdo	Oferece soluções em vídeos criando e produzindo campanhas publicitárias, institucionais, TVs corporativas, documentários, Web TV e Webséries.
Caixa do Elefante Teatro de Bonecos	Fundada em 1991, em Porto Alegre/RS, é, hoje, uma das companhias de teatro de bonecos mais atuantes e de maior destaque no panorama artístico nacional.
Colibrii	A Colibrii trabalha com artesãs de comunidades de Porto Alegre criando produtos com materiais alternativos e reutilizados.
Ecdise	Grupo de profissionais interessados em temas relacionados à biodiversidade, aos impactos antrópicos e as consequências das transformações ambientais para os ecossistemas. Colabora com a realização de projetos e estudos, diagnósticos ambientais, inventariamentos de flora e fauna, interfaces entre saúde e ambiente, e ações educativas.

Escola Convexo	Constrói espaços de aprendizagem e transformação social através de movimentos que possibilitem potencializar e aproximar pessoas por um propósito comum.
Estúdio Hybrido	Espaço de criação planejado para abrigar projetos e ações interdisciplinares nas áreas das artes visuais, moda, dança, performance, vídeo e fotografia.
Gênese Social	Agência de impacto social que atua com a criação, execução e avaliação de iniciativas transformadoras.
Geração Urbana	Grupo de estudos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUCRS utiliza o Miolo, espaço educativo do Vila Flores, como base para seus estudos sobre o IV Distrito.
Goma Oficina Plataforma Colaborativa	Coletivo de arquitetos e artistas associados, que desde 2010 trabalha com frentes interdisciplinares. Reconhecida pela gama de atuação diversa, principalmente pelo viés de um olhar crítico e artístico.
Humanus	Marca que, inspirada nas Artes e na Filosofia, busca provocar novos olhares.
IMADIN - Instituto Maria Dinorah	Espaço de referência para o fomento da literatura. de ações de cunho cultural e educacional.
Instituto Fidedigna	Instituto de pesquisa social aplicada voltado às políticas públicas e aos empreendimentos sustentáveis através do rigor metodológico das ciências sociais.
Jackson Brum	Studio de Design Gráfico com traços únicos. Jackson Brum: Designer Gráfico de formação, Graffiteiro e Bailarino há mais de 20 anos.
Joner Produções	Atua na criação e realização de projetos especiais, estratégias e serviços para clientes das esferas pública, privada e do terceiro setor.
Márcia Braga	Arquiteta e artista visual Márcia Braga desenvolve no seu ateliê no Vila Flores projetos em artes visuais que envolvem objetos, instalações e ações em arte urbana.
Matehackers Hackerspace	Grupo de entusiastas por tecnologia e conhecimento.
Miriam Gomes	Miriam Gomes é artista visual e seu ateliê encontra-se no prédio da Rua São Carlos, nº 753.
Mulher em Construção	Organização da Sociedade Civil que trabalha a autonomia da mulher através de cursos de capacitação para a construção civil.
Nano BizTools	Atua na área de empreendedorismo, negócios, capacitação e formação de redes e talentos. Design Thinking, Gamificação, Storytelling, metodologias criativas, cocriação, workshops e consultoria.
OM-LAB	Reúne artistas pesquisadores que abordam as transversalidades advindas dos objetos materiais e imateriais pertinentes ao meio urbano e deste em relação ao sujeito coautor, enquanto possibilidades propositivas das práticas artísticas compartilháveis.
OVNI Acessibilidade Universal	Produz audiodescrição (AD) e legendas para surdos e ensurdecidos (LSE).
Papoula Café e Lâmina Cut	Tem por objetivo promover a integração através da cozinha afetiva-comida de casa, um espaço de integração entre arte, cultura, a venda de regalos de makers produções e eventos.
Projete Liberdade Capoeira	Aulas de Capoeira ministradas pelo professor Jônatas da Costa da Projete Liberdade Capoeira.
Re-ciclo	Realiza a coleta do "lixo" orgânico de casas e condomínios e transforma esse material em adubo rico em nutrientes para jardinagem e hortas.
Simbio	Sistema online de gestão completo para pontos de venda, com gestão de estoque, financeiro, compras e frente de caixa.
Solabici	A Solabici fabrica bicicletas sob medida com inspiração retrô.
Sopro Conteúdo Digital	Agência de marketing digital que gera conteúdo com valor e inspiração. Trabalhamos com texto, vídeo, design e fotografia.
Surto Criativo	Estúdio de design, comunicação, criatividade, ilustração e gastronomia de Diego Ferrer
Yugen	Projeto que busca promover a livre experimentação através do vestuário. Oferece em suas peças a mesma estética tanto para o corpo masculino quanto para o feminino.
ZAC HAUS	
A ZAC Haus não contou com residentes fixos no período.	

APÊNDICE C - EMPREENDIMENTOS NOS ESPAÇOS COLETIVOS

Os empreendimentos foram mapeados a partir dos endereços eletrônicos (página no Facebook e/ou *website* listados no Quadro 3) dos espaços coletivos de produção e de informações obtidas através de integrantes. As descrições dos empreendimentos foram obtidas e adaptadas de suas páginas no Facebook e/ou de seus *websites*.

A Casa	
Cosmonauta	Empresa especializada na criação, no planejamento e no design de apresentações persuasivas, inteligentes e visualmente impactantes.
Céu Handmade	Moda exclusiva feita a mão.
Azura	Atendimento psicoterápico; Coaching de Carreira; Orientação Vocacional; Palestras e Workshops
Bad & Bold Tattoo Club	Tattoo Club
Berro Motion	Estúdio de motion design e animação 2D e 3D. Traduzimos conceitos e espalhamos ideias de marcas e de causas que acreditamos.
Eat	Estúdio criativo de design, tecnologia e arte experiencial.
Mãe Tô Formado	Cobertura Fotográfica de Formatura
Atelier Gabriela Stragliotto	Artista visual
Kumani	Moda <i>no gender</i> com inspiração africana.
OHKO	Moda
Pandora T-shirts	Moda
Area 51	
Fourge Gestão Estratégica	Empresa que tem por principal objetivo gerar ambientes de gestão estratégica através de soluções originais com características e propostas únicas, trabalhando essencialmente o desenvolvimento das pessoas que fazem parte da organização, gerando resultados positivos para todos
Alright Media	Alright Media é um hub de tecnologias de mídia digital.
Cabify	Empresa de tecnologia legalmente estabelecida onde usuários podem solicitar um motorista particular em qualquer dia da semana, às 24 horas de cada dia, através de um smartphone ou web.
Zeppelin Filmes	Produção audiovisual
Mastermind Franqueadora	Empresa de franquia
W3Haus	Agência de publicidade
Valkiria Café	Cafeteria
Perestroika	Escola de Atividades Criativas.
Aerolito	É uma empresa que acelera futuros desejáveis.
Share Hunter	Market Share
Mission Control	Um laboratório aberto de visualização de dados para a análise em tempo real.
Huia	Estúdio de soluções digitais
Bode	Produção de softwares
Trópico	Loja de roupas
Coworking da Area 51	Empreendimentos no espaço de coworking: YPOM Comunicação Faixa Preta, Anatomia Design, Ambidestro, Carol Casagrande, Return Project, Bem Bolado, Shoppr, Agência HRN, Puro Movimento, Cosmo Neurobranding, Dot Inc, Gioavana Viott, Cleiton Ferraz, Inseed Investimentos, Maré
Cartel 331	
Escartazzini Propaganda	Agência de Publicidade e Propaganda
Smile Flame	Idealização e produção de projetos divertidos e descontraídos baseado em três pilares: disruptivo, positivos, impacto real
Shoot the Shit	Cria projetos de comunicação para impacto social. Estúdio que usa a criatividade para conectar marcas, pessoas e a cidade.
Sopa Digital	Produção audiovisual

Sabujo Filmes	Produtora audiovisual independente, voltada para produção de documentários, conteúdo cultural e reportagens.
Casa de Amapola	
Pâmela Nunes	Consultoria de visagismo
Keka Tattoo	Tatuadora
Liv Brasil Beachwear	Confecção de moda praia
Closet Detox	Consultoria de estilo com foco no consumo consciente
Plural Línguas e Culturas	Coletivo de professores independentes, que oferecem aulas personalizadas privativas ou para pequenos grupos.
O Amor é Simples	Vestidos de noiva e acessórios
pH ácido	Estúdio de comunicação com foco na área da cultura
Gabriela Seibel	Marca de moda feminina
Lisa Roos Fotografia	Fotógrafa
Serata Arquitetura de Eventos	Produção de eventos
Aresta Cultural	Produtora e coletivo cênico
FLAMINGOwtf	Comunicação e Design Gráfico
Teto Verde Beleza Consciente	Salão de beleza que trabalha com produtos orgânicos, ecológicos, sustentáveis, naturais e saudáveis
I Do	Bazar de Vestidos de Noivas
Casa Garibaldi	
Se Essa Casa Fosse Minha	Especializada em Playground para Gatos
Estúdio 4impar Arquitetura e Gestão	Grupo de arquitetos e urbanistas que desenvolve soluções para as pessoas e para a cidade.
Atelier Botânico Bom Fim	Produz terrários, jardins e mini jardins em vasos confeccionados artesanalmente. Também projeta e executa pequenos espaços vegetados, constrói decks, jardins verticais e pequenas hortas.
CC100	
Clemente Design	Empresa de design gráfico
Semente Negócios	Desenvolve e executa programas inovadores de educação empreendedora.
Estúdio Anexo	Estúdio para locação com luz natural, aconchegante, climatizado e bem localizado.
Outlet & Café	Cafeteria e outlet de marcas consagradas com preços acessíveis.
Cogumelo Gestão Criativa	Criação de novos negócios, novos produtos, marcas, projetos: com alma, emoção e encantamento.
C+P Consultoria	Gestão Comercial com foco em desenvolvimento de equipes e liderança e Planejamento de Vendas. Representação de produtos químicos. Soluções B2B e B2C.
BBDU	Produtos para crianças
Rimaz Arquitetura	Escritório de arquitetura
Karen Berta Arquitetura	Escritório de arquitetura. Projetos residenciais, promocionais e comerciais.
Distrito Empreendedor	
Associação Gaúcha de Startups	Instituição aberta e sem fins lucrativos focada em ajudar empreendedores digitais.
New-e	Tecnologias limpas, energia renovável, eficiência energética e ambiente. Laboratório de educação e negócios para spin-offs científico-tecnológicas.
Bem de grana	Planejamento financeiro personalizado para você sair do vermelho sem fazer novos empréstimos e ficar Bem De Grana.
Tô sabendo	Nasceu com o propósito de sensibilizar a comunidade empreendedora sobre os benefícios da colaboração na geração de conhecimento.
Esfera sustentável	Produtora de conteúdo e estratégias digitais com foco em sustentabilidade.
Corpo com equilíbrio	Uma empresa de saúde que estimula uma mudança de mentalidade através de cursos específicos com profissionais capacitados de diversas áreas.
Melt Water	Utiliza inteligência de mídia para criar estratégias.
Be More Dog	Comunicação e design
Mesppeer	Realidade virtual
Dixon	Estratégias de comunicação, produção de conteúdo e relacionamento.
InovaTecEdu	Metodologias inovadoras para educação
Vida de Titã	Desenvolvimento pessoal
Galpão Makers	

Archmakers	Móveis
Bárbara Lorenzoni	Arquitetura; Design
Clube de Costura Livre	Projeto de compartilhamento de ideias e técnicas que envolvem a criação e confecção de peças do vestuário.
Dreher 1989	Moda
Estúdio Terra Mater	Objetos de madeira, têxtil e cerâmica
Hands On	Oficinas de fabricação digital
IronWood	Móveis & objetos em metal e madeira
Ksulo	Marcenaria
la.e.ca	Design de produtos
Loucos por carne	Acessórios em couro
Lu Oliveira Arte em Flora	Decoração para eventos projeto e execução
Figaro Laser Cut	Design, corte e gravação a laser
Luz Feito à Mão	Oficina de iluminação
Machina fabricação digital	Recortes em router cnc
Onomatocentópia	Arquitetura efêmera
PALA	Arquitetura, design & direção de arte
República	Framebuilder
Samuel Biron Arquitetura	Arquitetura
SERLO	Criação de seres em madeira e pedra
Solka	Móveis feitos à mão
Solabici	Bicicletas retrô sob medida
Stuff Wood	Madeira, marcenaria e fornitureiras
Vert	Madeira, marcenaria e fornitureiras
weørn * design livre	Design livre
Marquise 51	
Marquise 51	Hub criativo formado por artistas e empreendedores em movimento que trabalham com o conhecimento, inovação e cultura como negócio.
Madrecita	Empresa voltada para elaboração e produção de projetos culturais com foco em eventos e projetos de rua.
Todt Produções	Booking, agenciamento de bandas, produção de shows e eventos e projetos culturais.
Konnekt	Empresa brasileira responsável por bookings exclusivos de artistas nacionais / internacionais, produções de eventos, escola de música e produção de música.
O Bestiário	O Bestiário é espaço compartilhado por artistas que conta com micro galeria e oferece também oficinas e cursos de arte.
Morrostock	Festival de música
Nomad - Gamana	Produtora Cultural que visa o desenvolvimento de projetos relacionados às áreas de música, artes cênicas e dança.
Ponto Inovação Social	Agência de inovação social que desenvolve ideias para melhorar a vida das pessoas.
Worldhaus Music	International Music Company
Quintal Cultural	
Cozinha da Tribo	A Cozinha da Tribo faz almoços sem ingredientes de origem animal
Bianca Lagasse Cozinha Vegetariana	Gastronomia
Carol Azambuja Cozinha Criativa	Gastronomia
Dzy Arquitetura e Design	Arquitetura e Design
Flamingo Wtf	Design gráfico
Connsulting	Consultoria de Negócios e Branding

APÊNDICE D - ATIVIDADES NAS CASAS COLABORATIVAS

As atividades aqui listadas foram realizadas nas casas colaborativas entre janeiro de 2016 e dezembro de 2017 e mapeadas a partir da divulgação nas páginas das mesmas no Facebook. As imagens de divulgação encontram-se em uma pasta digital no endereço: <https://goo.gl/uBc62n>

Acervo Independente
Comercialização de produtos: Brechó Garimpo e Feira Me Gusta.
Cursos e oficinas: de artes visuais.
Eventos: Festival de despedida do Acervo Independente; Festa de 3 Anos do Acervo, Exposições de Artes Visuais e Audiovisual.
Aldeia
Comercialização de produtos: Bazar de desapegos, brechós.
Cursos e Oficinas: literatura, gastronomia, botânica, estamparia, construção civil, aquarela, canto, história, aulas de dança, integral bambu.
Encontros: Ensaaios de espetáculos, Encontros de leitura.
Eventos: Apresentações musicais, Saraus, Lançamentos de livros, FestiPoa Literária.
La Casa de Pandora
Projetos: A Potência da Vida, participação na Virada Sustentável.
Eventos: Festival da Boa Vizinhança.
Nimbus
Não foram divulgadas atividades no período.
Paralelo Vivo
Cursos e oficinas: Cozinha criativa pais e filhos, Yoga, workshop com Gustavo Tanaka, "Plataforma Social, Ambiental e Sustentável - Construção de Municípios Lixo Zero", horta.
Encontros: ZIS Talks, A Arte da Colaboração @POA.
Eventos: Celeblaster, palestras, Conversas 4D - criando futuros desejáveis agora!, Sem Amarras, Conexões Sustentáveis, Happy Hour.
Projetos: estação de recarga para carros elétricos no Shopping Total, ponto de entrega de guarda-chuva quebrado.
TransLAB
Comercialização de produtos: Espaço Orgânico.
Cursos e oficinas: estrutura de sombreamento com resíduos, horta em pequenos espaços, Sociocracia 3.0, Gamestorming, Laboratório Hackerativosta Urbano, A cultura brasileira e a cidade para além do ocidente, Estaleiro Liberdade, Plantando Saúde, Design de Serviços para Negócios de Impacto, Arduino Básico, Moda e Sustentabilidade: um panorama completo, Sustentabilidade do Eu Sozinho, Identificação e Cultivo de PANCs, Hidroponia, Feche os olhos para ver!, Design de Superfície, Resultados Online - Adwords GBG.
Encontros: Cuidar de Quem Cuida da Educação, debate sobre desenvolvimento urbano com foco no 4º Distrito, Lançamento Guerreiros Sem Arma 10ª Edição, Tudo que não é inverno é verão.
Eventos: In:Fest:Ação, Arraial Vizinheiro Solidário, Vizinheiro na Calçada, Celebração Crowdsourc, Primeira Semana TransLAB.URB.
Projetos: Visionários da Cidade, Vaga Viva, Garagem Social, DesFAZ, Cine Talk POA, Fashion Revolution POA.
Vila Flores
Comercialização de produtos: Junção Makers, Mingau, Brechó de Desapegos, Feira Medieval, Desapega Lá em Casa, Tô na Rua, Feira Boas Ideias de Sustentabilidade.
Cursos e oficinas: Yoga, capoeira, meditação, confecção de presentes de Natal com a Re-ciclo, audiovisual e artes visuais, saúde na horta, samba de roda e percussão, Todo negócio tem um plano, edição de vídeos, compostagem com minhocário de balde, Criadoras na Obra - Oficina de Elétrica, Bonne Chance - francês com refugiados, Arduino para criativos, danças afro-brasileiras, Arduino TecnoFashion, Treinamento Real Power, Teatro de Sombras, Earth Power, escrita criativa, Renderização 3D, Performance e Sustentabilidade em Intervenções Urbanas, Introdução ao Docker, Educação em Direitos Humanos: aprender com a diferenças, Programação web com Ruby, Fotografia de Moda, Aprender Brincando, Percurso de estudos em Filosofia da Diferença, Formatação de Projeto Cultural, Venda Seu Peixe!, Teatro de Papel, Noções Gerais de Construção, Brincando e Textualizando, Cimento & Batom, Next Citizens.

<p>Encontros: sobre criptomoedas, blockchain e bitcoins; Mulheres na vanguarda da (r)evolução, Conversões, Encontro de Terapeutas Ocupacionais, III Encontro Sul de Produtoras Culturais Colaborativas, Formando Famílias Leitoras, Encontros Vila Flores 60+, Educação no Unleash Lab 2017, Incubadora de Comunidades, Relatos de Chegada, Comunicação Não Violenta, Dialogando as Diferenças, Roda de Conversa com Elizabeth Ryan UN Global Compact Cities Programme, Bate Papo com artistas, Café da Manhã do Projeto Lixo Zero, Encontro Cidade: uma construção coletiva, Happy Hour Criativo, Cine Clube Ameixa, Palestra de Ariadne Antico.</p>
<p>Eventos: Breu - Cinema de Roda, Projeto Simultaneidade, apresentações musicais, exposições de artes visuais, 10 anos da 1%, performances, ONU-Habitat Urban Thinkers Campus, Dia de Los Muertos, mostra de vídeos, HUB Rede de Criadores, espetáculos teatrais, I Love Laurita - Conversas Secretas, Somnabici, I Vila Consciência, Lançamento da Campanha Instinto de Vida, Eu Re-Ciclo, Cine Theatro Remix, A Alma - Ópera Rock, Organs o Thrones, Randevu Vila Flores, Cine Vila, NerdVal, Brasilidades, As Batucas, Deslocamentos 4D, Festival de Beltane, Sementes Urbanas, Festival da Primavera, Circuito Start Culinária Orgânica: do plantio à compostagem, Semana Luz, Semana do Audiovisual, Vila Verde - uma tarde de arte e natureza, 1º Festival da ZIS POA, III Gera Encontro: Trabalho e Arte, Terceiro Setor e Empreendedorismo Social, Sabadeira FEJERS, Conexões Globais, Repensar a sala de aula: conectando o currículo à prática.</p>
<p>Projetos: residência artística, voluntariado SAP Social Sabbatical for Local Engagement, filmagens do filme Avental Rosa, Croquis Urbanos Porto Alegre, filmagens de videoclipes, Vila Flores - Uma Experiência Aberta.</p>
<p>ZAC - Zona de Aprendizado Criativo</p>
<p>Cursos e Oficinas: caligrafia, bordado, sign painting, aquarela, estamperia, marketing digital para moda, Curso de Formação Contínua em Filosofia Budista, Alimentação Viva.</p>
<p>Eventos: ZAC in Littera #1, apresentações musicais.</p>

APÊNDICE E - ATIVIDADES NOS ESPAÇOS COLETIVOS

As atividades aqui listadas foram realizadas nos espaços coletivos de produção entre janeiro de 2016 e dezembro de 2017 e mapeadas a partir da divulgação nas páginas dos mesmos no Facebook. As imagens de divulgação encontram-se em uma pasta digital no endereço: <https://goo.gl/uBc62n>

A Casa
Cursos e oficinas: Yoga, workshop Saindo da Caixa.
Eventos: portas abertas.
Area 51
Comercialização de produtos: Feirinha Liberté, Modaut, Palelera, Brick de Desapegos.
Cursos e oficinas: Todo lixo é um erro de design, bordado empoderado, Sustentabilidade do Eu Sozinho.
Encontros: exibição do documentário Paris is Burning, Vivências Criativas, "o que nos une?" , Ecosistema Empreendedor.
Eventos: Music Trends, Papo de Grana, Protagonismo LGBTI, Hello Mídia, For Rainbow, Semana Municipal do Jovem Empreendedor, Creative Mornings, re.movies, Fuckup Nights, PechaKuchaPOA, in.verso Festival de Arte Urbana, Crowd Função, Precisamos falar sobre trabalho.
Projetos: Mindfulness, Bons Ventos Orgânicos, Porto Alegre Lixo Zero, Tribo viva, Dia das Minas.
Cartel 331
Não foram divulgadas atividades no período.
Casa de Amapola
Comercialização de produtos: I Do, Closet Detox.
Cursos e Oficinas: clutch de crochê, storytelling, técnicas de costura de cadernos feitos à mão, aquarela, DO IT YOURSELF - Desintoxicando o próprio closet, caligrafia, workshop Closet Detox, xilogravura, Bordado Empoderado.
Encontros: Relatos de viagem.
Eventos: Tudo Junto & Misturado, Patas Dadas, Mini Expo Whatafuck Aquarela.
Projetos: Arara Amor, Fashion Revolution.
Casa Garibaldi
Não foram divulgadas atividades no período.
CC100
Cursos e oficinas: Pixel Art, Fotografia, Analytics, Insight - o poder do visual thinking, Design Thinking para o RH, Criatividade na Prática, Design para Não Designers, Lego para RH, arte e lettering com giz, UX/UI Design de Apps, Improvida Improvisação Aplicada, Super aula de biologia, modelagem, Next Citizens, Visionários Avante, Entendendo Seu Bebê.
Encontros: Empotenciamento, Papo de Grana, Circuito StartupRS Sebrae, Assuma o Controle da Sua Vida Financeira, Palestra sobre Realidade Virtual, Palestra sobre Service Design.
Eventos: TALKS, Inauguração do Outlet & Café, FeliSer, Business Partner para RH, Fazendo negócios com o LinkedIn, Gestão de Crise, Movimentos inventivos da pesquisa, clínica e política, Clube de Noivas, lançamento de coleção de lingerie, Semente da Mudança, Business Game, Modelo MVS, Creative Mornings, Gamification, Social Media Day, Circuito Startup, Cliques Urbanos.
Distrito Empreendedor
Comercialização de produtos: WeSell.
Cursos e oficinas: Campanhas no Facebook com foco em vendas, Tomada de decisões competência para evoluir, Aprenda a economizar com pequenos hábitos, openFOAM, Faça seu dinheiro trabalhar por você, Como construir uma confiança inabalável, Como poupar e investir seu dinheiro, Programação para iniciantes, Captação de Recursos Financeiros, Arduino, Poupe com Pouco.
Encontros: Conectando idades - construindo resultados, Inteligência Emocional para Alta Performance, Craft Way - tirando sua ideia do papel, Corpo com Equilíbrio, Empreendedorismo: Encontre o elo entre o sucesso e a felicidade, Por que investir fora do Brasil?, Startup Class, Talk de autodesenvolvimento dos youtubers, Biônica: Soluções da Natureza, MeetUp, Aperfeiçoamento em desenvolvimento de produtos inovadores, Ecosistema Empreendedor, Os colaborativos estão chegando, Teste de software - Fundamentos e Carreiras.

Eventos: Jornada Ímpar - criatividade e inovação para um mundo em transição, Happy Hour, Happy Science Hour, AUrraial do Patas Dadas, Semana Municipal do Jovem Empreendedor.
Galpão Makers
Comercialização de produtos: Bazar Gang & Patas Dadas.
Cursos e oficinas: Costura Livre - Edição especial upcycling, workshop de luminárias DIY, workshop de fabricação digital, curso de Revit, Arte sobre rodas, oficina de iluminação cênica aplicada.
Encontros: Representação Feminismo e Divas Pop.
Eventos: Isto Não é Um Lançamento: Dreher 1989, Dalegalpão, lançamento coleção Yugen, Ocupa Galpão Makers.
Marquise 51
Comercialização de produtos: Brechó de Desapegos, PopUp Market.
Cursos e oficinas: Sobre Viver de Música, Tarot & Autoconhecimento, Escola Criativa de Verão, workshop sobre conteúdo para YouTube, Next Citizens.
Eventos: participação em eventos sobre o segmento musical, exposições de artes visuais d'O Bestiário, ZIS POA Bike Friendly Festival, Sábado Efervescente, Green Drinks POA.
Projetos: Incubadora de Bandas, ComunaMorrostock.
Quintal Cultural
Comercialização de produtos: almoços da Cozinha da Tribo, Jantar à Francesa, Brechó no Quintal, Noite de Tapas, Feira de alimentos orgânicos, Noite das Massas, Loxinha no Quintal, Bazar no Quintal, Brunch no Quintal, Brechó de Desapegos.
Cursos e oficinas: Técnica vocal, violão e teoria musical, caligrafia, encadernação de sketchbook, presente de comer, oficina de canto.
Encontros: Roda de conversa na Semana Lixo Zero, Bate-papo sobre literatura, Palestra Divas Pop e o Feminismo, Palestra O universo conspira - percepção na consciência coletiva, reunião mensal das casas colaborativas.
Eventos: apresentações musicais, lançamento de livros, Sarau no Quintal, espetáculos de teatro, 1º Mofo Games Champ, Afro Raiz, exposições de artes visuais, Noite de Karaokê, Campeonato de Stop, Cine Mindful, Flash Tattoo, Quintal Poeético, Canastra no Quintal, Pocket Burlesco, Deu Match, Noite Hipnótica, Vem pro Sarau com o projeto Leia Mulheres, Cine Bar, exibição do documentário Lanceiros Negros Estão Vivos.

APÊNDICE F - ATIVIDADES NAS OCUPAÇÕES URBANAS

As atividades aqui listadas foram realizadas nas ocupações urbanas entre janeiro de 2016 e dezembro de 2017 e mapeadas a partir da divulgação nas páginas das mesmas no Facebook. As imagens de divulgação encontram-se em uma pasta digital no endereço: <https://goo.gl/uBc62n>

Assentamento 20 de Novembro
Comercialização de produtos: produtos do Grupo Art & Mãe.
Cursos e Oficinas: design de roupas, papietagem, ateliê de costura, aulas de dança de rua.
Eventos: Cumbia na Rua, Arruaça, Festa Junina.
Projetos: projeto educativo Ciranda, Projeto arquitetônico da AH! Arquitetura Humana.
Assentamento Utopia e Luta
Comercialização de produtos: Feira da Terra Viva, Bazares, venda de pães, coquetéis para eventos, venda dos produtos da horta hidropônica.
Cursos e Oficinas: Capoeira, Oficina de alimentação vegana.
Encontros: Debates promovidos pelo Coletivo Abayomi "Segunda Negra".
Kuna Libertária
Comercialização de produtos: brechó.
Cursos e Oficinas: de música (percussão, bateria, violão), circo, fanzine, artes visuais, clown, teatro, dança, capoeira, alongamento, relaxamento, yoga.
Eventos: Sarau Varietê (música latinoamericana, malabares, poesia, freak show, tecido acrobático, clown e rango coletivo), exibição de filmes.
Lanceiros Negros
Comercialização de produtos: brechó, feira de artesanato indígena, Feijoada do MLB, Galetto, marmitas a preço de custo apra a comunidade indígena.
Cursos e Oficinas: corte de cabelos, stencil, música para crianças, dança, boxe, yoga, materiais recicláveis, percussão, teatro, samba, mosaico.
Encontros: Comitê de Apoio à Ocupação Lanceiros Negros, bate papo sobre movimentos sociais e repressão, Ato da Diversidade Religiosa.
Eventos: Cine Debate, apresentações musicais, espetáculos teatrais, exibição de filmes, Cumbia na Rua, Festa Junina, Vigília Cultural, Tarde Cultural, Festa de 1 Ano da Ocupação (novembro de 2016), Dia das Crianças, Sarau Cultural, Sábado Cultural, Ato contra o despejo da Ocupação Lanceiros Negros, Florindo a Ocupação Lanceiros Negros.
Projetos: Creche Anita Garibaldi, Creche Valdete Guerra, Berçário, filmagem de documentário sobre a ocupação.
Mulheres Mirabal
Comercialização de produtos: Brechó da Mirabal, venda de pães.
Cursos e Oficinas: automaquiagem, zine, elétrica (ONG Mulher em Construção).
Encontros: Café Geográfico; rap e resistência feminina; debate promovido pela Unidade Popular Pelo Socialismo - RS sobre as greves que tem acontecido no estado e em Porto Alegre; Reuniões do Movimento Olga Benário; Grupo de estudos de livros feministas.
Eventos: Festival Mirabal, Cinemirabal.
Serviços: Acolhimento de mulheres e seus filhos, serviços de mulheres da Mirabal para a construção civil.
Pandorga
Cursos e Oficinas: Aulas regulares de capoeira, yoga, oficina de bicicleta; oficina de tambor e percussão; oficina de forno de barro; oficina de costura em feltro; oficinas circenses; aulas de línguas estrangeiras; malabares; teatro para crianças.
Encontros: Atividade de manutenção da horta, encontro pós-Massa Crítica.
Eventos: Sarau Desbunde, apresentações circenses, Pandorga Brincante, Cine Pandorga.
Saraí
Cursos e Oficinas: oficina de stencil, oficina de circo, capoeira.
Encontros: Semana Acadêmica FAU UFRGS, plenária estadual do MNLM, recepção de participantes do Fórum das Resistências, plenária metropolitana das mulheres do MNLM, mutirão de reforma do espaço físico.
Eventos: exposição de fotografias Saraí Resiste, Cumbia na Rua, Feijoada dos Aliados de Baixo, Conexões e Resistência, Festa Saraí Vive, evento de rua.

Violeta
Comercialização de produtos: Almoço de Quarta, Jantar Solidário, Pizza Libertária, padaria Violeta.
Cursos e Oficinas: yoga, Saúde e Autonomia.
Encontros: mutirão na horta, Comunicação Não Violenta.
Eventos: performance, exibição de filmes, apresentações musicais, Cine Violeta, Cinema de Calçada.

APÊNDICE G - ATIVIDADES NAS MORADIAS COMPARTILHADAS

As atividades aqui listadas foram realizadas nas moradias compartilhadas entre janeiro de 2016 e dezembro de 2017 e mapeadas a partir da divulgação nas páginas das mesmas no Facebook. As imagens de divulgação encontram-se em uma pasta digital no endereço: <https://goo.gl/uBc62n>

Casa Bosque
Comercialização de produtos: Pão de Beijo do Bosque.
Cursos e Oficinas: Jardins urbanos do projeto ao canteiro, Aulas Dança e Consciência Corporal.
Encontros: Roda Saia, Grupo Despertar do Movimento.
Eventos: Bosque Portas Abertas.
Comuna da Lopo
Eventos: Festa Antinatal, ComunaDeusa.
Comuna do Arvoredo
Comercialização de produtos: Burguer Vegano, Almoço Expandido de Domingo, Arvoreda na Calçada, ponto de coleta dos produtos da Cooperativa GiraSol.
Cursos e Oficinas: Aulas de yoga, Ciclo Permanente e Inconstante de Práticas em Agroecologia na Cidade.
Encontros: Meditações, Comunicação Não Violenta.
Eventos:, Noites de Terça na Arvoreda, Vem pra roda: noite das lobas, Espetáculos de teatro, Festa da Colheita da Ora-Pro-Nóbis.

ANEXO A - OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

- Objetivo 1.** Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares
- Objetivo 2.** Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável
- Objetivo 3.** Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades
- Objetivo 4.** Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos
- Objetivo 5.** Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas
- Objetivo 6.** Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e o saneamento para todos
- Objetivo 7.** Assegurar a todos o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia
- Objetivo 8.** Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos
- Objetivo 9.** Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação
- Objetivo 10.** Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles
- Objetivo 11.** Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis
- Objetivo 12.** Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis
- Objetivo 13.** Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e os seus impactos (*)
- Objetivo 14.** Conservar e usar sustentavelmente os oceanos, os mares e os recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável
- Objetivo 15.** Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade
- Objetivo 16.** Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis
- Objetivo 17.** Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável

(*) Reconhecendo que a Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima é o fórum internacional intergovernamental primário para negociar a resposta global à mudança do clima.

ANEXO B - PRINCÍPIOS DO MANIFESTO THE CITY WE NEED 2.0

✓ CONTENTS

PRINCIPLES FOR A NEW URBAN PARADIGM

1

PRINCIPLE 1:
The City We Need
is socially inclusive
and engaging

page
03

PRINCIPLE 2:
The City We Need
is affordable,
accessible and
equitable

page
05

PRINCIPLE 3:
The City We Need
is economically
vibrant and
inclusive

page
07

PRINCIPLE 4:
The City We Need is
collectively managed
and democratically
governed

page
09

PRINCIPLE 5:
The City We
Need fosters
cohesive territorial
development

page
11

PRINCIPLE 6:
The City We Need
is regenerative and
resilient

page
13

PRINCIPLE 7:
The City We
Need has shared
identities and sense
of place

page
15

PRINCIPLE 8:
The City We Need
is well planned,
walkable, and
transit-friendly

page
17

PRINCIPLE 9:
The City We Need
is safe, healthy and
promotes well-
being

page
19

PRINCIPLE 10:
The City We
Need learns and
innovates

page
21

